

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MIRIAN REJANE FLORES CERVEIRA

O DESVENDAR DA MANDALA RELIGIOSA, ATRAVÉS DO DIÁLOGO
INTER-RELIGIOSO

São Leopoldo

2016

MIRIAN REJANE FLORES CERVEIRA

O DESVENDAR DA MANDALA RELIGIOSA, ATRAVÉS DO DIÁLOGO
INTER-RELIGIOSO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientador: Remí Klein

São Leopoldo

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C419d Cerveira, Mirian Rejane Flores

O desvendar da mandala religiosa, através do diálogo inter-religioso / Mirian Rejane Flores Cerveira ; orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.

148 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Pluralismo religioso. 2. Religiões – Relações. 3. Ensino religioso. I. Klein, Remí. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MIRIAN REJANE FLORES CERVEIRA

O DESVENDAR DA MANDALA RELIGIOSA, ATRAVÉS DO DIÁLOGO
INTER-RELIGIOSO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Religião e
Educação

Data de aprovação: 03/01/2017

Prof. Dr. Remí Klein (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Laude Erandi Brandenburg (Faculdades EST)

Prof. Dr. Hilário Dick (Unisinos)

DEDICATÓRIA

A ti, meu filho amado Marcos Leandro Cerveira Filho, minha inspiração e o maior presente que Deus me poderia ofertar, contigo aprendi o que é amor incondicional, admiro-te por tua garra e tua determinação as quais me contagiam e me impulsionam a não desistir do objetivo traçado.

Amo-te, do tamanho do infinito, indo e voltando... e desejo que estes meus escritos sirvam como testemunho a ti de minha fé e meus ensinamentos a ti passados em tua infância, ensinamentos estes que recebi de meus pais e transmiti a ti.

E nunca te esqueças de que Deus nos ama acima de todas as coisas e tem um propósito para cada um de nós.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que me carregou quando faltaram forças. Pai zeloso, amoroso, carregou-me em seus braços nos momentos do desmaio e do desânimo. Nas manhãs frias do sul quando pensava que não teria forças para levantar, Deus me ergueu e me fez caminhar sobre pedras firmes, dando-me paz nos momentos em que me encontrei incapaz de prosseguir.

E por colocar em meu caminho pessoas amigas e preciosas, que me auxiliavam quando não tinha mais forças.

Não foram as ideias, a paixão pela pesquisa, o referencial teórico que me impulsionaram. Nem mesmo o fato de ter bolsa de estudos, pois sem ela o mestrado não teria acontecido. Mas foi, sobretudo, Deus!

Obrigada Deus, por grandes feitos em minha vida!

Aos meus amados pais Vílcio Carlos Flores e Diva Rezendo Flores, por me receberem no aconchego de seu lar, com vocês eu aprendi o que é família.

Obrigada pelo amor incondicional que dispensaram sobre nossa família e por estarem sempre prontos a ajudarem todas as pessoas sem distinção, vocês são meu exemplo de honestidade, retidão e dedicação.

Obrigada pela educação e pelos ensinamentos que me deram; a pessoa que sou hoje é graças a seus ensinamentos, pois as lições mais importantes que aprendi não foram tiradas da academia, mas, sim, dos ensinamentos que vocês me transmitiram.

Amo vocês e peço todo dia que Deus os proteja e guarde e lhes dê muita saúde.

Ao meu amado esposo, Marcos Leandro Cerveira, por ter permanecido ao meu lado, incentivando-me a percorrer este caminho, por compartilhar angústias e dúvidas, estendendo sua mão amiga em momentos difíceis, me auxiliando no desespero e amparando-me no seu aconchego. Chegar até aqui não foi nada fácil e, se hoje comemoro esta conquista, quero dividir com você, meu amor, que esteve comigo em todos os momentos, que fez dos meus sonhos os seus e dos meus objetivos sua própria luta, que não poupou esforços para que o sorriso que hoje tenho no rosto fosse possível, que, nos dias de fracasso, enxugou minhas lágrimas e

respeitou meus sentimentos. Dizer a você somente obrigada não é o suficiente para demonstrar toda a minha gratidão.

Filho, você é minha maior conquista, ver que você cresceu e de pequeno Marquinhos tornou-se este homem lindo e responsável, Marcos Leandro Cerveira Filho, nos dá a certeza de que valeram a pena todos os ensinamentos e valores que lhe passamos. Obrigada por todo o incentivo e por acreditar que a mamãe era capaz e não deveria desistir. Desculpe não poder mais ajudá-lo nas suas dificuldades em suas práticas pedagógicas, não sei montar placas eletrônicas nem fazer cálculos matemáticos deste nível, mas uma coisa eu sei e fiz por você todos os dias da sua vida, colocar sua vida em oração e súplica diante do trono de Deus para que Ele esteja com você em sua graça e sua misericórdia para realização de seus sonhos. Amo-o infinitamente.

A minhas irmãs e meu irmão, cunhados e cunhada, sobrinhos e sobrinhas que estão sempre comigo em união familiar, obrigada por suas orações e por acreditarem em minhas capacidades.

Aos meus cunhados e cunhadas Cerveira por todo incentivo, apoio e mais que apoio, em especial à Siani Cerveira na ajuda na quantificação dos questionários da pesquisa.

À família Ferreira, agora já não mais primos, mas irmãos de escolha, meu muito obrigada ao irmão diácono José Silon Ferreira por participar conosco na culminância da pesquisa que foi a Feira das Religiões e pela sua enorme contribuição na configuração dos gráficos.

Ao padre Hilário Dick, por todo seu carinho e sua colaboração.

À minha orientadora interina professora Laude Erandi Brandenburg, por aceitar esta tarefa de me orientar, quando eu estava totalmente desorientada emocionalmente e em desespero. Meu muito obrigada pelas preciosas palavras de auxílio e encorajamento, por estar comigo na qualificação me representando perante a banca de avaliação.

Ao meu querido orientador professor Remí Klein pela sua disponibilidade, orientação, dedicação na correção de meus escritos, por todo conhecimento passado e todo apoio dado durante todas as etapas que fizeram parte desta pesquisa. Assim como pela confiança que sempre demonstrou para que conseguisse desenvolver este trabalho, pelas pertinentes observações quer metodológicas, quer de conteúdo que foram apresentados e pelos estímulos que,

sobretudo, nos momentos mais difíceis, foram transmitidos. Obrigada por acreditar em minhas potencialidades. Agradeço a Deus pela forma graciosa e bondosa que ouviu nossas orações quando clamamos pela sua misericórdia e sua graça para restabelecer sua saúde. Obrigada por concluir comigo esta etapa.

Não posso deixar de agradecer à direção das escolas que fazem parte de meu cotidiano profissional, à Escola Municipal Lourdes Fontoura por me apoiar me ajudar e compreender minha ausência quando precisava estar presente na faculdade realizando meus estudos, à Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, que me acolheu no ano de 2015 e por arriscarem comigo em uma viagem pedagógica sem mesmo me conhecerem. Muito obrigada à direção, supervisão e coordenação por confiarem em meu trabalho e apostarem neste projeto, que sem dúvida valeu a pena e os frutos colhidos serão preciosos. Aos colegas professores e professoras que me apoiaram e me ajudaram, meu muito obrigada.

Agradeço aos alunos e alunas que embarcaram comigo neste projeto, nesta viagem pedagógica, pois sem vocês esta pesquisa não seria possível.

Minha gratidão é profunda e muito abrangente. Ela dirige-se a todas as pessoas que, no contexto da minha vida profissional e pessoal, com pequenos gestos, com alguns sorrisos, com palavras certas, com um olhar de confiança e de incentivo, me permitiram iniciar, desenvolver e levar ao término este trabalho.

O meu reconhecimento só pode ser um enorme “obrigada à vida”, vida esta que Deus me deu e tem cuidado carinhosamente dela.

“O essencial é invisível aos olhos. Só se vê bem com os olhos do coração.”

"Cada um que passa em nossa vida, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós. Há os que levam muito, e há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada..."

Antoine De Saint Exupery

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo verificar como é percebida pelos alunos a existência do diálogo inter-religioso em uma escola do Município de Sapucaia do Sul. Foram realizadas várias intervenções pedagógicas, a fim de identificar as religiões presentes na vida dos alunos, investigar a ocorrência de diálogo inter-religioso entre os alunos na escola, perceber se há o respeito ao diálogo inter-religioso durante as aulas de Ensino Religioso e demais componentes curriculares e observar a percepção dos alunos em relação à promoção do diálogo inter-religioso em ações da equipe diretiva e do corpo docente. Essa pesquisa foi realizada com alunos do 6º ao 9º anos da rede municipal de educação de Sapucaia do Sul, RS, em períodos de aulas de Ensino Religioso.

Palavras-chave: Diálogo Inter-Religioso. Alteridade. Diversidade.

ABSTRACT

The goal of this paper is to verify how the existence of inter-religious dialog is perceived in a school in the municipality of Sapucaia do Sul. Many pedagogical interventions were carried out in order to identify the religions present in the life of the students, to investigate the occurrence of inter-religious dialog among the students of the school, to perceive if there is respect toward inter-religious dialog during the Religious Education classes and other curricular components and to observe the perception of the students with regard to the promotion of inter-religious dialog in actions of the directive team and the teaching staff. This research was carried out with students from the 6th to the 9th grades in the municipal network of education of Sapucaia do Sul, RS, during the Religious Education class periods.

Keywords: Inter-religious dialog. Otherness. Diversity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Pórtico de entrada	83
Imagem 2 - Painel de Mandalas confeccionadas pelos alunos e alunas.....	84
Imagem 3 - Banca do Judaísmo.....	85
Imagem 4 - Banca formada por prof. Ateus	86
Imagem 5 - Banca para Religiões não Identificadas	86
Imagem 6 - Banca da Umbanda – 7º Ano A.....	88
Imagem 7 - Crianças que entraram levando flores e cantaram.....	90
Imagem 8 - Alunos e alunas em fila na entrada do desfile	90
Imagem 9 - Entrega de cartaz para Mandala	91
Imagem 10 - O cirandar das religiões.....	92
Imagem 11 - O cirandar das religiões.....	92
Imagem 12 - Coreografia do grupo que pesquisou as religiões evangélicas	93
Imagem 13 - Teatro da religião do Hinduísmo	94
Imagem 14 - Teatro da religião do Hinduísmo	94
Imagem 15 - Fala do Secretário da Educação – Sr. Luciano Rodrigues	96
Imagem 16 - Fala do Dr. Prof. Remí Klein.....	97
Imagem 17 - Fala do Pastor da Igreja Evangélica Batista Vílcio Carlos Flores .	97
Imagem 18 - Fala do Representante das religiões Afro-Brasileiras Pai de Santo Sr. Jauri Machado	98
Imagem 19 - Fala de Pe. Representando a Religião Católica Pe. Hilário Dick ...	98
Imagem 20 - Diácono Doutorando José Silon Ferreira	99
Imagem 21 - Ajoelhados de mãos dadas rezando “Pai Nosso”	99
Imagem 22 - Escola municipal sapucaense realiza Feira de Religiões	100
Imagem 23 - Encenação do ciclo da vida do Hinduísmo	101
Imagem 24 - Rádio Líder do Vale	102
Imagem 25 - Entrevista na Rádio Líder do Vale.....	103
Imagem 26 - Entrega do prêmio dos cinco melhores projetos do ano de 2015	103

LISTA DE GRÁFICOS

Quadro 1 – Idades e Sexo	107
Gráfico 1- Em qual ano você está estudando?.....	108
Gráfico 2- Qual sua Religião?.....	109
Gráfico 3- Participação na Feira das Religiões.....	110
Gráfico 4- Convicção Religiosa.....	111
Gráfico 5- As outras religiões também são certas?.....	112
Gráfico 6- Você já visitou outra Religião?.....	113
Gráfico 7- Com qual frequência você vai a um local sagrado religioso?.....	114
Gráfico 8- Você gostou de ver todas as religiões apresentando-se na Feira das Religiões?.....	115
Gráfico 9- Você achou bom estudar Religiões cultuadas no Brasil?.....	116
Gráfico 10 - Você gostou de participar da Feira das Religiões e ver o diálogo inter-religioso?.....	117
Gráfico 11 - Você gostou de participar da Feira das Religiões?.....	119
Gráfico 12 - Você tem medo de outra religião?	120
Gráfico 13 - Você acredita que a religião determina se a pessoa é boa ou má?	121
Gráfico 14 - Após conhecer outras religiões na Feira das Religiões, o que você pensava sobre elas mudou?	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DENTRO DOS MUROS ESCOLARES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	27
1.1 O Ensino Religioso toma posse de seu lugar	27
1.1.1 <i>Religião & Religiosidade</i>	27
1.1.2 <i>Ensino Religioso na Escola</i>	30
1.1.3 <i>Diálogo inter-religioso</i>	34
2 DESVELANDO OS OLHOS DA ALMA EM BUSCA DE UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	47
2.1 Conceitos pertinentes ao mundo religioso	49
2.1.1 <i>Religião</i>	49
2.1.2 <i>A liberdade de opção religiosa</i>	50
2.1.3 <i>Transcendência</i>	53
2.2 Aspectos convergentes das Religiões	55
2.2.1 <i>Doutrina</i>	55
2.2.2 <i>Teologia</i>	55
2.2.3 <i>Rituais</i>	56
2.2.4 <i>Templos</i>	56
2.3 Amor	57
2.3.1 <i>Amor Ágape</i>	58
2.3.2 <i>Amor Philos</i>	58
2.3.3 <i>Amor Eros</i>	59
3 MANDALA DAS RELIGIÕES	61
3.1 Religiões Literárias	61
3.2 Religiões não Literárias	62
3.3 Religiões do Mundo	62

3.3.1 Judaísmo.....	63
3.3.2 Cristianismo.....	64
3.3.3 Islamismo	66
3.3.4 Hinduísmo	67
3.3.5 Budismo	69
3.3.6 Espiritismo.....	70
3.3.7 Religiões Afro-Brasileiras	72
4 O CIRANDAR DAS RELIGIÕES NA SEMEADURA DA PAZ.....	78
4.1 Feira das Religiões, Sementes da Paz.....	81
4.2 Repercussão	100
4.2.1 <i>Jornal VS</i>	100
4.2.2 <i>Jornal Líder do Vale - Escola Municipal Sapucaense Realiza Feira Das Religiões</i>	101
4.3 Análise de Questionários.....	106
CONCLUSÃO	125
REFERENCIAS	129
APÊNDICE 1	135
APÊNDICE 2	137
APÊNDICE 3	139
ANEXO 1	143
ANEXO 2	145
ANEXO 3	147

INTRODUÇÃO

O diálogo inter-religioso tem sido motivo de debate nos mais diversos espaços em todo o mundo. Andrés Torres Queiruga define como diálogo inter-religioso o processo de entendimento mútuo entre diferentes tradições religiosas¹; é uma comunicação e um compartilhar de vida, visão e reflexão por fiéis de religiões diferentes na busca de descobrir, juntos, o trabalho do espírito entre eles.

Nelson Mandela, na defesa da liberdade e da paz, também traz um discurso sobre o diálogo inter-religioso: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”²

Leonardo Boff dedica-se hoje com energia ao tema, mostrando novas sintonias de abordagem. Ele assinala, no prefácio do livro *Teologia latino-americana pluralista da libertação*, que, assim como existe “a imensa biodiversidade na natureza como fato e como incomensurável valor que merece ser preservado, de forma semelhante existe a diversidade das religiões, que são de fato valores a serem apreciados, pois são manifestações do humano e da experiência religiosa da humanidade”.³

O Rabino Henry Sobel expressa isso muito bem, ao afirmar: “Temos que permanecer, todos nós, enraizados em nossas respectivas tradições, sem jamais violar aquilo que é sagrado para cada um de nós. Mas, ao mesmo tempo, temos que reconhecer a santidade do credo e das tradições alheias.”⁴

Nesse sentido, podemos observar a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – mais especificamente o artigo 33, que destaca a importância da temática referente à diversidade religiosa:

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas

¹ QUEIRUGA, Andrés Torres. *O Diálogo das Religiões*. São Paulo, Paulus, 1997.

² MANDELA, Nelson. *Autobiografia de Nelson Mandela: Um longo caminho para a liberdade*. São Paulo: Editora Planeta, 2012. p. 410.

³ BOFF, Leonardo. Prólogo. In: TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁴ BARROS, Marcelo. *O Sonho da Paz - A Unidade nas Diferenças: Ecumenismo Religioso e o Diálogo entre os Povos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

públicas de ensino fundamental, e assegura o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.⁵

A presente dissertação tem como finalidade investigar as manifestações do sagrado no coletivo. Seu objetivo é analisar e compreender o sagrado enquanto o cerne da experiência religiosa do universo cultural, que se contextualiza no cotidiano social de inter-relação dos diversos sujeitos, através do diálogo inter-religioso.

O estudo tem como base os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso*, segundo os quais a razão de ser do Ensino Religioso é trazer acesso ao conhecimento produzido pela humanidade e o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa, através de valores e atitudes. Conhecimento esse adquirido de geração a geração, por meio de histórias cantadas e contadas. Nesse sentido, uma vez que cada tradição tem suas verdades próprias, a troca de experiências dar-se-á pelo diálogo inter-religioso, sabendo-se que nenhuma tem maior ou menor importância, pois para cada praticante a sua religião tem grande importância.

Compete a nós, enquanto educadores, oportunizar a integração de experiências e desmitificar medos, que geram preconceito em relação a certas religiões. Assim, as pessoas podem tornar-se capazes de compreender as diferentes culturas, respeitando o outro na sua diferença.

O Brasil é oficialmente um Estado laico, palavra esta que significa liberdade de escolha religiosa, pois a Constituição Brasileira e outras legislações preveem a liberdade de crença religiosa aos cidadãos, além de proteção e respeito às manifestações religiosas. No artigo 5º da Constituição Brasileira (1988), está escrito: “Inciso VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”⁶

No mundo atual, não há mais espaço para ações radicais, como preconceito e intolerância, sejam raciais, de gênero ou religiosos. O diálogo inter-religioso visa a desenvolver nos alunos o respeito às diferenças de religiões e crenças existentes no nosso país, garantindo a liberdade de expressão, formando um cidadão digno e responsável, ciente dos seus direitos e deveres para com a sociedade.

⁵ BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e CULTURA. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: 1996.

⁶ BRASIL. *Constituição do Brasil*. 1988.

A fim de compreender esse problema, esta dissertação inicia apresentando uma revisão teórica da temática para, em seguida, verificar de que maneira essas concepções se articulam com a realidade enfrentada na escola.

O método utilizado nessa busca é, fundamentalmente, a revisão bibliográfica, somada à observação que se realizou, em um primeiro momento, na E.M.E.F. João de Barro com alunos do 6º ao 9º anos, visando a um diálogo de saberes religiosos, praticado por alunos em sala de aula, em horários de períodos de Ensino Religioso.

A escola possui em seu quadro efetivo aproximadamente quarenta (40) professores, dez (10) funcionários e uma equipe diretiva formada por Diretor, Vice-diretora, Orientadora Pedagógica e Supervisora Pedagógica. A escolha da equipe diretiva é através de indicação da Secretaria de Educação. O Conselho Escolar é formado por um (01) representante e suplente de cada segmento e a equipe diretiva permanece em suas funções por três anos, podendo ser alterada ou não conforme indicação da Secretaria de Educação. O Regimento Escolar é construído pela comunidade escolar, com a participação de todos os segmentos, e promulgado pelo Conselho Municipal de Educação.

A instituição escolar localiza-se na periferia da cidade. Está bem equipada em relação à estrutura física, tendo plenas condições de acolher os alunos com aulas bem criativas, utilizando recursos apropriados, tais como laboratório de informática, biblioteca, sala de vídeo e quadra esportiva com ginásio coberto.

Houve a apresentação do projeto de pesquisa aos alunos. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas escritas e oralmente, através do diálogo inter-religioso, para identificar quais religiões estão inseridas nas experiências cotidianas de nossos alunos e alunas, contemplando inclusive o pertencimento por um mesmo indivíduo a mais de uma religião, conforme a fé de herança, vinda de seus pais. Houve diálogo contemplativo sobre como cada aluno visualiza a tradição religiosa do outro, proporcionando rupturas de paradigmas.

Realizou-se o diálogo inter-religioso em sala de aula quando cada aluno explicou os rituais de sua tradição religiosa. Posteriormente, fizemos a coleta de dados mais detalhada sobre cada religião contemplada em sala de aula, para assim podermos valorizar o pluralismo e a diversidade religiosa, possibilitando o esclarecimento sobre o direito à diferença, tendo na liberdade de escolha seu valor inalienável.

Tivemos no final desta intervenção pedagógica o fechamento da pesquisa através de dados levantados por meio de questionário e coleta de dados específicos sobre o cotidiano de cada aluno com a apresentação da feira das religiões, onde tivemos a apresentação da “Mandala das Religiões”, quando cada grupo de religião se apresentou à comunidade escolar.

1 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DENTRO DOS MUROS ESCOLARES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

1.1 O Ensino Religioso toma posse de seu lugar

1.1.1 *Religião & Religiosidade*

Nessa primeira parte da pesquisa, apresentamos uma breve revisão do que já se publicou a respeito da temática proposta. Assim, nosso trabalho nesse momento é, fundamentalmente, de compilação de parte relevante da bibliografia existente sobre o tema e devidamente trabalhada ao longo do curso do Mestrado.

A História mostra-nos que o ser humano é um ser religioso desde os primórdios. As primeiras manifestações humanas de um sentimento religioso surgiram nos períodos Paleolítico e Neolítico e expressavam-se por um vínculo com a Terra e com a Natureza, os ciclos e a fertilidade. Nesse sentido, a adoração à Deusa Mãe, à Mãe Terra ou Mãe Cósmica estabeleceu-se como a primeira religião humana.

Os religiosos gregos e romanos acreditavam na existência de vários deuses; os judeus, muçulmanos e cristãos acreditam que há apenas uma divindade, um ser impossível de ser sentido pelos sensores humanos e que é capaz de provocar acontecimentos extraordinários que podem favorecer ou prejudicar os seres humanos.

Vemos, então, que o fenômeno religioso é anterior a toda religião. O ser humano é naturalmente religioso, tem uma dimensão religiosa que é natural, intrínseca. A pessoa humana foi criada pelo Transcendente como unidade inacabada e em construção, é um ser finito, que teve início e terá fim, chamado ao Transcendente, que é infinito.

Religiosidade é parte fundamental integrante do conhecimento humano, como afirma Cortella: “Não nascemos prontos.”⁷ Desde que o ser humano começou a ter consciência das coisas, ele já percebeu a existência de algo superior a si, que foge da sua compreensão. Essa mesma interpretação foi feita por vários povos e

⁷ CORTELLA, Mário Sérgio. *Nos Labirintos da Moral*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

culturas diferentes, concluindo-se que vem da mesma fonte inspiradora que chamamos de Transcendente.

Para tornar mais objetivo o assunto, busca-se o sentido da palavra “transcendente”, que, segundo o dicionário Aurélio⁸, apresenta muitos significados, como: algo muito elevado, superior, sublime, excelso, que transcende aos limites da experiência possível, que supõe a intervenção de um princípio que lhe é superior.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso* (FONAPER)⁹, o transcendente é um fenômeno religioso. Entende-se por fenômeno religioso o processo de busca do ser humano pela Transcendência, que passa pela experiência pessoal até a experiência religiosa em grupo, comunidade, até a institucionalização pelas Tradições Religiosas. Nesse contexto, o Ensino Religioso é o subsídio que vai ao encontro do educando, para ajudá-lo a entender o que é o fenômeno religioso.

Junqueira¹⁰ diz que não é “função do Ensino Religioso escolar promover conversões, mas oportunizar ambiente favorável para a experiência do Transcendente, em vista de uma educação integral, atingindo as diversas dimensões da pessoa.”

Essa dimensão religiosa impulsiona o ser humano a buscar sua realização plena na constante superação de seus limites, buscando respostas a perguntas existenciais sobre o mistério da vida, para melhor compreender a si mesmo e para compreender o mundo e os fatos que nele ocorrem, como o porquê da vida, da dor, da doença, da guerra, do mal e da morte.

Segundo Gaarder¹¹, “os gregos imaginavam o mundo como uma massa (caos) que foi organizada por um poder divino e se transformou no mundo ordenado, que hoje conhecemos como ‘cosmo’”.

No Egito antigo, havia a ideia de que o mundo tinha saído de um ovo; já para os judeus e cristãos, conforme a teoria do criacionismo, Gaarder diz que a história contada no Livro de Gênesis “não menciona nenhum material ou substância

⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

⁹ FONAPER. *Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7. Capacitação para um novo milênio. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana*. Curitiba: Ave Maria, 2000.

¹⁰ JUNQUEIRA, Sérgio. *O desenvolvimento da experiência religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 14.

¹¹ GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 25.

primordial: conta de uma criação feita do nada.”¹² É por meio da palavra falada que a criação ocorre. Deus disse: “Haja luz”, e a luz se fez.

O livro de Gênesis, citado por Gaarder em sua obra *O livro das Religiões*, descreve que “o ser humano havia sido criado à imagem e semelhança do criador, vivia em comunhão com seu criador”, e, por isso, não havia necessidade de uma religião, pois “o ser humano e o criador conversavam diariamente”.¹³ Porém, o ser criado tinha livre arbítrio para escolher entre o bem e o mal; feita a escolha errada, houve a quebra da ligação entre o criador e o ser criado, vindo então as consequências, em que o ser humano pagou o preço do rompimento do diálogo, da confiança, através da dor e do suor do trabalho¹⁴; o ser humano vira as costas para o Transcendente, e há aqui o desligamento da comunhão.

Após esse corte de comunhão entre o ser humano e o Transcendente, o ser humano sente-se no “CAOS”, no abandono, no escuro, e, nesse momento de “CAOS” absoluto, ele busca diversas formas de reatar o seu relacionamento com o ser supremo. Nessas diversas buscas de voltar à situação anterior, de total conforto e tranquilidade, surgem as religiões, nessa tentativa de religar o ser humano ao Transcendente. Através de um conjunto de crenças, normas, ritos e costumes, surge a diversidade religiosa. Essas religiões são diferentes entre si, porque cada uma é fundada por pessoas diferentes, em comunidades diferentes, em diferentes regiões; logo, têm doutrinas diferentes, mas dialogam em um ponto comum, que é religar o humano ao Transcendente.

Religião, então, segundo Lactâncio (século III e IV), é o termo que vem de *religare*, religar, argumentando que a religião é um laço de piedade que serve para religar os seres humanos a Deus. No livro *A Cidade de Deus*, Agostinho de Hipona¹⁵ (século IV) afirma que *religio* deriva de *religere*, “reeleger”. Através da religião, a humanidade reelegia de novo a Deus, do qual se tinha separado. Mais tarde, na obra *De Vera Religione*, Agostinho retoma a interpretação de Lactâncio, que via em *religio* uma relação com “religar”.

¹² GAARDER, 2000, p. 25.

¹³ GAARDER, 2000, p. 25.

¹⁴ ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁵ Um desses homens de Deus, dotado de uma mente criativa e intenso desejo de cavar mais profundamente na Palavra de Deus e que ajudou a pavimentar o caminho das grandes progressões do pensamento teológico foi o africano Agostinho de Tagaste (354-430), bispo de Hipona.

Vemos, então, que religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social.

1.1.2 Ensino Religioso na Escola

O componente curricular de Ensino Religioso nas escolas, no decorrer da História, sempre esteve marcado pelas relações que se estabeleceram entre o Estado, a Igreja, a política e a religião, as quais definiam sua natureza e seu papel. Decorre daí toda a discriminação com esse componente curricular, sendo criados uma problemática e debates que envolveram o sistema educacional em que o Ensino Religioso é entendido como um elemento eclesial na escola, sendo tratado como um apêndice do sistema escolar e como elemento estranho na base curricular.

A intenção, neste momento, não é fazer um estudo panorâmico das fases passadas pelo Ensino Religioso, distintos momentos sociopolíticos vividos pelo Brasil nestes 500 anos, que foram muitos, mas reafirmar que nessa época referendada acima a Religião oficial do Império era a “Religião Católica Apostólica Romana”, conforme a Carta Magna de 1824.

Esse componente curricular era estranho no seu conteúdo e indefinido quanto ao seu profissional de atuação. Por isso, objetiva-se a compreensão da busca do Transcendente e do sentido da vida, que dá critérios e segurança ao exercício responsável de valores universais, base da cidadania. Esse processo é anterior a qualquer opção religiosa.

Segundo Follmann, “o Ensino Religioso proporcionará o reconhecimento de cada indivíduo através da sua cultura, que faz uma demonstração específica de cada um por meio do caráter universal e da antropologia cultural”.¹⁶

O Ensino Religioso tem grande importância na escola devido à presença marcante no meio educacional e na história da evangelização cristã no Brasil, em que a alfabetização e a catequização estavam implicitamente entrelaçadas à concepção dos jesuítas e à proposta para o Ensino Religioso, no tocante à sua finalidade última. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*:

O que se desenvolve a evangelização segundo os esquemas da época, ou seja, a cristianização por delegação pontifícia, autoridade de Roma, como justificativa do poder estabelecido, em decorrência do regime do padroado.

¹⁶ FOLLMANN, José Ivo. Ética e tradições religiosas. *Mundo Jovem*. Porto Alegre, ano 48, n. 407, p. 11, jun. 2010.

Dessa forma, o que se desenvolve como Ensino Religioso é o Ensino da Religião oficial do Brasil [...].¹⁷

A escola tem aqui um papel relevante a desempenhar, por um lado porque ela é um espaço onde acontece a convivência de crianças e adolescentes com distintas concepções, visões de mundo, valores, enfim, com diferentes culturas e religiões; por outro, porque “é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença”¹⁸; e ainda porque a escola apresenta conhecimentos sistematizados em que precisa estar necessariamente incluída a realidade da diversidade e da pluralidade do Brasil.

Laude Brandenburg¹⁹ afirma que o Ensino Religioso pode tornar-se um aliado ao combate, à prevenção e à erradicação do bullying escolar. Consequentemente, pode aliar-se a outras esferas sociais, desenvolvendo ações inovadoras, projetos educacionais carregados de esperanças, de mudanças, de (re)construção de um cenário conflituoso, onde nossos(as) os(as) estudantes são os atores principais. Ou serão coadjuvantes?

O ser humano nasce com “livre-arbítrio”, que é a expressão usada para significar a vontade livre de escolha; o humano nasce para ser livre, e a liberdade é um direito seu. Entre várias expressões de liberdade, está o direito à escolha religiosa, ou seja, de pertencer a uma religião por opção. Essa religião pode ser construída desde a infância, pelo testemunho da família, da escola e da comunidade, ou na idade adulta.

Conforme Follmann existem quatro tipos de religião: 1) religião de herança, vivida como um costume ou tradição; 2) religião de herança, mas assumida em seu conteúdo fundamental através de formação, escolha e consciência; 3) religião de herança, mas na qual o sujeito vive numa atitude de abertura e busca, experimentando outras religiões ou mesmo escolhendo por opção outra; 4) sem religião de herança, podendo escolher ou não a sua religião na fase adulta.²⁰

O Brasil passa, a partir da Proclamação da República, em 1889, oficialmente, a um Estado “laico”, pois a Constituição Brasileira e outras legislações

¹⁷ FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

¹⁸ BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual*. Brasília, 1997. p. 30.

¹⁹ BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Ensino Religioso na Escola: bases, experiências e desafios*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

²⁰ FOLLMANN, 2010, p. 11.

preveem a liberdade de crença religiosa aos cidadãos, além de proteção e respeito às manifestações religiosas. Segundo Caregnato e Bombassaro,

[...] a escola laica e estatal não surge apenas no vazio deixado por outras instituições de educação, como a família e a igreja, mas seus defensores tiveram que produzir seu lugar travando conflitos e diálogos com outras organizações da vida social.²¹

A Constituição Brasileira de 1988 é bem clara e objetiva no que se refere ao componente curricular de Ensino Religioso e ao profissional que irá ministrá-lo. A esse componente curricular confia-se, do ponto de vista da escola leiga e pluralista, a indispensável educação da religiosidade. Aqui, já vale observar a necessidade de se superar uma posição monopolista e proselitista, para que haja uma autêntica educação da religiosidade inserida no sistema público de educação em benefício do povo.

O texto original da *Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96)*²², de dezembro de 1996, define:

I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas;

II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

A nova redação do artigo 33, da Lei nº 9475, de 22 de julho de 1997, atribuiu aos diferentes sistemas de ensino a regulamentação dos procedimentos que deverão ser seguidos para a definição dos conteúdos do ensino religioso; competindo-lhes, ainda, a edição de normas de habilitação e admissão dos professores de religião no corpo docente da escola pública.

No parágrafo 1º do artigo 210 da Constituição de 1988, foi instituído o direito individual de aprender as doutrinas das diferentes religiões na escola pública, com o componente curricular do Ensino Religioso no ensino fundamental, no horário em que os demais componentes são normalmente ministrados.

²¹ CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos (Orgs.). *Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação*. Porto Alegre: Ideal, 2013. p. 46.

²² BRASIL. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*²³ estabelecem os Parâmetros para o Ensino Religioso, pressupondo a respectiva formação, capacitação e habilitação do profissional dessa área. O Ensino Religioso necessita de profissionais de formação adequada ao desempenho de sua ação educativa, considerando que o conhecimento religioso para estudo do fenômeno religioso na escola está na complexidade da questão religiosa e na pluralidade brasileira.

Conforme o artigo 33 da LDB, na sua nova redação, no que diz respeito ao conteúdo, os sistemas de ensino ouvirão a entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso.

O FONAPER propõe o currículo de Ensino Religioso com os pressupostos para a organização e a seleção de conteúdos para a prática na escola, com os cinco eixos organizadores e seus conteúdos, ou seja: Culturas e Tradições Religiosas, Textos Sagrados, Ritos, Teologias e Ethos.²⁴

Nessa perspectiva, a Resolução CEB/CNE nº 2/1998 incluiu o Ensino Religioso como uma das áreas de conhecimento. Essa determinação foi ratificada pelas Resoluções CNE/CEB nº 4/2010 e nº 7/2010, que mantiveram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de nove (09) anos. Referente ao Ensino Religioso, o documento do MEC da Base Nacional Comum Curricular (2015)²⁵ traz três grandes Eixos, que são: Ser Humano, Conhecimentos Religiosos e Práticas Religiosas e não Religiosas.

Na Educação Básica, o Ensino Religioso não confessional assume a responsabilidade de oportunizar o acesso aos saberes e aos conhecimentos produzidos pelas diferentes culturas, cosmovisões e tradições religiosas, sem proselitismo. O estudo dos conhecimentos religiosos na escola laica, a partir de pressupostos científicos, estéticos, éticos, culturais e linguísticos, visa à formação de cidadãos e cidadãs capazes de compreender as diferentes vivências, percepções e elaborações relacionadas ao religioso e ao não religioso, que integram e estabelecem interfaces com o substrato cultural da humanidade.

Raimundo Nonato Coelho defende a prática do Ensino Religioso na sala de aula: “O objetivo é esclarecer a criança sobre o que é ser católico, o que é ser

²³ FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

²⁴ FONAPER. *Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7 Capacitação para um novo milênio. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana*. Curitiba: 2000.

²⁵ Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF, 2015. p. 280-291.

evangélico ou adepto das religiões africanas. Como temos muito sincretismo, a criança não sabe muito bem o que significam essas coisas. Todo mundo é tudo e não é nada, na verdade.”²⁶

Os Conselhos Estaduais de Educação estabeleceram normas para habilitação e admissão de professores de Ensino Religioso:

- ✓ fazer parte do quadro permanente do magistério federal/estadual ou municipal;
- ✓ ser portador de diploma de Licenciatura em Ensino Religioso. Caso não existam profissionais devidamente licenciados, o sistema de ensino poderá preencher os cargos de professores com profissionais portadores de diploma de especialistas em Ensino Religioso (mínimo de 400 h/a), desde que sejam portadores de diploma em outra licenciatura; bacharéis na área da religiosidade, com complementação exigida pelo MEC, uma vez que tenham cursado componente curricular na área temática de Teologia Comparada, no total de 120 h/a;
- ✓ demonstrar capacidade de atender à pluralidade cultural e religiosa brasileira, sem proselitismo;
- ✓ comprometer-se com os princípios básicos da convivência social e cidadania, vivenciando a ética própria aos profissionais da educação;
- ✓ apresentar domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.

O estudo e a aquisição do conhecimento sobre as diversas religiões, assim como o diálogo inter-religioso, vão proporcionar ao educando o fortalecimento de sua identidade religiosa, como também estimular alguns a fazerem uma opção religiosa.

1.1.3 Diálogo inter-religioso

A escola é um espaço de encontros, vivências e reencontros e nesse ambiente estão presentes todas as diversidades possíveis. Por isso, devemos “viver diferenças e tensionar desigualdades na escola”; surge assim a necessidade do

²⁶ Conforme Raimundo Nonato Coelho, professor de Ensino Religioso e coordenador da Pastoral da Educação na Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Estado ser laico não significa que ele é ateu. Apud GRUEN, W. *O Ensino Religioso nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.html>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

contato, da interação, da acolhida, do ouvir, do respeito e da coexistência entre e com o diferente. Para Cerveira, “o diálogo inter-religioso é muito importante nas escolas. Precisamos romper os paradigmas e ter um novo olhar para as diferenças religiosas”.²⁷

Referindo-se à diversidade religiosa, encontramos na escola esta mandala, com muitas e muitas religiões presentes entre os estudantes; inclusive, temos os que não possuem uma tradição religiosa e os que possuem mais de uma: uma herança do pai e outra herança da mãe. Por isso, o diálogo inter-religioso será a fonte de proximidade e arrisco dizer até, parafraseando Vygotsky, seria a “Zona de Desenvolvimento Proximal”²⁸ para a convivência e o respeito mútuo entre as pessoas.

De acordo com Lia Diskin, “devemos tratar os outros como gostaríamos que os outros nos tratassem. Assumimos o compromisso de respeitar a vida, a dignidade e a diversidade, para que cada pessoa, sem exceção, seja tratada humanamente”.²⁹

Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais*,

[...] garantir que todos os educandos tenham a possibilidade de estabelecer diálogo. E, como nenhuma teoria sozinha explica completamente o processo humano, é o diálogo entre elas que possibilita construir explicações e referenciais, que escapam do uso ideológico doutrinal e catequético.³⁰

Para Silva, “o diálogo inter-religioso é uma forma tolerante de escolher uma religião respeitando e aceitando as outras mutuamente. O diálogo inter-religioso tem como objetivo o respeito perante outras religiões”.³¹

O conhecimento das tradições religiosas é um conhecimento humano, portanto, patrimônio da humanidade. Sendo assim, deve estar disponível no currículo escolar, visto que a escola é um espaço de trocas de experiências e aquisição de novos saberes, espaço de socialização e ressignificação de

²⁷ WACHS; BRANDENBURG; FUCHS; KLEIN, 2007, p. 239.

²⁸ Lev Semenovich Vygotsky foi um psicólogo bielorusso. Foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

²⁹ DISKIN, Lia. *Ética, valores humanos e transformação*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 1998. p. 77.

³⁰ FONAPER, 2009, p. 29.

³¹ SILVA, V. (Org.). *Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 27.

conhecimentos produzidos e acumulados. Por esse motivo, a diversidade deve ser acolhida e tolerada, sem discriminação. Segundo Klein,

[...] quando falamos em tolerância religiosa, fazemo-lo dentro do espírito da interpretação atual da legislação do Ensino religioso e da compreensão pedagógica. De modo prático, aprende-se a tolerância no exercício da resolução de conflitos em situações de convívio diário de sala de aula. A tolerância religiosa exercita-se no conhecimento e no “reconhecimento” da diversidade de característica de expressões religiosas de um determinado grupo.³²

O ensino inter-religioso caracteriza-se pelo estudo da religião, baseado nos princípios universais que unem as diversas correntes religiosas. Não se mostra como tendência à análise de uma religião em especial, mas, democraticamente, a um debate plural inter-religioso, sem caráter proselitista. Tem por objetivo principal a valorização da pluralidade inerente aos diálogos pós-modernos, colaborando na formação de um pensamento universal e alteritário.

É com diálogo inter-religioso que se abre esse espaço contemplando esses saberes heterogêneos, respeitando o indivíduo, promovendo o respeito à diferença, à identidade e à alteridade.

Para Silva, a palavra alteridade, com o prefixo *alter* vindo do latim, possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com estima, valorização, identificando o outro através do diálogo.³³ É na prática da alteridade que se conectam os relacionamentos, tanto entre indivíduos como entre grupos culturais religiosos, científicos, étnicos etc.

Foi isto então que fizemos: esta conversa sobre discriminação e preconceito, olho no olho, com alunos protagonistas da história de minha vida, enquanto professora da rede pública de educação.

Contemplamos mais especificamente o diálogo inter-religioso, o que cada um pensa e vive sobre religião. É importante um espaço dentro da escola onde exista o enfrentamento dessas questões ou isso é perda de tempo e esse assunto deve ser deixado para ser discutido em igrejas, pelos líderes religiosos?

Nossos atores protagonistas desta história sentem-se à vontade ao professar sua fé? São respeitados? Existe algum tipo de preconceito em relação a

³² KLEIN, Remí, BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Ensino Religioso: diversidade e identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 73.

³³ SILVA, V. (Org.). *Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

alguém que professa determinada religião? Há algum tipo de discriminação? Existe bullying? A alteridade é respeitada? O outro tem direito de ser ele mesmo?

Por mais que já tenha sido estudada a questão de bullying, sabendo-se que isso é crime, ainda há dentro da escola, até mesmo na sala dos professores, colegas que são preconceituosos e falam mal de alunos, usando termos pejorativos quando se referem a alunos com outra opção sexual, chamando-os de “aqueles gayzinhos” ou “aquele crente”, “aquele batuqueiro” ou ainda “aquele negrinho”. O que podemos esperar de alunos, diante de situações semelhantes? Na concepção de Brandenburg,

[...] o Ensino Religioso pode se tornar um aliado ao combate, à prevenção e à erradicação ao bullying escolar e, conseqüentemente, a outras esferas sociais, desenvolvendo ações inovadoras, projetos educacionais carregados de esperanças, de mudanças, de (re)construção de um cenário conflituoso, onde nossos(as) alunos(as) são os atores principais. Ou serão coadjuvantes?³⁴

Essa prática pedagógica vem em busca do diálogo inter-religioso. O educador, sendo mediador, traz para a ciranda das religiões essa possibilidade de diálogo, com respeito e contemplação, sobre a tradição religiosa do diferente que ora, nesse espaço escolar, é seu igual, seu colega, seu parceiro, buscando em conjunto, na construção de uma sociedade mais justa e humanitária, “o fortalecimento do diálogo, do respeito à diversidade, da solidariedade e da participação conjunta em busca da construção de uma sociedade humana e humanizadora”.³⁵

Conforme Silva, a questão de identidade é um problema social: “porque em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente é inevitável [...] as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola”.³⁶

Segundo Faustino Teixeira, “a educação religiosa deve favorecer não apenas conhecimentos teóricos, mas uma aproximação existencial: experiências, prática de diálogo”.³⁷

³⁴ WACHS; BRANDENBURG; FUCHS; KLEIN, 2007, p. 180.

³⁵ SILVA, 2004, p. 155.

³⁶ SILVA, 2004, p. 27.

³⁷ TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006. p. 36.

O diálogo inter-religioso já tomou posse de sua importância em nível mundial, como veremos a seguir: O primeiro evento inter-religioso oficial aconteceu ainda no século XIX, em 1893, em Chicago, com a participação de líderes de apenas 16 religiões.

Já a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada pelos 58 estados-membros conjunto das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, em Paris, na França, definia a liberdade de religião e de opinião no seu artigo 18, conforme Silva:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.³⁸

Em agosto de 2000, atendendo novamente ao chamado da Organização das Nações Unidas (ONU), centenas de representantes das diferentes religiões do planeta entenderam que a chegada do novo milênio era uma boa oportunidade, mais uma, para nos amarmos como seres humanos e de darmos as mãos pela Paz na Terra.

Mais recentemente, em 2004, em Barcelona, já eram centenas as religiões presentes ao encontro promovido pelo Parlamento das Religiões do Mundo. Além do Parlamento, também a Iniciativa das Religiões Unidas (URI) dedica-se ao diálogo inter-religioso no mundo, aos Direitos Humanos e à cultura da Paz, reunindo 88 tradições espirituais.

Reunidos em Nova Iorque, no Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, lideranças evangélicas, católicas, budistas, judaicas, islâmicas, espíritas, hinduístas, taoístas, bahá'ís, esotéricas e de tantas outras religiões antigas e modernas, compondo a mandala da diversidade religiosa, firmaram um compromisso: "o compromisso com a Paz Global".

Esse compromisso de Paz Global não é de responsabilidade somente dos líderes religiosos que foram aclamados para participarem do encontro mundial, mas é extensivo a todo cidadão que tenha visão de paz mundial e não queira conflitos e guerras, mas dignidade e respeito às diferenças, respeitando o pensamento do próximo para que o seu pensamento também seja respeitado.

³⁸ SILVA, 2004, p. 27.

O Papa João Paulo II foi uma das pessoas mais marcantes na prática do diálogo inter-religioso, pois foi o primeiro papa católico a visitar uma sinagoga e uma mesquita. Notamos, então, que esse tema já está bem adiantado na validação de sua importância, tanto nacional como internacionalmente.

O diálogo inter-religioso só quer promover a paz entre os povos, pois a única coisa que pretende é a disposição de ouvir, compreender e respeitar-se mutuamente; ele baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade.

A beleza do nosso país reside justamente na diversidade cultural e religiosa de seu povo. [...] Temos que quebrar as barreiras que nos impedem de dialogar com aqueles e aquelas que pensam e que agem de forma diferente, mas que têm o mesmo objetivo: a valorização da VIDA!³⁹

O diálogo inter-religioso é possível quando as diferenças são acolhidas, respeitadas e convidadas para fazerem parte da mandala das religiões, em que cada tradição religiosa tem seu lugar, com igual importância, sem enaltecer nenhuma, mas dando o mesmo peso a todas, pois todas as religiões, por maior divergência doutrinária que haja entre elas, têm algo em comum, que é a regra de ouro comum a todas: “Não farás aos outros aquilo que não gostarias que fizessem a ti”. Essa regra ensina-nos que é necessário respeito mútuo entre os seres humanos.

Esta mandala das religiões foi um espaço onde todas as religiões entraram na ciranda, podendo ser apresentada por seus fiéis presentes em cada sala de aula.

A metodologia utilizada na pesquisa ocorreu na interface com as práticas pedagógicas na disciplina de Ensino Religioso com alunos e alunas da Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, da Rede Municipal de Sapucaia do Sul, através de questionários com alunos e alunas e com o Secretário da Educação e a Feira das Religiões onde fizemos a Mandala das Religiões, quando todas as religiões foram desvendadas para a comunidade escolar.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, anais de simpósios e congressos, teses e dissertações e documentos eletrônicos, com a finalidade de me colocar em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre diversidade religiosa, diálogo inter-religioso e alteridade.

³⁹ REZENDE, José. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

Os resultados obtidos por intermédio da pesquisa bibliográfica me auxiliaram nas demais fases de pesquisa.

Ao realizar a pesquisa documental objetivou-se extrair dos documentos existentes na escola todas as informações que contemplem o componente curricular de Ensino Religioso, tais como Projeto Político-Pedagógico, O Plano de Estudo que é um instrumento Pedagógico que apresenta os conteúdos e as orientações sobre o desenvolvimento do trabalho a ser realizado no referido componente curricular e todos os documentos da SMED referentes ao Ensino Religioso.

A comunidade escolar participou ativamente da pesquisa participante; houve interação entre pesquisadores e sujeitos, uma estratégia de intervenção baseada na construção de relações mais democráticas entre os atores, com foco nas experiências, em especial na Feira das Religiões, realizada em 20 de outubro de 2015. Nesta Feira das Religiões cada Religião tomou acento na Mandala das Religiões através de uma banca onde expôs tudo o que diz respeito a sua Religião com a apresentação de teatros, músicas e danças de seus rituais sagrados.

Outrossim, por meio de pesquisa social, objetivou-se investigar a realidade social, através de questionário que foi feito com os/as estudantes na aula posterior à realização da Feira das Religiões e a entrevista que foi realizada com o Secretário da Educação do Município de Sapucaia do Sul. Estes dois instrumentos tiveram importância fundamental para a conclusão da pesquisa, uma vez que foi concebida como uma técnica de mediação, que visa à transferência de informação dos entrevistados para o entrevistador. A elaboração do questionário foi realizada com conhecimento prévio do tema e do objeto de pesquisa. Esta pesquisa esteve vinculada às práticas de sala de aula, onde estudamos as Religiões presentes na vida cotidiana da comunidade escolar. Todas as perguntas do questionário foram objetivas e fechadas, permitindo ser aplicado com o número grande de alunos com exceção da pergunta sobre a denominação religiosa, que serviu para abarcar o universo múltiplo de pertença de cada aluno (a). A pesquisa foi prospectiva, pois os dados foram utilizados para práticas pedagógicas de aulas posteriores.

A participação de cada estudante na Feira das Religiões foi natural, pois foi uma atividade do currículo da escola, um dia letivo normal, onde ocorreu a Feira das Religiões, quando a comunidade foi convidada a visitar e participar.

Foi enviado aos responsáveis dos/as estudantes um formulário de autorização que devia ser assinado e devolvido até o dia anterior à Feira das

Religiões, autorizando a gravação das apresentações, com uso de som e imagem, conforme modelo em anexo.

Consistiu assim numa pesquisa-ação, como

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participante.⁴⁰

Do ponto de vista científico,

[...] a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. Com ela, introduz-se uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta.⁴¹

Assim, a pesquisa-ação é considerada uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual ha uma ampla interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; dessa interação surgem os problemas a serem pesquisados, o objeto da pesquisa e a situação e os problemas encontrados; o objetivo consiste em resolver ou esclarecer esses problemas; há um acompanhamento permanente de toda a atividade dos atores da situação e a pesquisa não se limita apenas a uma ação, mas procura aumentar o conhecimento de todas as pessoas envolvidas no processo.

Esta metodologia de pesquisa tem como característica principal a necessidade da inserção do pesquisador no meio, resultando num processo de aprendizagem coletiva, com o intuito de minimizar as desigualdades sociais entre o pesquisador e os pesquisados, ou seja, uma metodologia de pesquisa que possa fazer com que após o seu desenvolvimento e a sua execução tenha condições de promover mudanças no grupo ao qual foi aplicada a pesquisa ou no qual foi realizado o estudo.

A função do Ensino Religioso dentro da escola é garantir aos interlocutores deste espaço a possibilidade de estabelecerem este diálogo, respeitando a vivência de cada aluno em sua tradição religiosa, onde cada aluno falará o que sabe sobre sua religião para assim se apresentar aos demais, sem precisar ter vergonha, mas

⁴⁰ BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Ed. Plano, 2002. p. 94.

⁴¹ BARBIER, 2002, p. 94.

sendo bem verdadeiro e original, como, por exemplo, alguns pontos de apresentação:

- 1) Nome da Religião
- 2) Doutrina
- 3) Origem
- 4) Fundador
- 5) Cor predominante
- 6) Símbolos sagrados
- 7) Rituais sagrados
- 8) Músicas sagradas
- 9) Danças sagradas
- 10) Nome do Deus
- 11) Livro sagrado
- 12) Líder sagrado
- 13) Vestimenta do líder sagrado
- 14) Orações ou Mantras Sagrados

Henry Sobel afirma: “[...] o que se faz necessário não é a tolerância, e sim um espírito de reverência, reverência pela diversidade, diversidade de crenças alheias.”⁴² Conforme o Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal,

[...] a liberdade religiosa não dá direito de ninguém se sobrepôr sobre as demais religiões, como se a própria escolha individual fosse a única religião como verdade religiosa possível e que a escolha das demais pessoas fosse menos importante ou não passível de ser respeitada. O desrespeito tem gerado situações de intolerância e violência religiosa.⁴³

É nesse diálogo inter-religioso, é nesse “conhecer-te a ti mesmo e o outro” que se construirá a socialização e se formará um cidadão completo e digno, conhecedor de seus direitos e consciente de seus deveres para com a sociedade.

O primeiro e mais importante passo para fazer da escola um observatório é conhecer a comunidade de origem desses sujeitos; em seguida, realizar ações

⁴² Apud BARROS, Marcelo. *O Sonho da Paz- A Unidade nas Diferenças: Ecumenismo Religioso e o Diálogo entre os Povos*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.16

⁴³ Diversidade Religiosa e Direitos Humanos. Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal - Casa dos Direitos. União Planetária. Programa Garantia e Acesso a Direitos (0154) - CONVÊNIO Nº 759490/2011. Editora União Planetária, 2013.

capazes de enfrentamento aos preconceitos e às discriminações presentes na vida cotidiana dos alunos, seja dentro ou fora dos muros escolares.

No dia a dia da escola, é possível verificar várias formas de exclusão, pois a escola é desigual e excludente. De acordo com Caregnato,

[...] a escola como espaço social e educacional pode ser base para superação de relações discriminatórias que impedem o reconhecimento da diversidade e a construção de relações - sociais mais democráticas.⁴⁴

Há muito tempo confrontamo-nos com a grande indagação inerente ao sistema educacional brasileiro: Quem são esses nossos novos alunos e como estão inseridos no contexto escolar? Como está essa convivência e por que querem recuperar o tempo e o espaço perdidos, que é deles por direito, gerando uma diversidade cultural? Quem são esses atores que aos 17 anos voltam ao cenário escolar, do qual nós, os professores, fizemos parte? E, muitas vezes, nossas ações devem ir além de simples coadjuvantes?

Estudos realizados na Inglaterra por Paul Willis mostram que alunos localizados à margem da sociedade e aqueles que precisam trabalhar têm desempenho inferior aos demais.⁴⁵ Esses são marcados e não desejáveis na escola, pelos seus comportamentos e suas histórias de vida. Nesse sentido, Grignon afirma que a escola conduz espontaneamente ao “monoculturalismo”⁴⁶, sendo incapaz de considerar as diferenças entre seus estudantes, seja no sentido de gênero, raça ou religião. Para Caregnato,

[...] os professores são sujeitos importantes nesse cenário, pois atuando nos processos pedagógicos, utilizam como referenciais, para além da formação profissional, seus parâmetros sociais constituídos subjetivamente.⁴⁷

As desigualdades existentes na escola não tiveram origem dentro dos muros escolares e a escola certamente não conseguirá oferecer condições de igualdade, porque o próprio aluno se exclui.

⁴⁴ CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos (Orgs.). *Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação*. Porto Alegre: Ideal, 2013. p. 36.

⁴⁵ WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador*. Escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

⁴⁶ GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. In: Silva, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁴⁷ CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos (Orgs.). *Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação*. Porto Alegre: Ideal, 2013. p. 37.

Ele sabe qual o real motivo que o traz ali, o motivo que passa e perpassa os saberes escolares. Vai além, muito além da nossa inocente imaginação, quando pensamos que quer recuperar o tempo perdido e aproveitar a oportunidade para se preparar para o trabalho. Nós somos agentes desse processo discriminatório e temos que repensar a produção de relações diante dessa desigualdade e diferenças culturais.

Essas experiências de discriminação vivenciadas dentro dos portões escolares acarretam traumas e sequelas prolongadas; crianças e adolescentes que sofreram discriminação por serem desiguais, por não estarem na forma ou “forma” proposta pelos bancos escolares, chegam à fase adulta com grandes dificuldades de socialização, vindo a ter dificuldade tamanha de relacionamento, mesmo após muita terapia e terem saído da situação de extrema pobreza, tendo feito ensino superior, adquirido uma boa profissão e conquistado a realização financeira, familiar e profissional.

É possível reverter essa situação de extrema pobreza, descaso e abandono, mas, para que isso aconteça, o ator desse papel precisa querer, com forças vindas das entranhas. Não basta querer, precisa de uma vontade intensa que frui do mais profundo do ser, vontade de conquistar o mundo e mudar tudo que julga errado e injusto, provar para todos que não está nessa situação por simples vontade, mas é um acaso do destino, este que é possível mudar.

A família, sendo um porto seguro, poderá contribuir para que essas mudanças sejam possíveis.

O Brasil é um país laico e de livre-arbítrio, isto é, temos liberdade religiosa e todas as outras escolhas. Cada pessoa tem o direito de escolher sua fé e em qual denominação religiosa deseja congregar e comungar. O ser humano tem necessidade de relacionar-se com o Transcendente, o ser superior – o qual recebe um nome diferente em cada tradição religiosa.

Nesse sentido, o diálogo inter-religioso torna-se uma significativa ferramenta que contribui para consolidar a convivência pacífica entre as pessoas, oportuniza a reflexão crítica sobre a importância de um viver fraterno, bem como a consciência de pertencer a um grupo e de ser alguém capaz de fazer a diferença nas relações humanas através do resgate da razão, da paciência, da tolerância, do amor e da paz.

Através da prática pedagógica, poderão ser lançadas sementes para o desenvolvimento de uma cultura de paz, em que as pessoas possam olhar-se mutuamente, reconhecendo-se como seres humanos.

Concluo este capítulo com Freitas: “Para compreendermos nossos alunos em situação de riscos, precisamos nos aproximar deles. O trabalho de campo conduz ao encontro com essas personalidades.”⁴⁸

Esse foi o desafio da pesquisa desta dissertação. Após a investigação das necessidades dos alunos da referida escola pública, realizei esta pesquisa de intervenção pedagógica, através do diálogo inter-religioso, possibilitando aos nossos alunos e às nossas alunas que se sentissem à vontade e felizes com suas escolhas, suas opções, pois bem sabemos que é nessa idade que devemos tomar muitas decisões. Mas, quando estamos confiantes, torna-se mais fácil fazermos escolhas.

⁴⁸ FREITAS Assunção, M. T. *Vygotsky e Bakhtin*. Psicologia da educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 2007.p. 27.

2 DESVELANDO OS OLHOS DA ALMA EM BUSCA DE UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

No Capítulo 1, discutimos acerca da complexa questão do componente curricular Ensino Religioso na escola, que nos dias atuais ocupa um outro lugar, fazendo parte do currículo. Discutimos, também, sobre o grande desafio posto às escolas e não apenas a esse componente curricular, no sentido de criar espaços ao diálogo inter-religioso.

Nesse sentido, podemos dizer que o Município de Sapucaia do Sul está de parabéns ao cumprir a Lei de Diretrizes e Bases, contemplando a inclusão do Ensino Religioso em seu currículo, em consonância com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs). Dessa forma, dá um novo enfoque a esse componente curricular, em que devemos acolher a toda diversidade religiosa, aceitando o diferente e respeitando a alteridade.

Para compreendermos a diversidade religiosa, é preciso, primeiramente, nos apropriarmos de alguns conceitos básicos que norteiam e dão direção para a aquisição de novos conhecimentos até então não desvendados.

Começamos nosso ano letivo de 2015 com muitas indagações e essas questões foram sendo esclarecidas ao longo do mesmo, surgindo a ideia de realizar uma feira de religiões, sendo esse nosso objeto de estudo.

Finalizamos o capítulo anterior dizendo que esse foi o desafio da pesquisa desta dissertação. Após investigação das necessidades dos alunos dessa escola pública, realizamos uma pesquisa de intervenção pedagógica, através do diálogo inter-religioso, possibilitando aos nossos alunos e às nossas alunas que se sentissem à vontade e felizes com suas escolhas, suas opções, pois bem sabemos que é nessa idade que devemos tomar muitas decisões e que, quando estamos confiantes, se torna mais fácil fazermos escolhas.

O projeto de pesquisa teve como tema: A Diversidade Religiosa, o Diálogo Inter-religioso e a Alteridade. E como objetivo: propiciar aos educandos e educandas o conhecimento de diferentes expressões do Transcendente nas várias Tradições Religiosas, com diálogo inter-religioso e respeito à alteridade.

Como já foi dito, o Brasil é um país laico, isto é, temos liberdade religiosa. Cada pessoa tem o direito de escolher sua fé e em qual denominação religiosa

deseja congregar e comungar. O ser humano tem necessidade de relacionar-se com o Transcendente, o ser superior, o qual recebe um nome diferente em cada tradição religiosa. Nesse sentido, a feira das religiões tornou-se uma significativa ferramenta que contribuiu para consolidar a convivência pacífica entre as pessoas, oportunizou a reflexão crítica sobre a importância de um viver fraterno, bem como a consciência de pertencer a um grupo e de ser alguém capaz de fazer a diferença nas relações humanas através do resgate da razão, da paciência, da tolerância, do amor e da paz. Muitas eram as indagações feitas pelos alunos e por colegas professores de outros componentes curriculares, tais como:

Por que uma professora só para esse componente curricular?

Que temas serão abordados?

De acordo com os estatutos as escolas precisam seu plano político pedagógico onde terão seus eixos organizadores e seus conteúdos, já proposto pelo FONAPER ou seja: Culturas e Tradições Religiosas, Textos Sagrados, Ritos, Teologias e Ethos.⁴⁹

E mais recente, o documento do MEC da *Base Nacional Comum Curricular* (2015)⁵⁰ traz três grandes Eixos, que são: Ser Humano, Conhecimentos Religiosos e Práticas Religiosas e Não Religiosas.

Resolvemos, então, começar com o estudo das religiões, tendo como culminância a Feira das Religiões. Para representar todas as Religiões, criamos a Mandala das Religiões.

Para estudarmos as Religiões, decidimos que seriam importantes os alunos e alunas terem a clareza sobre alguns conceitos que para eles até então eram desconhecidos. Assim, fomos, pouco a pouco, a cada aula, debruçando-nos sobre cada conceito para entrarmos a fundo na pesquisa sobre como é o olhar e a adoração do Transcendente em cada uma das Religiões estudadas.

Tais conceitos trazemos a seguir. Para entendermos a dimensão que envolve as questões referentes à diversidade religiosa, faz-se necessário, primeiramente, compreendermos alguns conceitos pertinentes ao mundo religioso.

⁴⁹ FONAPER. Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7 *Capacitação para um novo milênio*. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana. Curitiba, 2000.

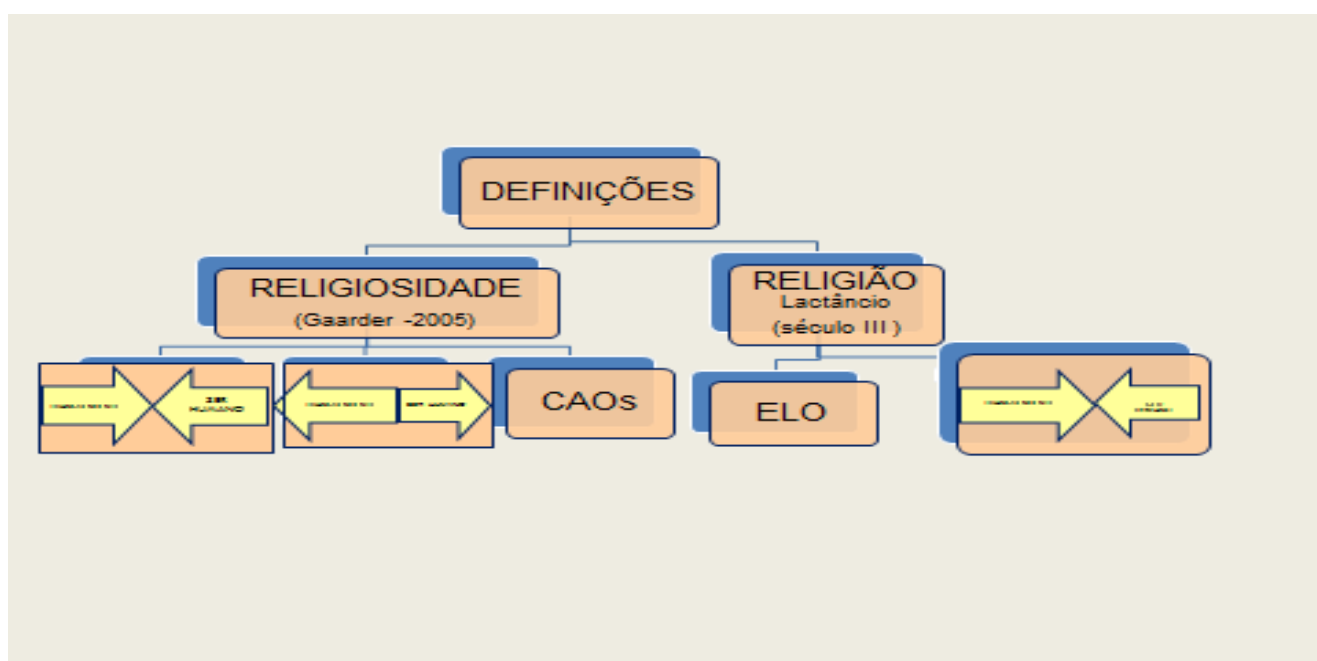
⁵⁰ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2015. p. 280-291.

2.1 Conceitos pertinentes ao mundo religioso

2.1.1 Religião

A palavra **RELIGIÃO** vem do termo Latim **RELIGIO**, do verbo **RELIGARE**. Religião é o conjunto de vínculos que nos **RELIGA** a **DEUS**. É O **ELO** que faz a ponte entre o **TRANSCENDENTE** e o **SER HUMANO**.

Figura 1



Fonte: Elaborado pela autora.

É o resultado da busca das pessoas, no decorrer da História, por uma resposta sobre o sentido e a origem da vida, da natureza e do Universo. É por isso que não encontramos uma religião, mas várias religiões, pois cada uma delas nasceu num espaço e num tempo diferentes. Religião é um grupo de pessoas, uma comunidade reunida em torno de uma mesma crença, que põe em prática os ensinamentos e valores anunciados por essa mesma crença, essa mesma fé.

Com respeito à religião, Tillich afirma que: “Religião não é um sentimento; ela é uma atitude do espírito em que elementos práticos, teóricos e emocionais estão unidos para formar um todo complexo.”⁵¹ No seu livro *A era protestante*, ele

⁵¹ TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. p. 160.

afirma que “a religião não é entendida por ele como um sistema de símbolos, ritos e emoções, mas como a dimensão de profundidade da cultura.”⁵² Igualmente, na mesma obra, ele aponta para isso: “Religião é a totalidade dos atos espirituais direcionados à apreensão da importância incondicional de sentido através da realização de unidade de sentido.”⁵³

Se religião é religar o ser humano ao Transcendente, religiosidade é uma experiência interior de cada pessoa com Deus, que pode ser compartilhada com um grupo ou uma comunidade. Essa experiência pessoal pode ser vivenciada por meio das orações, das atitudes, dos comportamentos, distinguindo o que é “bom” do que é “ruim”. Segundo Tillich,

Na profundidade de toda religião viva, há um ponto onde a religião como tal perde sua importância e o horizonte para o qual ela se dirige provoca a quebra de sua particularidade, elevando-a a uma liberdade espiritual que possibilita um novo olhar sobre a presença do divino em todas as expressões do sentido último da vida humana.⁵⁴

2.1.2 A liberdade de opção religiosa

O ser humano nasce para ser livre e a liberdade é um direito seu. Entre as várias expressões de liberdade, está o direito à liberdade de escolha, inclusive da liberdade religiosa, ou seja, de pertencer a uma religião por opção, opção essa que muitas vezes se constrói desde a infância, pelo testemunho e pelo exemplo da vida no ambiente da família, da escola e da comunidade. De acordo com a atual *Constituição Brasileira*:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

Inciso VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.⁵⁵

⁵² TILLICH, 1992, p. 82.

⁵³ TILLICH, 1992, p. 60.

⁵⁴ TILLICH, 1992, p. 173.

⁵⁵ BRASIL. Constituição do Brasil de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

Retomando a ideia de liberdade de fazer escolhas, Santo Agostinho afirma que “o Livre-arbítrio”⁵⁶ é um Dom de Deus, concedido às criaturas racionais, que lhes permite agir livremente, de acordo com a sua vontade. É o uso consciente da liberdade. Esse Dom de Deus é guiado pela vontade dessas criaturas. Pela razão, usá-lo-ão devidamente, proporcionando o bem, e pela paixão poderão torná-lo causador do mal. Mas como pode um bem concedido por Deus, que por sua vez é o Bem Supremo e criador de tudo o que existe no mundo, ser causa do mal?

O livre arbítrio torna-se causa do mal por meio daqueles que o receberam, pois esses não o usaram devidamente, ou seja, privaram-no. Logo, se o mal é a privação do bem, e o livre arbítrio é um bem, sua privação é causa do mal - é o mal.

Surge, então, outra questão: se a existência do pecado se deve ao livre-arbítrio, então, Deus, dando-nos o livre-arbítrio, concedeu-nos a possibilidade de pecar? A respeito dessa problemática, Santo Agostinho diz-nos que

[...] se o homem carecesse de livre-arbítrio da vontade, como poderia existir esse bem, que consiste em manifestar a justiça, condenando os pecados e premiando as boas ações? Visto que a conduta desse homem não seria pecado nem boa ação, caso não fosse voluntária. Igualmente o castigo, como a recompensa, seria injusto, se o homem não fosse dotado de vontade livre. Ora, era preciso que a justiça estivesse presente no castigo e na recompensa, porque aí está um dos bens cuja fonte é Deus. Conclusão: era necessário que Deus desse ao homem vontade livre.⁵⁷

Concluimos, portanto, que o livre-arbítrio, Dom de Deus concedido às criaturas racionais, é um bem, pois Deus é o Bem Supremo e do Bem Supremo só deve originar-se o bem. O Bem gera o bem, e jamais o mal. E o uso do bem regido pela razão continua sendo bem; quando privado dessa, torna-se mal. Assim sendo, “O livre-arbítrio” é a possibilidade que o homem, por intermédio da graça divina - que faz com que o livre-arbítrio queira e realize o bem - possui de escolher, de acordo com a sua vontade, como viver, que caminho seguir: o da retidão ou o do pecado.

Um Estado laico defende a liberdade religiosa a todos os seus cidadãos e não permite a interferência de correntes religiosas em matérias sociopolíticas e culturais. Um país laico é aquele que segue o caminho do laicismo, uma doutrina que defende que a religião não deve ter influência nos assuntos do Estado. O laicismo foi responsável pela separação entre a Igreja e o Estado.

⁵⁶ AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 75.

⁵⁷ AGOSTINHO, 1995, p. 75.

A atual *Constituição do Brasil*, em vigor desde 1988⁵⁸, assegura o direito à liberdade religiosa individual de seus cidadãos e proíbe o estabelecimento de igrejas estatais e de qualquer relação de “dependência ou aliança” de autoridades com os líderes religiosos, com exceção de “colaboração de interesse público, definida por lei, passando o país a ser oficialmente laico”. Conforme Tillich,

[...] não é fácil reconhecer o valor do pluralismo religioso e a dignidade da diferença religiosa. Mas só sob essas condições é que pode acontecer uma abertura autêntica ao diálogo inter-religioso. Como bem sublinhou o teólogo Paul Tillich, um dos pressupostos essenciais para o diálogo é o reconhecimento do valor da convicção religiosa do outro e de que essa convicção se funda numa experiência de revelação.⁵⁹

É nessa liberdade religiosa que devemos ter o respeito à alteridade, que é reconhecer e respeitar o outro, na sua diferença, sendo um ser único e individual.

Do latim *alteritas*, alteridade é a condição de ser outro. O vocábulo alter refere-se ao “outro”, na perspectiva do “eu”. O conceito de alteridade, por conseguinte, é usado em sentido filosófico para evocar o descobrimento da concepção do mundo e dos interesses de um “outro”.

A alteridade implica colocar-se no lugar ou na pele desse “outro”, alternando a perspectiva própria com a alheia. Isso significa que a alteridade representa uma vontade de entendimento que fomenta o diálogo e favorece as relações pacíficas.

No seu livro *Teologia Sistemática*, Tillich indica que “uma teologia cristã que não é capaz de dialogar criativamente com o pensamento teológico de outras religiões perde uma oportunidade histórica e permanece provinciana.”⁶⁰

Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o ser humano, na sua vertente social, tem uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo, o “eu” na sua forma individual só pode existir através de um contato com o “outro”.

Quando é possível verificar a alteridade, uma cultura não tem como objetivo a extinção de outra. Isso porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes.

⁵⁸ BRASIL. *Constituição do Brasil 1988*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

⁵⁹ TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. p. 133.

⁶⁰ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 109.

2.1.3 Transcendência

Transcendente é um atributo, uma qualidade de Deus, e significa aquilo que está além do físico e do material. Quando dizemos Transcendente para nos referirmos a Deus, queremos dizer que Ele é puro e superior, que ultrapassa e supera todas as limitações e imperfeições da matéria.

Todas as pessoas, mais cedo ou mais tarde, deparam-se com a grande questão: Existe Deus? A resposta que damos a essa pergunta poderá influenciar profundamente o curso de nossa vida, pois acreditar na existência de um Deus é acreditar que existe um sentido na existência da vida humana.

Ser feliz é um dos grandes segredos para descobrir qual é o sentido da vida. Afinal, há tantas pessoas que, mesmo sendo pobres e humildes, são felizes, e outras que, embora cercadas de fama e dinheiro, vivem infelizes e angustiadas.

O teólogo Roger Haight está coberto de razão ao assinalar que “as pessoas que não conseguem reconhecer a verdade salvífica das outras religiões podem implicitamente estar operando com uma concepção de Deus distante da criação”.⁶¹ O transcendente, Deus, é o criador que rege e sustenta a criação, o Universo.

Alvin Plantinga, em seu livro *Warranted Christian Belief* (Crença Cristã Garantida/Justificada), diz: “é racional crer em Deus na ausência de evidências?” Plantinga afirma que sim, pois a própria crença constitui uma evidência para a existência de Deus, dispensando evidências baseadas em outras proposições. O pensamento de Plantinga de maneira alguma é fideísta, muito pelo contrário. Ele afirma que a crença em Deus é sim racional, mas não necessariamente essa racionalidade repousa sobre processos inferenciais derivados de outras proposições que não a própria crença. Quando nos deparamos com um objeto qualquer através da faculdade da percepção, nós tomamos consciência dele por um processo não inferencial, imediatamente nós o percebemos, Para o autor, o mesmo se dá com a crença em Deus.⁶²

Deus é, desde suas origens, a divindade central nas religiões abraâmicas, das quais se derivam três das mais influentes religiões da atualidade: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Essas três religiões são monoteístas.

⁶¹ HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 479.

⁶² PLANTINGA, Alvin Carl. *Warranted Christian Belief*. New York: Oxford University Press, 2000. ISBN 0-19-513192-4.

Deus é, muitas vezes, visto como o Criador e Senhor do Universo, o qual possui vários atributos. Entre eles, entende-se a onisciência, a onipotência, a onipresença, a eternidade (infinitude aplicada ao tempo); a imensidão (infinitude aplicada ao espaço); a benevolência ou a bondade perfeita, a simplicidade divina, o zelo, a sobrenaturalidade, a transcendentalidade e a mansidão.

Deus também tem sido compreendido como sendo incorpóreo, um ser intangível, com personalidade divina e justa; a fonte de toda a obrigação moral; em suma, o “maior existente”.⁶³ Tais atributos foram todos anteriormente defendidos e suportados em diferentes graus pelos filósofos teológicos judeus, cristãos e muçulmanos, incluindo-se, entre eles, Agostinho de Hipona, Rambam⁶⁴ e Al-Ghazali.⁶⁵

Acreditamos na existência do Transcendente por meio da FÉ. FÉ é a firme certeza de que algo é verdade, sem qualquer tipo de prova ou critério objetivo de verificação, pela absoluta confiança que depositamos nessa ideia e na fonte de sua transmissão. Para o teólogo Tillich, em seu livro *Dinâmica da Fé*, “a fé acontece como uma profundidade espiritual da pessoa inteira, como uma espécie de “abertura transcendental”.⁶⁶ Segundo Tillich,

[...] fé é o estar tomado por aquilo que nos toca incondicionalmente. Fé é direcionamento para o incondicional através de símbolos do condicionado. Cada ato de fé tem, pois, um duplo sentido: ele se dirige de modo imediato para um objeto sagrado, mas não visa o objeto, e sim o incondicional que está expresso simbolicamente no objeto. A fé transcende a imediaticidade de cada coisa em direção ao fundamento e abismo sobre o qual se apoia.⁶⁷

Um dos grandes mestres da sociologia da religião, Émile Durkheim⁶⁸, em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, sublinha o poder que anima as representações e crenças dos fiéis e que traduzem o que há de essencial na religião. Na conclusão de sua obra, assinala que “o fiel que comungou com o seu Deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é

⁶³ SWINBURNE, R. G. “God” in *Honderich*. The Oxford Companion to Philosophy, Oxford University Press, 1995.

⁶⁴ EDWARDS, Paul. “Deus e os filósofos” em *Honderich*. The Oxford Companion to Philosophy, Oxford University Press, 1995.

⁶⁵ KÜNG, Hans. O islamismo: rupturas históricas – desafios hodiernos. *Concilium*, v. 313, n. 5, 2005.

⁶⁶ TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1980. p. 14.

⁶⁷ TILLICH, 1980, p. 14.

⁶⁸ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 493.

homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las”.

2.2 Aspectos convergentes das Religiões

2.2.1 Doutrina

É o conteúdo que explica a origem e o sentido de tudo na compreensão daquela religião; é a palavra que foi revelada a profetas, pelo Deus da religião, para ser transmitida aos fiéis seguidores. Segundo Claudionor Corrêa de Andrade, doutrina é a “exposição sistemática e lógica das verdades extraídas do livro sagrado, visando ao aperfeiçoamento espiritual do crente”.⁶⁹ Doutrina, portanto, é o resultado do um ensino teológico, adotado por uma denominação ou religião.

2.2.2 Teologia

É a atualização da doutrina, realizada por estudiosos, para que as pessoas compreendam os ensinamentos registrados nos Textos Sagrados. Os teólogos estudam e interpretam os Textos Sagrados.

A palavra teologia vem do latim “Theologia”, que é formada a partir da junção de “Theos” (Deus) e “Logos” (estudo de). O mesmo observa-se a partir do grego “Theologos” (aquele que fala sobre deuses). Essas são basicamente definições do que é teologia. No pensamento grego, o termo surge pela primeira vez no diálogo *A República*, de Platão.

Platão já definia “teologia” como discurso sobre Deus ou os deuses. Aristóteles usava o termo para definir os campos do saber e usava-os, muito frequentemente, para falar sobre fábulas mitológicas. A teologia latina cristã antiga manteve o significado pagão utilizado no mundo grego. O próprio Agostinho refere-se à teologia no sentido mitológico, filosófico e civil. O termo foi finalmente definido como “ciência divina, ou seja, conhecimento do mistério mesmo de Deus, de Cristo”.⁷⁰

⁶⁹ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 12. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 128.

⁷⁰ PLATÃO. *O Banquete*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Paraná, 1980.

A teologia é, portanto, uma ciência que atravessa os séculos, cuja linha de pensamento se propõe a estudar os fenômenos relacionados com Deus e suas interferências diretas na vida e nos acontecimentos universais e a transformação da sociedade.

2.2.3 Rituais

É um conjunto de expressões da fé, usado pelas comunidades religiosas, expresso por meio de símbolos em cultos, missas e celebrações com batismos, consagrações, primeira comunhão, crismas, eucaristias, orações, cânticos, confissões, passes, possessões, visões, casamentos e funerais, de acordo com a crença de cada religião. Segundo Aurélio:

Ritual é o conjunto de práticas consagradas por tradições, costumes ou normas, que devem ser observadas de forma invariável em determinadas cerimônias. Ritual é uma cerimônia através da qual se atribuem virtudes ou poderes inerentes à maneira de agir, aos gestos, às fórmulas e aos símbolos usados, suscetíveis de produzirem determinados efeitos ou resultados.⁷¹

2.2.4 Templos

São espaços construídos para a reunião, onde os fiéis se encontram para cultuar e adorar seu Deus, o Transcendente, meditar em reflexão sobre seus ensinamentos e preceitos. Esses espaços podem ser Sinagogas, Mesquitas, Igrejas, Templos, Salões ou Terreiros. Segundo Fábio Luis,

[...] os templos sagrados das religiões são espaços destinados ao culto ao ser divino, transcendente e tido como sagrado por um grupo de pessoas que se reúnem em um espaço para orar, rezar, dançar, profetizar, praticar seus ritos e rituais, oferendas, louvores, agradecimentos, milagres etc. Nesse espaço, cada membro faz suas orações e pede a cada ser sagrado que o ouça e proporcione-lhe uma graça, uma benção ou um milagre na sua vida.⁷²

⁷¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

⁷² UEPA - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ - Licenciatura em Ciências da Religião – Professor de Ensino Religioso em entrevista para NOVA ESCOLA. São Paulo: Editora Abril, 2013.

2.3 Amor

O amor é o tema mais falado nas religiões: amor a Deus, o Transcendente; amor ao próximo. E quem é o meu próximo? Podemos nos indagar: amor a si mesmo. “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. O que é amor? De acordo com Pessanha,

[...] que não se encerra nem se exaure: apesar de permanente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre à possibilidade de novas variações. Eis porque sem a apreensão de seu início, sem a visualização de seu final. Do tema do amor temos somente o meio, seu dilacerado meio onde somos e estamos.⁷³

Muitas vezes, perguntamo-nos: O que é amor em si? E qual é a sua essência? Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor. “A satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras”, afirma Erich Fromm – apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que, em “uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista.”⁷⁴

No livro *O Banquete*, de Platão, o amor é muito bem interpretado: “Assim, pois, afirmo que o amor é dos Deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.”⁷⁵

Agora, para Platão, “pode-se fazer a separação entre amores qualitativamente diversos, que valem diferentemente”.⁷⁶ Vamos observar três tipos de amor.

⁷³ PESSANHA, José Américo Motta. *Platão: as Várias Faces do Amor*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2009. p. 78.

⁷⁴ FROMM, Erich. *The Art of Loving*. Londres, Thorsons (1957), 1995.

⁷⁵ PLATÃO. *O Banquete*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Paraná, 1980. p. 91.

⁷⁶ PLATÃO, 1980, p. 92.

2.3.1 Amor Ágape

Amor incondicional, o amor gratuito que é capaz de se sacrificar pelo outro, independente do merecimento (ágape). O amor incondicional é: altruísta, espiritual, gratuito. O amor ágape está muito ligado ao amor divino, incondicional e com sacrifício. Embora muitas pessoas não saibam, ele também pode ser praticado por humanos, mas em grau inferior devido à imperfeição e à limitação humanas. Ele é o amor afetivo, isento de conotações sexuais, segundas intenções, malícias e interesses pessoais: é sinônimo do amor de Deus pelos seus filhos e do amor humano inspirado por esse amor divino. Segundo Platão, esse amor é

[...] o amor Celestial, que tem o alto como origem e destinação. Quando bem conduzido, une homens que se libertam pela persuasão da palavra amorosa. O que bárbaros não entendem e tiranos não podem admitir. É um amor que não convive com a servidão, a não ser a servidão voluntária: ao próprio amor; à virtude; ao bem.⁷⁷

Sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa.

2.3.2 Amor Philos

FILÉO - Philos = amigo.

Amor Philos é o amor fraternal, que envolve lealdade, igualdade e mútuo benefício, além de dedicação ao objeto amado. A dedicação a esse amor pode chegar a ser mental, que está entre o espiritual e emocional. É o caso do amor pela sabedoria, que pode ser um meio de crescimento mental, intelectual e cultural. Esse tipo de amor manifesta-se pela inquietude interior, que impulsiona o ser humano a buscar uma sabedoria que o tornará maior, mais nobre e digno de ser amado. Além disso, manifesta-se como prazer pelo conhecimento e pela cultura.

Já Aristóteles, o pai da ciência, recorreu à palavra *Philia* para sua definição de amor, marcado pela presença:

É o amor pelo encontro, pelas pessoas que já estão ao seu lado, pelos filhos que você já tem e não os que você gostaria de ter, pelo emprego que já é o seu e não aquele que você sonha. O amor de Aristóteles é o amor

⁷⁷ PLATÃO, 1980, p. 94.

pelo mundo, quando o mundo faz bem. Não é desejo, é alegria, ganho de potência e de energia vital diante de um mundo que já é o nosso.⁷⁸

2.3.3 Amor Eros

Eros é o Deus grego do amor, também conhecido como Cupido (Amor, em latim). Erótico, o amor Eros representa o amor sexual, carnal, repleto de paixões inebriantes, a pura atração física, que manifesta o instinto de união e reprodução. Para Brandão, o amor Eros representa o amor pela beleza e a perigosa obsessão pelo amado e pelo prazer que ele traz: “Eros é o Amor sensual, sexual, amor carnal, amor carnaval, sem responsabilidades, sem comprometimento, fundamentado na aparência física, apaixonado, atraente, baseado no prazer lúbrico, lascivo.”⁷⁹

É a paixão doentia que alguém sente por outra pessoa, ao ponto de até matá-la. O amor de Platão⁸⁰, o pai da filosofia, é Eros e baseia-se no desejo pelo que não se tem, numa espécie de “equação macabra”, que faz a vida oscilar entre a frustração de amar e desejar o que não se tem ou o enfado de ter o que não se ama mais.

Finalizo com uma recomendação de Jesus: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”, segundo o Evangelho de João 15:12.⁸¹

⁷⁸ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 17. ed. Petrópolis: Editora Vozes, volume I, 2002. p. 54.

⁷⁹ BRANDÃO, 2002, p. 67.

⁸⁰ PESSANHA, José Américo Motta. *Platão: as Várias faces do Amor*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2009.

⁸¹ ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

3 MANDALA DAS RELIGIÕES

Podemos classificar as religiões em dois tipos: Religiões Literárias e Religiões não Literárias.

3.1 Religiões Literárias

Baseiam-se em revelações através de Livro Sagrado. É dessa forma que os Deuses das religiões literárias se revelam. Os Deuses dessas religiões escolhem seres humanos para inspirá-los e, por meio deles, revelar sua mensagem para os humanos escreverem o Livro Sagrado que deverá ser transmitido aos seus fiéis, conhecido também como a Palavra de Deus.

Crê-se que Deus escolheu, entre os fiéis, pessoas justas, honestas e que acreditam ser essa a verdade suprema, vinda diretamente de seu Transcendente, para que através dessas pessoas a palavra sagrada, as leis e os mandamentos sejam deixados por escrito aos povos.

O Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo são exemplos de religiões reveladas. A Bíblia, o Torá e o Corão são, respectivamente, seus Livros Sagrados.

Todas as religiões monoteístas são religiões do livro e baseiam-se num cânon das Sagradas Escrituras.

A literatura significa bem mais do que uma libertação do ciclo da repetição. Ela liberta da imediatez da compreensão, possibilita releituras infindas, cria uma rede de relação variada por meio de subtextos e tradições, destaca o significado das palavras por meio de ironia e ambivalência, cria orientação e instabilidade por meio dos conselhos e interpretação variada e faz emergir mundos do texto.⁸²

Segundo Hans P. Schmidt, correspondem à fala da complexidade do ser humano.⁸³

⁸² MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras*. Teologia e Literatura em Diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

⁸³ SCHMIDT, Hans-Peter. *Schicksal – Gott – Fiktion*. Die Bibel als literarisches Meisterwerk. Paderborn: Schöningh, 2005.

3.2 Religiões não Literárias

Não possuem Livro Sagrado, não possuem textos com revelação e dogmas, pois baseiam-se na tradição oral. Os Deuses dessas religiões são, em geral, elementos da natureza ou do cosmo.

As crenças e os preceitos das religiões não literárias são transmitidos oralmente, de geração a geração. Através da palavra falada, os fiéis vão recebendo os ensinamentos e as verdades sagradas.

As religiões afro-brasileiras são exemplos vivos de religiões não literárias, pois vieram da África, juntamente com o navio negreiro, e não trouxeram nada por escrito, somente na memória e no coração.

Essas religiões fazem parte da aquarela das religiões existentes no nosso Brasil atual, que oficialmente é laico.

As Religiões não Literárias possuem seus rituais sagrados, suas músicas sagradas, seus símbolos sagrados e seus Deuses sagrados, mas não possuem a palavra, o Livro Sagrado, onde poderiam buscar os ensinamentos. Porém, possuem igual fé na palavra transmitida pelo Líder Sagrado, trazida oralmente pelos ancestrais, que será bem guardada na mente e no coração e transmitida novamente, formando, assim, ciclos de transmissão.

Vansina⁸⁴ define tradição oral como “mensagens verbais em que são relatadas declarações da geração atual”; “[...] as mensagens devem ser orais, faladas, cantadas ou gritadas apenas em instrumentos musicais”; “deve haver transmissão por palavra por pelo menos uma geração”.

3.3 Religiões do Mundo

Libânio⁸⁵ diz, com razão, que estamos diante de uma “pluralidade estonteante” de expressões religiosas. Segundo Durkheim, “todas as religiões são iguais”.⁸⁶

⁸⁴ VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. James Currey Publishers, 1985. p. 27-28.

⁸⁵ LIBÂNIO, João Batista. *A Religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁸⁶ DURKHEIM, 1989, p. 487.

Teremos um rápido olhar sobre algumas religiões que compuseram a Mandala das Religiões na Feira das Religiões que ocorreu na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, no Município de Sapucaia do Sul, RS.

3.3.1 Judaísmo

O Judaísmo foi a base para o desenvolvimento da fé cristã. Abraão, Isaque e Jacó eram judeus e deram origem ao rei Davi, do qual Jesus Cristo é descendente. O Judaísmo é a religião monoteísta mais antiga do mundo. Originou-se por volta do século XVIII a.C, quando Deus mandou Abraão procurar a terra prometida. Seu desenvolvimento ocorreu juntamente com a civilização hebraica, através de Moisés, Davi, Salomão etc., sendo que foram esses dois últimos os reis que construíram o primeiro templo em Jerusalém.

A mensagem do Judaísmo está fundamentada nos livros do Antigo Testamento, mais especificamente no Pentateuco, que são os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio. Esses são iguais para o Judaísmo e para o Cristianismo.

Os fiéis do Judaísmo são reverentes ao Livro Sagrado, a Torá, a qual foi totalmente inspirada aos homens através de Deus, o todo poderoso. Esse livro traz a vontade de Deus para a vida do ser humano, que deverá segui-lo fielmente, guardando os mandamentos, os preceitos e as leis do Senhor trazidas por intermédio do profeta Moisés.

Se essas leis e esses mandamentos forem seguidos e praticados corretamente, ter-se-á vida longa e abundante aqui na Terra, alcançando a vida eterna com Deus, no paraíso. De acordo com Cerveira,

[...] a missão desta religião, como povo escolhido, não era simplesmente confirmar a existência de um único Deus e proclamar os seus mandamentos, mas era ensinar a buscar o que é divino, a purificação moral e a salvação da alma, tendo uma fé monoteísta, amor pelo seu país, submissão às leis morais, generosidade, boa vontade para ajudar o próximo, ordenar a vida social e política segundo os princípios de Deus.⁸⁷

As celebrações religiosas dão destaque especial à adoração ao Altíssimo através de cânticos, meditação e contemplação dos textos sagrados contidos no

⁸⁷ CERVEIRA, Mirian. *Disciplina De Ensino Religioso Como Dever Ou Como Prazer* In: WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do Ensino Religioso na escola*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2007. p. 238.

Livro Sagrado, os quais devem ser meditados dia e noite em forma de orações e memorizadas e refletidas durante a infância para serem compreendidos quando na idade adulta.

Os cultos são realizados em templos denominados sinagogas. Os homens usam uma pequena touca, denominada kippa, como forma de respeito para com Deus.

Os principais rituais⁸⁸ são a circuncisão, realizada em meninos com 8 dias de vida, representando a marca da aliança entre Deus e Abraão e seus descendentes; bem como o Bar Mitzvah (para os meninos) e a Bat Mitzvah (para as meninas), que representam o início da vida adulta.

A doutrina mantém-se fiel e original em relação ao Antigo Testamento. Assim, ainda esperam a vinda do Messias que foi prometido pelo Todo Poderoso, Deus Javé, o Messias, que salvará o ser humano de seus pecados. Não aceitam a Jesus Cristo como o Messias esperado. Segundo Santos,

[...] havia uma preocupação sem medida com o viver em retidão diante de Deus e dos homens. As leis acerca do casamento, furto, mentira, falsidade, opressão, salários, justiça nos julgamentos, convívio com o estrangeiro, balanças justas, propriedades dos pobres e escravos, demonstram, com clareza, a ênfase na pureza de vida. E nos rituais dos sacrifícios esses aspectos eram lembrados.⁸⁹

3.3.2 Cristianismo

O Cristianismo teve início com o nascimento de Jesus Cristo, começando assim o calendário ocidental vigente até a atualidade. Ano I D.C ou A.D. *Anno Domini* (termo em latim que significa: “ano do Senhor”) é uma expressão utilizada para marcar os anos seguintes ao ano 1 do calendário mais comumente utilizado no Ocidente, designado como “Era Cristã”.

Para o Cristianismo, o mundo foi criado e existe porque Deus quer. Ele é Todo Poderoso, Onisciente e Eterno, sempre existiu, é o Alfa e o Ômega, princípio e fim. Tudo o que existe deve sua origem a Deus, pois basta uma palavra sua e as coisas acontecem. No livro de Gênesis 1:1-3⁹⁰, é explicada a origem e o poder na criação do Universo: “No princípio, criou Deus os céus e a Terra; a Terra, porém, era

⁸⁸ WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2011.

⁸⁹ SANTOS, Jonathah F. *O Culto no Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1986.

⁹⁰ A BÍBLIA Sagrada, 1993.

sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: haja luz; e houve luz.”

O Salmista fala sobre essa autoridade no Salmo 33:9: “Pois Ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir.”⁹¹

O Cristianismo tem seu início anunciado através dos cânticos alegres dos anjos aos pastores, quando lhes trazem as boas novas do nascimento de Deus homem, Jesus menino, em Belém.

A pedra fundamental do Cristianismo é a fé na ressurreição de Jesus, o Filho de Deus. Jesus é Deus e homem, nasceu e viveu na Terra como homem e veio com a tarefa de morrer na cruz e ressuscitar para que o ser humano pudesse ter acesso a Deus e receber a vida eterna no céu, após a morte. João⁹² apresenta esse amor em seu Evangelho: “porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu filho unigênito para que todo aquele que Nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

O livro sagrado do Cristianismo é a Bíblia. Para muitas pessoas do mundo inteiro, o valor cultural da Bíblia é apenas uma de suas facetas. Considera-se o livro mais importante que existe, pois descreve ações realizadas por Deus, demonstrando sua divindade e seu poder. Relata sobre alegria e tristeza, amor e ódio, guerra e paz e o fundamento do Cristianismo, que é a fé em Deus que seus seguidores devem ter: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.” (Hebreus 11:1). Conforme Cerveira,

[...] o Cristianismo é a religião que caracteriza a sociedade ocidental. Seu livro sagrado é a Bíblia, é o livro mais lido do mundo. Nenhum livro teve maior influência literária do que a Bíblia. O Cristianismo tem Deus como o Criador de tudo e de todos.⁹³

⁹¹ A BÍBLIA Sagrada, 1993.

⁹² A BÍBLIA Sagrada, 1993.

⁹³ CERVEIRA, Mirian. Disciplina De Ensino Religioso Como Dever Ou Como Prazer In: WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do Ensino Religioso na escola*. São Leopoldo: RS: Ed. Sinodal, 2007. p. 238.

3.3.3 Islamismo

O Islamismo é uma religião monoteísta, ou seja, acredita na existência de um único Deus⁹⁴; é fundamentada nos ensinamentos de Mohammed, ou Muhammad, chamado pelos ocidentais de Maomé. Nascido em Meca, no ano 570, Maomé começou sua pregação aos 40 anos, na região que atualmente corresponde ao território da Arábia Saudita. Conforme a tradição, o arcanjo Gabriel revelou-lhe a existência de um Deus único.⁹⁵

A palavra islã⁹⁶ significa submeter-se e exprime a obediência à lei e à vontade de Alá (Allah, Deus em árabe). Suas palavras-chave são Islamismo | Fé | Maomé | Islã.

Atualmente, é a religião que mais se expande no mundo, estando presente em mais de 80 países e reunindo cerca de 850 milhões de fiéis. Entre as religiões ocidentais, é a que mais cresce no mundo.

Seus seguidores chamam-se muçulmanos (muslimun, em árabe): os que se submetem a Deus para render-lhe a honra e a glória que lhe são devidas como Deus único. Essa religião é conhecida por organizar os países, pois não separa religião e política. É chamada, então, de Estado Teocrático.

TEO = DEUS

KRATOS = PODER



Poder de Deus que rege e organiza a sociedade.

Deveres dos muçulmanos:

- ✓ prestar o testemunho (chahada), ou seja, professar publicamente que Alá é o único Deus e Maomé é seu profeta;
- ✓ crer em Alá, o único Deus, e em Maomé, seu profeta;
- ✓ obedecer ao jejum religioso durante o ramadã (mês anual de jejum);
- ✓ fazer a oração ritual (salat) cinco vezes ao dia (ao nascer do sol, ao meio-dia, no meio da tarde, ao pôr-do-sol e à noite), voltado para Meca e prostrado com a frente por terra;

⁹⁴ MIEHL, Melanie. *O que é Islão?* Perguntas e respostas. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. Sinodal, 2005.

⁹⁵ WILKINSON, 2011, p. 131.

⁹⁶ WILKINSON, 2011, p. 132.

- ✓ dar a esmola legal (zakat) para a purificação das riquezas e a solidariedade entre os fiéis;
- ✓ jejuar do nascer ao pôr-do-sol, durante o nono mês do calendário muçulmano (ramadã);
- ✓ fazer uma peregrinação (hadjj) a Meca ao menos uma vez na vida, seja pessoalmente, se tiver recursos, ou por meio de procurador, se não tiver.

Livro Sagrado

Corão⁹⁷ - Livro sagrado do islamismo, o Corão ou Alcorão (do árabe alqur'ân, recitação) foi revelado a Maomé pelo arcanjo e redigido ao longo dos cerca de 20 anos de sua pregação.

Consiste na coletânea das revelações divinas recebidas por Maomé de 610 a 632. Seus principais ensinamentos são a onipotência de Deus e a necessidade de bondade, generosidade e justiça nas relações entre os seres humanos.

O Corão traz 6.226 versos em 114 suras (capítulos). Traz o mistério do Deus-Uno e a história de suas revelações, de Adão a Maomé, passando por Abraão, Moisés e Jesus, e também as prescrições culturais, sociais, jurídicas, estéticas e morais que dirigem a vida individual e social dos muçulmanos.

3.3.4 Hinduísmo

A palavra hinduísta significa simplesmente “indiano” (da mesma raiz do Rio Indo). Segundo Gaarder, “projeta-se como a “religião eterna” e caracteriza-se por sua imensa diversidade e pela capacidade excepcional que vem demonstrando através da história de abranger novos modos de pensamento e expressão religiosa”.⁹⁸

O Hinduísmo é um conceito coletivo para um grande número de tradições e correntes religiosas da Índia. É muito forte a fé na autoridade da revelação nos livros sagrados e na tradição, no sistema de castas e nas etapas da vida, na crença da evolução cíclica e na transmigração das almas.

CARMA: os Hinduístas acreditam que a alma é eterna. Isso significa que a parte física do corpo morre e a alma renasce novamente em outro ser vivo. É a

⁹⁷ WILKINSON, 2011, p. 134.

⁹⁸ GAARDER, 2000, p. 44.

transmigração da alma, conhecida também por reencarnação, no Espiritismo. A alma renascerá segundo o carma de cada um, de acordo com o que cada pessoa realizou de positivo ou negativo, durante sua vida anterior. Sua crença é fundamentada em uma vida cíclica, regida por ciclos de nascimento, morte e reencarnação.

O grande desejo de quem acredita em transmigração da alma é libertar-se desse ciclo. Para isso, praticam várias formas de elevação espiritual, como purificação alimentar, meditação, domínio das fraquezas humanas, prática da justiça e da caridade.

DEUS: os Hinduístas são politeístas, adoram muitas divindades, mas há três divindades que se destacam:

- ✓ BRAHMA: é seu principal Deus, o mais importante; é o Criador e Senhor de todas as coisas; é a alma do mundo.
- ✓ VISHNU ou KRISHNAK: é o Deus, o conservador; estabelece a lei e a ordem no mundo.
- ✓ SHIVA: Deus da meditação, o destruidor; ele destrói e ao mesmo tempo constrói, regenera.

Existem cerca de 33 milhões de divindades menores no Hinduísmo.

LIVRO SAGRADO: os VEDAS, o “Saber, conhecimento” sagrado, é resultado de um longo período de transmissão oral entre muitas gerações que foram, ao longo dos séculos, sendo coletadas e harmonizadas; é um conjunto de hinos sagrados.

O Hinduísmo acredita na reencarnação⁹⁹ (novos nascimentos). Após a morte, há um renascimento e assim sucessivamente, até alcançar o NIRVANA, que é um estado de existência, um êxtase que confirma que a pessoa completou seu caminho e chegou até BRAHMA, o ser superior.

Há três caminhos para o hinduísta alcançar a liberdade e poder se livrar do ciclo de mortes e vidas sucessivas:

- ✓ o caminho do sacrifício = fazer sacrifícios e praticar boas ações;
- ✓ o caminho do conhecimento = meditar, adquirir novos conhecimentos;
- ✓ o caminho da devoção = participar de todos os cultos e rituais sagrados.

⁹⁹ GAARDER, 2000, p. 57.

3.3.5 Budismo

O termo “Buda” é um título, não um nome próprio. Significa “aquele que sabe” ou “aquele que despertou”. Aplica-se a alguém que atingiu um superior nível de entendimento e a plenitude da condição humana.

Foi aplicado, e ainda o é, a várias pessoas excepcionais que atingiram um tal grau de elevação moral e espiritual, que se transformaram em mestres de sabedoria no Oriente, onde se seguem os preceitos budistas.

O fundador do Budismo foi Sidarta Gautama. Sidarta Gautama, o Buda, nasceu no século VI a.C. (em torno de 556 a. C.), em Kapilavastu, norte da Índia, no atual Nepal. Ele era de linhagem nobre, filho do rei Suddhodana e da rainha Maya. Logo depois de nascido, Sidarta foi levado a um templo para ser apresentado aos sacerdotes, quando um velho sábio, chamado Ansita, que se havia retirado a uma vida de meditação longe da cidade, apareceu, tomou o menino nas mãos e profetizou: “Este menino será grande entre os grandes. Será um poderoso rei ou um mestre espiritual que ajudará a humanidade a se libertar de seus sofrimentos”. Segundo Gaarder,

[...] assim, ele adotou o "caminho do meio", buscando a salvação por meio da meditação. E, aos 35 anos, após seis anos de vida ascética, alcançou a iluminação (bodhi), enquanto estava sentado em meditação sob uma figueira, à margem de um afluente do rio Ganges. Sidarta agora se transformara num buda, ou seja, um "iluminado": alcançou a percepção de que todo o sofrimento do mundo é causado pelo desejo. É apenas suprimindo o desejo que podemos escapar de outras encarnações.¹⁰⁰

Sidarta transformou-se no Buda em virtude de uma profunda transformação interna, psicológica e espiritual, que alterou toda a sua perspectiva de vida. Conforme Gaarder, “seu modo de encarar a questão da doença, velhice e morte mudou porque ele mudou”.¹⁰¹

Tendo atingido sua iluminação, Buda passou a ensinar o Dharma, isto é, o caminho que conduz à maturação cognitiva, que, por sua vez, conduz à libertação de boa parte do sofrimento terrestre.

Os quarenta anos que se seguiram foram marcados pelas intermináveis peregrinações, suas e de seus discípulos, através das diversas regiões da Índia. Quando completou oitenta anos, Buda sentiu seu fim terreno se aproximando.

¹⁰⁰ GAARDER, 2000, p. 63.

¹⁰¹ GAARDER, 2000, p. 67.

Deixa instruções precisas sobre a atitude de seus discípulos a partir de então: “Por que deveria deixar instruções concernentes à comunidade?” Nada mais resta senão praticar, meditar e propagar a Verdade por piedade do mundo e para maior bem dos homens e dos deuses.

Buda morreu em Kusinara, no bosque de Mallas, na Índia.

A filosofia budista define cinco comportamentos morais, a saber:

- ✓ não maltratar os seres vivos, pois eles são reencarnações do espírito;
- ✓ não roubar e ter uma conduta sexual respeitosa;
- ✓ não mentir;
- ✓ não caluniar ou difamar;
- ✓ evitar qualquer tipo de drogas ou estimulantes.

Seguindo esses preceitos básicos, o ser humano conseguirá evoluir e melhorará o carma de uma vida seguinte.

3.3.6 *Espiritismo*

Em sua obra *O livro das religiões*, Gaarder diz que “o espiritismo é a crença num mundo dos espíritos e na possibilidade de os vivos entrarem em contato com os espíritos dos mortos”.¹⁰²

O Espiritismo é uma filosofia com base científica, com consequências religiosas. É filosofia porque tem um sistema de reflexões sobre as questões existenciais humanas (De onde viemos? Para onde vamos? Por que existimos? O que nos faz ser da forma como somos?).¹⁰³

Tem base científica na medida em que procura explicações racionais e científicas para entender as manifestações espirituais. Tem consequências religiosas porque orienta sobre Deus, o sagrado, e tem por fim a transformação moral do ser humano, retomando os ensinamentos de Jesus Cristo.

Para os espíritas, Allan Kardec¹⁰⁴, francês que viveu no séc. XIX, foi uma pessoa muito especial porque, embora não seja considerado o fundador do Espiritismo, foi o responsável por recolher e organizar as informações sobre a doutrina espírita.

¹⁰² GAARDER, 2000, p. 278.

¹⁰³ GAARDER, 2000, p. 279.

¹⁰⁴ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. p. 134.

O Espiritismo aproxima-se do Hinduísmo na forma de entender o processo de reencarnação do espírito e na comunicação entre mortos, mas diverge dele uma vez que, para os espíritas, só é possível reencarnar na forma humana e nunca de um animal, como creem os hinduístas. No Espiritismo, a cada reencarnação, o espírito tende a se aperfeiçoar e evoluir, jamais a regredir.

Na doutrina espírita, ninguém está perdido definitivamente.¹⁰⁵ A reencarnação é entendida como uma oportunidade de superar os seus limites e refazer sua caminhada em direção ao bem. Pelo mecanismo da reencarnação, os espíritas acreditam que Deus não castiga. As pessoas é que são causadoras dos próprios sofrimentos, pela lei de “ação e reação”, mas sempre dispõem da oportunidade de renovarem seus caminhos através da prática do bem.

Acreditam que fora da caridade não há salvação. Nesse sentido, valem para o espiritismo todos os ensinamentos morais de Jesus Cristo. Para o Espiritismo, Deus existe, é a origem e o fim de tudo. Deus é a suprema perfeição, não podemos conhecer sua natureza porque somos imperfeitos.

O Espiritismo não tem dogmas indiscutíveis, não tem templos suntuosos. As reuniões, os tratamentos e as orientações acontecem em ambientes discretos e mobiliados só com o suficiente para acolher os frequentadores.

Os espíritas seguem a figura de Jesus como modelo de guia para a humanidade. Acreditam que Allan Kardec é um discípulo de Jesus, que reencarnou com o propósito de organizar e sistematizar as ideias espíritas.

Allan Kardec, Bezerra de Menezes e Chico Xavier¹⁰⁶ foram importantes colaboradores do Espiritismo. Allan Kardec desenvolveu um método que, segundo ele, era capaz de obter respostas dos espíritos, que o orientavam sobre os ensinamentos da doutrina espírita. Ele preparou cinco obras básicas, que contêm toda a teoria e prática da doutrina espírita, os princípios básicos e as orientações dos espíritos sobre o mundo espiritual e sua constante influência sobre o mundo material.

¹⁰⁵ KARDEC, 2013, p. 135.

¹⁰⁶ KARDEC, 2013, p. 204.

3.3.7 Religiões Afro-Brasileiras

Conforme Gaarder,

[...] até meados do século XX funcionavam exclusivamente como ritos de preservação do estoque cultural dos diferentes grupos étnicos negros que compunham a população dos antigos escravos e seus descendentes. Até hoje, essas religiões são reconhecidas pelas lideranças do Movimento Negro como religiões negras, autênticas expressões culturais da negritude, embora seja cada vez maior o número de brancos, e até mesmo de descendentes de japoneses e coreanos, que estão aderindo ao candomblé.¹⁰⁷

As religiões africanas tradicionais não têm textos escritos, o que torna seu estudo difícil para os pesquisadores. A África é o berço da religião dos Orixás. A princípio, essas religiões foram uma forma de defesa e resistência dos escravos negros, uma vez que os senhores de escravos proibiam que cultuassem os orixás. Para garantir sua liberdade religiosa, os escravos rezavam diante de imagens de santos católicos, mas, no coração, dedicavam suas orações ao seu orixá protetor. Para Ogum,

[...] as religiões Afro-Brasileiras não possuem caráter proselitista. Apresentam uma cosmovisão não dicotomizada, uma visão de mundo que não exige fé ou processo de conversão, em que o sagrado, o mítico e o simbólico estão implícitos no constructo civilizatório dos grupos étnicos africanos, inexistindo a ideia de profanidade, do mal e da culpa como concepção de pecado.¹⁰⁸

Uma característica da religião dos orixás no Brasil está no sincretismo religioso, isto é, na união de elementos de diferentes religiões, no caso, entre o Catolicismo e o Candomblé. Segundo Sodré,

[...] a essência da religião Afro é o Axé; ele é a força, é o princípio da cosmovisão; ele assegura a existência dinâmica, que permite que as coisas aconteçam. Sem o Axé, a existência estaria paralisada e desprovida de toda possibilidade de realização. 'Axé é o princípio que torna possível o processo vital.'¹⁰⁹

¹⁰⁷ GAARDER, 2000, p. 97.

¹⁰⁸ OGUM, Fernando de. *Candomblé, culto aos Orixás*. Salvador: Companhia Editora Nacional, 2014.

¹⁰⁹ SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: Identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 86.

CANDOMBLÉ

O Candomblé é organizado de forma hierárquica complexa. Cada um tem uma função e uma ordem na linha de serviço e organização. Conforme Gaarder,

[...] o candomblé não é uma religião ética, como o cristianismo. É uma religião mágica e ritual. Nas religiões mágicas, não há a ideia de salvação da corrupção do pecado, não há espaço para a negação deste mundo terreno em prol da busca necessária de um "outro mundo", de uma vida eterna no Além. No candomblé, o que se busca é a interferência concreta do sobrenatural "neste mundo" presente, mediante a manipulação de forças sagradas, a invocação das potências divinas e os sacrifícios oferecidos às diferentes divindades, os chamados orixás.¹¹⁰

O Candomblé é uma religião monoteísta (crê em um único Deus). Seu Deus é chamado de OLORUM. Para o referido autor,

[...] ao agrupar as religiões africanas sob um só rótulo, deve-se ter em mente que seu número equivale ao de povos existentes na África. Cada uma tem seu próprio nome para Deus, seus próprios rituais de culto, suas idiosincrasias. Por outro lado, elas apresentam também muitos traços em comum, pois os africanos não viveram uma existência estática, isolada. Sua história fala de diversas migrações, dos contatos que cruzaram as divisões tribais e da formação de grandes Estados. É necessário notar ainda que a maioria dos africanos não urbanos são agricultores e criadores de gado. Há apenas alguns grupos de caçadores-coletores.¹¹¹

Olorum é o criador. Pai da criação universal. Não tem representação. É o infinito. Olorum, com seu poder, encarregou os orixás de criar e governar o mundo.

Os orixás não são divindades moralistas, que exigem e recompensam quem é bom ou condenam e castigam quem faz o mal. Os Orixás foram homens e mulheres que, devido aos seus poderes e suas virtudes da força, coragem e sabedoria, se tornaram semideuses e passaram a ser respeitados, venerados e lembrados de geração em geração. Não existe pecado no Candomblé, porque não existe um código de conduta geral aplicável a todos os seres humanos, nem mesmo a todos os seguidores da religião dos orixás, uma vez que esses são muitos e a distinção entre o bem e o mal depende basicamente da relação entre cada seguidor e seu deus pessoal, o orixá.

A pessoa descobre qual é o seu orixá por meio do jogo de búzios, forma de atendimento pessoal que é uma das prerrogativas religiosas do baba lorigá (pai-de-santo) ou da lalorigá (mãe-de-santo). Gaarder diz que

¹¹⁰ GAARDER, 2000, p. 98.

¹¹¹ GAARDER, 2000, p. 99.

[...] esses deuses, forças e espíritos se encontram nas florestas, nas planícies e nas montanhas, nos rios e nos lagos. São intimamente associados a fenômenos naturais distintos: o raio e o trovão, as grandes cachoeiras, uma primavera quente, alguma árvore enorme ou uma rocha com formato estranho.¹¹²

Cada um dos orixás é responsável por um aspecto na natureza e na vida dos seres humanos. Eis os principais Orixás africanos¹¹³:

- Exu – É o orixá mensageiro entre os homens e os deuses;
Guardião da porta da rua e das encruzilhadas.
- ✓ Oxalá: o mais elevado dos deuses iorubas;
- ✓ Ogum: Deus dos guerreiros;
- ✓ Xangô: Deus do trovão e do fogo;
- ✓ Oxum: Deusa das águas doces, da fecundidade e do amor;
- ✓ Oiá-lansã: Deusa das tempestades, dos ventos e dos relâmpagos;
- ✓ Oxossi: Deus dos caçadores;
- ✓ Iemanjá: Deusa dos mares e oceanos;
- ✓ Obaluaiê/Omulu: Deus das pestes e das doenças; médico dos pobres
- ✓ Oxumaré: Deusa da chuva e do arco-íris.
- ✓ Ossaim: Deus das folhas e ervas medicinais;
- ✓ Nanã: Deusa da lama e do fundo dos rios, associada à fertilidade à doença e à morte.

A sabedoria e o conhecimento sobre os orixás e suas características individuais são transmitidos pela tradição oral, conservada por meio do pai-de-santo e da mãe-de-santo, as pessoas mais importantes no Candomblé.

UMBANDA

Apesar de suas origens negras, a Umbanda nunca esteve preocupada com a ideia de preservação das raízes africanas e nem mesmo se empolga, hoje, com o movimento de reafricanização que perpassa as suas congêneres, principalmente o Candomblé. Segundo Sodré,

[...] uma característica da religião dos orixás no Brasil está no sincretismo religioso, isto é, na união de elementos de diferentes religiões, no caso, entre o Catolicismo e o Candomblé. A essência da religião Afro é o Axé; ele é a força, é o princípio da cosmovisão; ele assegura a existência dinâmica que permite que as coisas aconteçam. Sem o Axé, a existência estaria

¹¹² GAARDER, 2000, p. 101.

¹¹³ BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagôa*. Salvador: Companhia Editora Nacional, 1978.

paralisada e desprovida de toda possibilidade de realização. 'Axé é o princípio que torna possível o processo vital'.¹¹⁴

A umbanda constitui uma forma de sincretismo particular entre o Cristianismo e os cultos africanos, sem ignorar igualmente a influência do Espiritismo Kardecista. É uma religião brasileira nascida no Rio de Janeiro, na década de 1920, da mistura de crenças e rituais africanos e europeus. As raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cabula, dos bantos, e o candomblé, da nação nagô.

Para Gaarder, ela é afro, sim, mas é afro-brasileira. Ela não só dispensou de seus rituais o uso de idiomas africanos (o iorubá, o jeje e as línguas bantas, todas línguas litúrgicas nos diferentes candomblés), como evita os sacrifícios de sangue e os processos iniciativos demorados e caros, comuns no candomblé. Segundo Luz,

[...] nascida no Brasil, a umbanda pode ser chamada de religião brasileira primeiro por esse fato. Mas a umbanda também pode ser dita "religião brasileira" porque é a resultante de um encontro histórico único, que só se deu no Brasil: o encontro cultural de diversas crenças e tradições religiosas africanas com as formas populares de catolicismo, mais o sincretismo hindu-cristão trazido pelo espiritismo kardecista de origem europeia - Eis aí a umbanda, um sincretismo religioso originalmente brasileiro.¹¹⁵

Estamos falando da Umbanda Mediúnica, que é uma mistura de Catolicismo, Espiritismo, Candomblé etc. A Umbanda considera o universo povoado por entidades espirituais, os guias, que entram em contato com os homens por intermédio de um médium, que os incorpora. Tais guias apresentam-se por meio de figuras, como o caboclo, o preto-velho e a pombagira. Os elementos africanos misturam-se ao Catolicismo, criando a identificação de orixás com santos.¹¹⁶ Outras influências são o Espiritismo Kardecista, os ritos indígenas e práticas mágicas europeias. Segundo dados do Censo de 2000, a umbanda, que contava com cerca de 542 mil devotos declarados em 1991, teve o contingente reduzido para 397 mil em 2000 - uma perda de 26,8% de fiéis.¹¹⁷

Entre ser uma religião ética, preocupada com a regulamentação moral da conduta, e ser uma religião estritamente ritual, voltada para a manipulação mágica

¹¹⁴ SODRÉ, 1999, p. 87.

¹¹⁵ GAARDER, 2000, p. 102.

¹¹⁶ LUZ, Marco Aurélio. *Agabá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. Salvador: Edufra, 2013.

¹¹⁷ ATLAS nacional do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. p. 247.

do mundo, a Umbanda escolheu o caminho do meio.¹¹⁸ Ao perder grande parte de suas raízes africanas, descolou-se do Candomblé e das outras religiões afro-brasileiras, reforçou sua identidade híbrida, ampliou sua organização burocrática e conquistou autonomia. Foi assim que ela se propagou por todos os cantos e todas as regiões do Brasil: sem barreiras de classe, escolaridade, origem étnica ou cor da pele. É que, ao lado da caridade para todos, vivos e mortos, a Umbanda jamais perdeu seu caráter mágico e fetichista, de magia propriamente dita: além do amor universal, ela oferece magia universal. Quem quer que esteja à cata de solução para seus males e mazelas, pode recorrer à Umbanda, que terá boa acolhida. O feitiço é para todos. No entendimento de Gaarder,

[...] os guias são espíritos intermediários, inferiores aos orixás. São agrupados e escalonados pela umbanda em linhas e falanges segundo os mais variados critérios: a origem étnica, as afinidades psicológicas e profissionais, os elementos da natureza, os estágios de evolução espiritual em que se encontram, a idade.¹¹⁹

A Umbanda, o Candomblé, a Quimbanda e outras religiões do mesmo gênero cultuam antes a criatura do que o Criador.¹²⁰ Elas não se prendem ao Deus Uno/Trino, cultuam os espíritos da natureza: bons e maus. Cultuam os espíritos bons para ajudá-los e os espíritos maus para não os atrapalhar.

Percebemos que, após o estudo e o aprendizado de alguns conceitos pertinentes ao tema religião e religiosidade, os alunos da Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro do Município de Sapucaia do Sul, RS, estavam aptos para realizar a Feira das Religiões, onde cada religião tomou posse de seu espaço, formando, assim, uma grande Mandala das Religiões. Segundo Papa João Paulo II, “esse diálogo nos permitirá tocar com as mãos as expressões e a realidade do ser mais íntimo de nossa gente, e nos colocar em condições para encontrar modos autênticos de viver”.¹²¹ O diálogo inter-religioso traduz a riqueza de um novo aprendizado: a relação com a diferença e a alteridade significa a “apropriação de outras possibilidades” e a “abertura à mútua transformação”.

¹¹⁸ LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador: Edufra, 2008. p. 58.

¹¹⁹ GAARDER, 2000, p. 104.

¹²⁰ LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 63.

¹²¹ JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*. São Paulo: Paulus, 1995, n. 28.

Parafraseando o sociólogo Bauman, é preciso mais do que um diálogo: “em vez de diálogo, é preciso um polílogo”¹²² (polylogues plural), “un discurso pronunciado por varias personas”. Aquele que fala com facilidade sobre assuntos diferentes. No caso, religiões diferentes, “é a extensão óbvia do monólogo e do diálogo, ou seja, de um debate que seja mais amplo do que só dois pontos de vista”. Mas, sim, vários pontos de vistas deram as mãos nessa ciranda das religiões, que se realizou dentro dos muros dessa Escola Municipal.

Para Panikkar, “aquele que não conhece senão sua própria religião não a conhece verdadeiramente. É necessário que se conheça ao menos uma outra religião diversa para poder situar em verdade o conhecimento profundo da religião professada”.¹²³

Visamos, então, proporcionar a nossos alunos um desvelamento dos olhos da alma em busca de um diálogo inter-religioso. Que os olhares desses indivíduos passassem a ser para além de sua individualidade, podendo visualizar o próximo como sendo um ser com direito as suas próprias escolhas. Escolhas essas que não precisam ser iguais, mas que, mesmo sendo bem diferentes, serão respeitadas e acolhidas. De acordo com Follmann,

[...] cada religião é diferente, com suas próprias crenças e rituais, arte, indumentária e festas. Contudo, é surpreendente como muitos dos mitos, divindades e códigos morais, que consubstanciam diferentes religiões e representam diferentes realidades culturais e características religiosas, mostram semelhanças muito relevantes.¹²⁴

Propusemos assim a realização da Feira das Religiões, onde cada religião estudada e pesquisada tomou seu assento na grande Mandala das Religiões.

Tudo isso contribuiu para mostrar que o diálogo inter-religioso constitui um caminho essencial para o aprofundamento da compreensão da alteridade e do pluralismo religioso¹²⁵ em que o outro está inserido, respeitando a crença e a fé de cada personagem protagonista desta história de vida.¹²⁶

¹²² ZYGMUNT, Bauman. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003. p. 49.

¹²³ PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Paris: Albin Michel, 1998. p. 74.

¹²⁴ FOLLMANN, 2010, p. 11.

¹²⁵ MIRANDA, Mário França de. O pluralismo religioso como desafio e chance. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 55, n. 218, p. 323-337, 1995.

¹²⁶ GEFFRÉ, Claude. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Diálogo de pássaros - nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 61-74.

4 O CIRANDAR DAS RELIGIÕES NA SEMEADURA DA PAZ

Por acreditar que a educação se dá num espaço onde estão inseridos sujeitos de várias raças, contextos sócio-político-econômicos diferentes, religiões e classes sociais distintas, faz-se necessário investigar até que ponto a escola tem contribuído para a afirmação, a aceitação ou a recriminação da intolerância e do bullying em sua comunidade escolar vivenciando uma forma de superar esta intolerância.

A presente pesquisa propôs-se à interação; isso significou, para a pesquisadora, trabalhar, viver, no grupo escolhido, a fim de elaborar perspectivas e experimentar ações que perdurassem, inclusive depois do término da pesquisa.

Para Serrano, “Nas sociedades pluralistas nas quais vivemos, ou para as quais caminhamos, a educação para uma convivência democrática exige o reconhecimento e o acolhimento do diferente e sua valorização quanto à dignidade da pessoa humana”.¹²⁷

A pesquisa não se limitou apenas a uma ação, mas procurou aumentar o conhecimento de todas as pessoas envolvidas no processo, através do diálogo inter-religioso e do respeito às tradições religiosas presentes no objeto da pesquisa.

Tal intervenção se deu por meio de uma pesquisa-ação que, segundo Barbier, não é possível ser desenvolvida sem participação coletiva e sem a apreciação da complexidade do real. Além disso, nesse tipo de pesquisa, é criada uma situação de dinâmica social radicalmente diferente daquela da pesquisa tradicional. “O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores.”¹²⁸

Utilizou-se o diálogo como meio de comunicação mais importante no processo conjunto de estudo e coleta de informações, enfatizou-se a socialização do saber, tentando romper com o monopólio do conhecimento, através da participação dos sujeitos objetos do estudo.

¹²⁷ SERRANO, G. P. *Educação em Valores: como educar para a democracia*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 36.

¹²⁸ BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002. p. 56.

Concordamos então com Moreira quando diz que “A escola, nesse contexto, mais que transmissora da cultura, da “verdadeira cultura”¹²⁹, passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas”, no caso, culturas religiosas.

No limite do presente estudo, os dados da pesquisa-ação desenvolvida incidem sobre o projeto desenvolvido, o qual apresenta o título: *O desvendar da mandala religiosa, através do diálogo inter-religioso*.

Para tanto, foi necessário resgatar valores culturais antes segregados, a fim de reduzir, ou quem sabe extinguir, os preconceitos existentes no início da pesquisa. Isso tudo mostrou-nos como é importante estarmos abertos aos novos desafios da educação, principalmente quando somos chamados a desafiar preconceitos e a mostrar que é possível educar para a tolerância e para a diversidade.

Segundo Moreira e Candau¹³⁰, a escola é uma instituição cultural e tem como função social transmitir cultura e transmitir às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade. Serrano alerta dizendo que “a discriminação costuma ser uma manifestação clara de intolerância e supõe aplicar um tratamento desigual a algumas pessoas em razão de sua nacionalidade, origem étnica ou religião”.¹³¹

A pedagogia de Paulo Freire, quando propunha o diálogo e o dialógico, contribuiu neste sentido para os estudos sobre cultura, pois respeitava a realidade do aluno e da aluna e valorizava sua cultura, estando engajado na liberdade do ser humano.

Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos, políticos e religiosos, acabam fracassando, inclusive pessoalmente. [...] Porque todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, A questão é esta: como libertarmos-nos dos preconceitos? Há algum esquema, alguma receita, algum conselho que garanta essa libertação? Naturalmente que não. Em muitos casos, apenas a posteriori poderemos ver que uma opinião era um preconceito, e, com muita frequência, não somos capazes de perceber o ponto histórico nevrálgico no qual nossas ideais não preconceituosas convertem-se em preconceitos.¹³²

¹²⁹ CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 160.

¹³⁰ CANDAU, 2002, p. 52-100.

¹³¹ SERRANO, 2002.

¹³² HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 43.

4.1 Feira das Religiões, Sementes da Paz

Após todos estes meses de preparação para a grande Feira das Religiões, chegou o dia marcado, dia 20 de outubro de 2015.

Estava tudo organizado, cada turma da escola, dos anos finais do ensino fundamental, recebeu uma religião diferente para pesquisar e organizar a banca.

A pesquisadora dividiu entre as nove turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental as religiões para serem estudadas pesquisadas e compreendidas, com vistas ao pertencimento de alguns alunos de cada turma, contemplando o fato de que pelo menos um aluno da turma fosse pertencente à religião a ser pesquisada.

Foram estudados em sala de aula o Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Budismo, Espiritismo, Religiões Afro-Brasileira tais como Candomblé e Umbanda, sendo que o Cristianismo foi diferenciado entre Religião Católica e Religiões Evangélicas, pois estas são muito presentes no bairro João de Barro, no qual a escola João de Barro está inserida, e constatou-se, através do diálogo inter-religioso, que existe um leque muito aberto das Religiões Evangélicas, que daria para fazer uma feira, por exemplo, contemplando somente esta diversidade de Religiões Evangélicas. Abrindo-se um pouco mais este leque que ainda se subdivide em Pentecostais¹³³ e Não Pentecostais.¹³⁴

Encontramos neste leque, então, Igrejas Luteranas, Batista, Betel, Assembleia De Deus, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Show da Fé, Casa de Oração, Tenda dos Milagres, Testemunhas de Jeová, Evangelho Quadrangular e Universal do Reino de Deus, além das que sabemos de sua existência, mas não se identificaram.

A Feira das Religiões realizou-se no ginásio esportivo da escola, o qual possui uma estrutura apropriada com espaço para acomodar a todas as bancas e a toda a comunidade escolar, podendo cada religião expressar-se a vontade, usando

¹³³ **Igreja Pentecostal** é um movimento cristão protestante que dá grande relevo ao **Dia de Pentecostes** e que apresenta algumas diferenças em comparação com outras denominações; acredita que a salvação pode ser obtida e perdida, que o batismo do Espírito Santo é uma segunda experiência de graça, que o batismo no Espírito Santo é acompanhado com o dom de línguas e que a morte de Jesus foi também para a cura das suas enfermidades físicas e a cura divina está "garantida" pela obra redentora de Cristo.

¹³⁴ **Igreja não Pentecostal:** creem que a pessoa uma vez salva é salva para sempre, no batismo no Espírito Santo no momento da conversão, que o Espírito Santo capacita cada discípulo com pelo menos um dom para a edificação da igreja e que a morte de Cristo na cruz foi para o perdão dos pecados dos seres humanos.

de sua criatividade para apresentação, exposição e explicações dos cinco eixos trazidos pelo FONAPER¹³⁵, trabalhados em sala de aula e tudo que conseguiram pesquisar, buscar e rebuscar dentro da religião.

Inclusive podendo trazer líderes religiosos da comunidade religiosa, para auxiliar nas explicações, tendo liberdade de expressão, podendo apresentar seus rituais, cânticos, encenações, coreografias, músicas, danças, expondo seus símbolos sagrados, pois os símbolos expressam o que as palavras não conseguem traduzir e verbalizar; as tradições religiosas procuram falar de seus mistérios através da linguagem simbólica; os símbolos sagrados ajudam as pessoas a vivenciarem a sua crença; por este motivo tornam-se instrumentos de meditações entre os seres humanos e o Transcendente.

Os símbolos sagrados caminham juntos com os ritos sagrados, pois em todas as religiões eles se fazem presentes e auxiliam as pessoas a fortalecerem sua fé.

Os símbolos religiosos estabelecem uma harmonia fundamental entre um estilo de vida particular (*ethos*) e uma metafísica específica (visão de mundo). A religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica e projeta imagens desta ordem cósmica no plano da experiência humana, o que ocorre no cotidiano de cada povo.¹³⁶

Todas as religiões possuem um conjunto de símbolos sagrados que facilitam a vivência religiosa. Os símbolos lembram a realidade e expressam o que as palavras não dizem ou que a simples razão não pode captar.

Quando fazem seus rituais sagrados através de orações, rezas, mantras, etc, pensam em seu Transcendente, que é o seu ser superior, e os símbolos religiosos têm este poder de ligar a realidade ao Transcendente. O símbolo sagrado une e coloca o ser humano em sintonia com o Transcendente.

As tradições religiosas procuram falar dos mistérios transcendentais por meio da linguagem simbólica. Os símbolos religiosos são sagrados, não importa a religião a que pertençam, pois são instrumentos de comunicação com o ser superior, por isto merecem todo respeito.

¹³⁵ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO – FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

¹³⁶ GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008. p. 67.

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.¹³⁷

Os símbolos religiosos são importantes porque dão sentido à existência do ser humano; eles representam uma ideia, um sentido e a capacidade de unir, ligar; para Geertz, “um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso”.

Eliade diz que o símbolo pertence à substância da vida espiritual e que jamais poderemos eliminá-lo. Os aspectos mais profundos da realidade são revelados pelo símbolo. Para o referido autor, o pensamento simbólico precede a linguagem e a razão discursiva. “As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique, elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.”¹³⁸

As tradições religiosas são constituídas por rituais sagrados simbólicos; sinais sagrados simbólicos; objetos sagrados simbólicos; seres sagrados simbólicos e pessoas sagradas simbólicas. “Símbolos são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças.”¹³⁹

O tema da Feira das Religiões foi simbolicamente “SEMENTES DA PAZ”

Imagem 1 - Pórtico de entrada



Foto: Timóteo Flores

¹³⁷ GEERTZ, 2008, p. 67.

¹³⁸ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 8-9.

¹³⁹ GEERTZ, 2008, p. 67.

Imagem 2 - Painel de Mandalas confeccionadas pelos alunos e alunas



Foto: Timóteo Flores

Entendeu-se que esta prática pedagógica que veio sendo preparada, pesquisada e organizada ao longo de 2015 e 2016, eram na verdade sementes de paz que estavam sendo lançadas no combate a intolerância, ao bullying, e na construção do respeito à alteridade e ao diálogo inter-religioso.

Os símbolos são expressões vivas de culturas que ao expressá-los formam a própria tradição. Eles impulsionam e direcionam as energias psíquicas individuais e comunitárias nos processos criativos. Todo o fazer cultural seja ele religioso ou não se origina no fato do ser humano ser um ser criativo que na maior parte do tempo se esquece de sua própria finitude.¹⁴⁰

Então, com esta temática em foco, prepararam-se algumas ações pedagógicas; sabe-se que esta semente é simbólica então cada turma de alunos do 6º ao 9º anos confeccionou cartazes com os símbolos sagrados da religião pesquisada, revestidos de sementes diversas, representando as sementes da paz que a feira se propôs a lançar no solo da Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro.

Os alunos chegaram e foram montando suas bancas, onde enfeitaram da melhor maneira que lhes aprouve dentro do que há de mais sagrado naquela religião.

¹⁴⁰ SCHLÖGL, Emerli. *Não basta abrir as janelas: o simbólico na formação do professor*. Dissertação de Mestrado, PUC/PR, 2005. p. 16-17.

Imagem 3 - Judaísmo



Foto: Timóteo Flores

Tínhamos 9 turmas do 6º ao 9º anos compondo um total de 18 bancas, pois cada turma apresentou duas religiões, fizeram também um banner, contendo fotos do líder sagrado da religião, com releitura de foto de um aluno, que continha também símbolos sagrados.

Tínhamos mais duas bancas, uma organizada pelo professor de História que assumiu publicamente ser ateu, onde foi disponibilizado espaço para participarem com ele alunos assumidamente ateus, após muitos estudos onde contemplaram Friedrich Nietzsche; Mikhail Bakunin, Ludwig Feuerbach, Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett e Sam Harris.

Imagem 4 - Banca formada por professores Ateus



Foto: Timóteo Flores

A outra banca era da religião desconhecida, ou não identificada, contemplando nesta ciranda todas as religiões por alguém representadas mesmo que no anonimato, para que ninguém se sentisse excluído, totalizando assim 20 bancas cirandando na grande Mandala¹⁴¹ das Religiões.

Imagem 5 - Banca para Religiões não Identificadas



Foto: Timóteo Flores

¹⁴¹ Mandala é uma palavra sânscrita, que significa círculo. Mandala também possui outros significados, como círculo mágico ou concentração de energia. Universalmente a mandala é o símbolo da totalidade, da integração e da harmonia. É uma representação geométrica da dinâmica relação entre o ser humano e o cosmo. De fato, toda mandala é a exposição plástica e visual do retorno à unidade pela delimitação de um espaço sagrado e atualização de um tempo divino.

Conforme as turmas de alunos foram entrando no ginásio e tomando acento em sua mesa ou banca, na grande Mandala das Religiões, o espaço que até então era conhecido por algumas religiões como profano, transformou-se em espaço sagrado, que, segundo Durkheim:

O sagrado e o profano foram sempre e por toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há em comum [...] uma vez que a noção de sagrado é no pensamento dos homens, sempre e por toda a parte separada da noção do profano [...] mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão e bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras.¹⁴²

Já Otto define sagrado e profano utilizando o racional e o irracional:

- ✓ O Sagrado – Complexidade do Conceito
- ✓ Racional: Ética/Moral
- ✓ Irracional: Mysterium.¹⁴³

Sagrado racional é como algo estrita e estreitamente ligado à ética, à moral e à bondade. Portanto, ser sagrado é o mesmo que ser santo, ou melhor, ser revestido de uma pureza moral e ética inigualável e inacessível, o que confere ao ser que é santo/sagrado uma bondade extraordinária.

O racional no sagrado ou divino é o que o nosso entendimento apreende e interpreta o que nos é familiar e pode ser explicitado num conceito; campo de pura clareza, ele possui dentro de si elementos morais e éticos, algo realmente divino que transcende os processos de racionalização.

O sagrado irracional, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, entende o que é singular e não passível de explicação conceitual; parte de uma obscura profundidade, de um grande mistério.

Os elementos racionais e irracionais da categoria complexa do sagrado são, portanto, elementos a priori. Os últimos são-no tanto quanto os primeiros. A religião não está sob a dependência de telos (finalidade) nem de ethos (moral) e não vive de postulados. E o que nela há de irracional tem também

¹⁴² DURKHEIM, 1996, p. 30.

¹⁴³ Conforme OTTO, é o *mysterium tremendum et fascinans*, o mistério profundo que, a um só tempo, inspira, naquele que o vivencia, terror e maravilhamento. OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992. p.173.

uma origem independente e mergulha diretamente as suas raízes nas profundidades ocultas do espírito.¹⁴⁴

Imagem 6 - Banca da Umbanda – 7º Ano A



Foto: Timóteo Flores

Neste instante, o ginásio foi revestido do sagrado e tudo tornou-se sagrado. Cada banca, cada símbolo, cada elemento aqui representado era sagrado para alguma religião; já não existia espaço para o profano; tudo tornou-se sagrado principalmente a vida de cada ser humano presente ali.

O ser humano apreende o sagrado como algo que o ultrapassa, o transcende e do qual ele se vê como dependente. A emoção religiosa, com efeito, caracteriza-se pelo recolhimento solene e pelo arrebatamento. Tal é o propalado “sentimento do estado de criatura”, qual seja, “o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura”.¹⁴⁵

Para Durkheim, a essência da religião é a divisão do mundo em fenômenos sagrados e profanos.

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou

¹⁴⁴ OTTO, 1992, p. 177.

¹⁴⁵ OTTO, 1992, p. 19.

em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado.¹⁴⁶

Rapidamente as mesas ou bancas estavam prontas, formando assim uma grande Mandala das Religiões. E mandala aqui queremos dizer que é o símbolo da totalidade, da integração e da harmonia, no sentido geométrico da dinâmica, onde todas as religiões pesquisadas ganharam acento na ciranda¹⁴⁷, não sendo nenhuma mais importante, mas todas com igual importância, respeitando-se entre si.

Os alunos e as alunas dos anos iniciais compostos do pré até o 5º ano também trabalharam a temática “Sementes da Paz” e estavam presentes para contemplarem estes momentos.

Foi estudada com os anos iniciais, no componente curricular Ensino Religioso, a questão dos frutos na vida do ser humano, que só poderemos colher aquilo que plantarmos e que, quando plantarmos sementes do bem, colheremos bons frutos e, da mesma forma, se plantarmos sementes do mal, colheremos maus frutos.

A professora em sua prática pedagógica sugeriu que eles trouxessem sementes de bons frutos para juntos plantarem, regarem e cultivarem; então a terra foi preparada, as sementinhas plantadas e bem cuidadas, germinaram e deram lindas flores ali oferecidas nesta linda festa das religiões.

A abertura da Feira das Religiões foi realizada pelo diretor da escola Sr. Lairton Ariel Kaefer, dando as boas vindas para todos e todas presentes, agradecendo à mesa de autoridades, composta pelo secretário da educação Sr. Luciano Rodrigues, a secretária adjunta de educação, o Prof. Dr. Remí Klein representando a Religião Luterana e alguns líderes sagrados religiosos, como o pastor da Religião Batista, um diácono e um padre da Igreja Católica, um pai de Santo da Umbanda que posteriormente tiveram espaço para suas contribuições.

A cerimônia começou com a entrada dos anos iniciais com um aluno de cada turma; estes entraram em uma fila de alunos e passaram pela mandala das religiões fazendo a ciranda e oferecendo a cada banca um vaso de flor representando as “sementes da paz” preparadas por eles para embelezar cada uma das religiões presentes nesta mandala.

¹⁴⁶ DURKHEIM, 1996, p. 27.

¹⁴⁷ Caracteriza-se pela formação de uma grande roda.

Foram até o centro da ciranda e cantaram uma canção que falava de sementes da amizade; logo após entregaram uma flor para cada integrante da mesa de convidados, simbolizando a semente da paz.

Imagem 7 - Crianças que entraram levando flores e cantaram



Foto: Timóteo Flores

Em seguida, cada representante das vinte bancas presentes foi entrando no ginásio, fazendo a ciranda, passando em frente às bancas e entregando o seu cartaz contendo um símbolo religioso de sua religião para ser colocado na mandala e sentando-se ao seu redor.

Imagem 8 - Alunos e alunas em fila na entrada do desfile



Foto: Timóteo Flores

Imagem 9 - Entrega de cartaz para Mandala

Foto: Timóteo Flores

Conforme Durkheim, as coisas sagradas são representações da vida social e, em virtude disso, afirmou não existirem religiões falsas, pois, à sua maneira, “todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana”.¹⁴⁸

Após todas as turmas entrarem, os alunos fizeram uma ciranda na mandala e a colocaram de pé de maneira que todos pudessem visualizá-la e contemplá-la.

¹⁴⁸ DURKHEIM, 1996, p. 31.

Imagem 10 - O cirandar das religiões



Imagem 11 - O cirandar das religiões



Foto: Timóteo Flores

Imagem 12 - Coreografia do grupo que pesquisou as religiões evangélicas



Foto: Timóteo Flores

As alunas do 6º ano que pesquisaram as religiões evangélicas e eram praticantes destas religiões, prepararam uma coreografia da música gospel *Ressuscita-me* da cantora Aline Barros.

A música é a expressão artística que os evangélicos encontram como a mais apropriada para anunciar o sagrado. Dizem que através da música entramos em contato com o Transcendente; é a arte que transcende as artes; a música une pessoas, pois o humano é limitado e na música a limitação parece expandir-se um pouco mais entrando nas esferas transcendentais.

A emoção religiosa, com efeito, caracteriza-se pelo recolhimento solene e pelo arrebatamento. Tal é o prolapado “sentimento do estado de criatura”, qual seja, “o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura”. O ser humano apreende o sagrado como algo que o ultrapassa, o transcende e do qual ele se vê como dependente.¹⁴⁹

O grupo de alunos que estava com a responsabilidade de pesquisar a religião do Hinduísmo preparou um teatro com “Rito de passagem” demonstrando os rituais hindus para nascimento, casamento e morte. Os membros do grupo desta religião pesquisaram e acharam que seria importante compartilhar com a comunidade escolar suas descobertas através de teatro e realizaram uma encenação com muita seriedade.

¹⁴⁹ OTTO, 1992, p. 19.

Imagem 13 - Teatro da religião do Hinduísmo

Foto: Timóteo Flores

Imagem 14 - Teatro da religião do Hinduísmo

Foto: Timóteo Flores

Os alunos prepararam explicações sobre os conceitos que haviam estudado em sala de aula durante o ano para melhor compreenderem o que é sagrado e a relevância da temática para compreenderem o respeito ao próximo e o respeito e a reverência que devemos ter diante de outras religiões.

Para compreendermos a diversidade religiosa é preciso primeiramente nos apropriar de alguns conceitos básicos que norteiam e dão direção para a aquisição de novos conhecimentos até então não desvendados.

Começamos nosso ano letivo com muitas indagações e estas questões foram sendo esclarecidas ao longo do ano letivo, tais como:

Por que uma professora só para este componente curricular? Conforme os PCNs¹⁵⁰, o educador do componente curricular de Ensino Religioso deverá ter a clareza e a convicção de sua fé e para isto se faz necessária uma formação específica.

Quais os temas que serão abordados? Conforme os PCNs, os conteúdos serão: Culturas religiosas, Tradições religiosas, Escrituras Sagradas, Teologias, Ritos e Ethos, com foco na alteridade.

O que é Religião? RELIGIÃO: A palavra RELIGIÃO vem do termo latino RELIGIO, do verbo RELIGARE. É o conjunto de vínculos que nos RELIGA a DEUS. É o resultado da busca das pessoas no decorrer da História por uma resposta sobre o sentido e a origem da vida, da natureza e do Universo. É por isso que não encontramos uma religião, mas várias religiões, pois cada uma delas nasceu num espaço e num tempo diferentes. Religião é um grupo de pessoas, uma comunidade reunida em torno de uma mesma crença e que põe em prática os ensinamentos e valores anunciados por essa mesma crença, essa mesma fé.

O que é Religiosidade? É uma experiência interior de cada pessoa com Deus, que pode ser compartilhada com um grupo ou comunidade. Essa experiência pessoal pode ser vivenciada por meio das orações, das atitudes, dos comportamentos, distinguindo o que é “bom” e o que é “ruim”.

O que é ou que é o Transcendente? É o ser supremo, superior aos demais seres humanos, chamado também de Deus.

Quem é Deus? É o criador que rege e sustenta a criação, Universo.

O que é laico?

Liberdade de opção religiosa.

A atual *Constituição do Brasil*, em vigor desde 1988, assegura o direito à liberdade religiosa individual de seus cidadãos e proíbe o estabelecimento de igrejas estatais e de qualquer relação de "dependência ou aliança" de autoridades com os líderes religiosos, com exceção de "colaboração de interesse público, definida por lei, passando o país a ser oficialmente laico".

O que é livre arbítrio? Liberdade de fazer escolhas.

¹⁵⁰ FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

O que é alteridade? É reconhecer e respeitar o outro na sua diferença, sendo um ser único e individual.

Tema comum de todas as religiões: Amor: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.”

Após as apresentações, foi dada a palavra para o secretário da educação que estava presente, Sr. Luciano Rodrigues, demonstrando sua admiração pelo trabalho realizado, com esta integração das religiões nesta grande mandala das religiões da Feira das Religiões, salientando que nunca tinha participado ou ouvido falar de uma ação pedagógica sobre religiões e parabenizando a escola por tamanha ousadia.

Imagem 15 - Fala do Secretário da Educação – Sr. Luciano Rodrigues



Foto de Timóteo Flores

Estava presente, representando a Igreja Luterana e Faculdades EST, o Prof. Remí Klein prestigiando este evento e lhe foi passada a palavra onde explicou que a Professora Mirian Cerveira era mestrandia das Faculdades EST e com esta feira realizava seu projeto de pesquisa; elogiou os alunos por participarem com tanto interesse e a escola por abrir as portas e apoiar a professora em sua pesquisa. Elogiou o trabalho desenvolvido pela escola e pela Prefeitura de Sapucaia do Sul. “Parabenizo a Prefeitura, pois lembro que o município foi um dos primeiros a abrir concurso para professores de Ensino Religioso e a atividade desenvolvida aqui é importante, pois é fundamental conhecer para conviver. Temos que ter profundo respeito com o que é sagrado para o outro.”

Imagem 16 - Fala do Dr. Prof. Remí Klein



Foto: Timóteo Flores

Em seguida o Pastor da Igreja Evangélica Batista Vílcio Carlos Flores trouxe uma pequena meditação onde refletia sobre o “Amor”. Lembrou ele que o mais importante é o amor e que este é um tema comum de todas as religiões. Salientou que Jesus deixou um mandamento que é: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” e que esta Feira serviria para praticarmos este mandamento.

Imagem 17 - Fala do Pastor da Igreja Evangélica Batista Vílcio Carlos Flores



Foto: Timóteo Flores

Após o pastor, a palavra foi passada para o representante da Umbanda Pai de Santo Sr. Jauri Machado representando as Religiões Afro-brasileiras, disse-nos que precisamos nos respeitar, porque diante de Deus somos todos iguais e que o

povo Afro já sofreu muito ao longo da História, já se tem maturidade para o respeito e a tolerância.

Imagem 18 - Fala do Representante das religiões Afro-Brasileiras Pai de Santo Sr. Jauri Machado



Foto: Timóteo Flores

Representando a Igreja católica, Pe Hilário Dick (Unisinos) nos falou que vivemos numa sociedade brasileira e mundial muito intolerante, mas Deus é Amor e sua misericórdia é uma virtude divina. Precisamos ser tolerantes, amorosos, como Deus. Assim como somos amor, somos convidados a sermos perdão.

Imagem 19 - Fala de Pe. Representando a Religião Católica Pe. Hilário Dick



Foto: Timóteo Flores

Na sequência a palavra foi passada para o Diácono da Igreja Católica e doutorando José Silon Ferreira que em suas palavras lembrou que no solo do João de Barro, que ora era sagrado, estavam sendo plantadas Sementes da Paz e que, para germinarem, dependeriam de cada pessoa ali presente naquele evento. Convidou para que todos juntos rezassem o “Pai Nosso” e que juntos ajoelhados em terra abençoassem o solo da Escola de Ensino Básico João de Barro. Lembrou ele que a terra não tem dono e que foi dada pelo Transcendente a todos os povos. Então todos em uma só voz e de joelhos em terra abençoaram o João de Barro através do Pai Nosso.

Imagem 20 - Diácono Doutorando José Silon Ferreira



Foto: Timóteo Flores

Imagem 21 - Ajoelhados de mãos dadas rezando “Pai Nosso”



Foto: Timóteo Flores

Terminado este momento de devoção, cada banca de cada religião passou em visita a grande Mandala, observando e aprendendo com cada religião, acontecendo assim a grande ciranda das religiões.

Todos aprenderam e todos ensinaram em uma grande festa de respeito e diálogo entre as religiões.

A comunidade se fez presente e acharam muito importante a presença e a valorização de todas as religiões. Algumas pessoas disseram que eram discriminadas no bairro por pertencerem a determinadas religiões e acharam que com estas ações dentro dos muros escolares iria facilitar o convívio mais respeitoso na vizinhança do bairro.

4.2 Repercussão

Estavam presentes também repórteres dos jornais Vale do Sinos e Líder do Vale, os quais publicaram artigo sobre a Feira das Religiões, no exemplar do dia seguinte.

4.2.1 Jornal VS

Imagem 22 - Escola municipal sapucaense realiza Feira de Religiões



Fonte: Jornal VS 22/11/2016

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental João de Barro tiveram na manhã de hoje, 20 de outubro, uma feira dedicada ao estudo das religiões. Desde o início do ano, os estudantes do 6º ao 9º ano da professora de Ensino Religioso, Mirian Flores Cerveira, começaram o trabalho de pesquisa que culminou com a apresentação de 18 religiões.

O secretário municipal de Educação, Luciano Rodrigues, acompanhou a Feira de Religiões e elogiou o desempenho dos estudantes. “A escola deve abrir espaço para se discutir as religiões, mas ela não deve ter uma religião. Precisamos que os alunos aprendam e respeitem diferentes crenças”, comentou. O trabalho desenvolvido faz parte da dissertação de mestrado que a professora está fazendo pelas Faculdades EST. “O principal objetivo da atividade é que os alunos respeitem o outro, que não exista o bullying com religiões desconhecidas”, comentou. Mirian também comentou que o trabalho vem ao encontro do projeto que a Prefeitura desenvolve nas escolas do “Selo Escolar de Superação do Preconceito e da Discriminação”. O projeto lançado pela Secretaria de Educação visa promover e estimular ações pedagógicas de combate a Homofobia, Discriminação Racial e Bullying.

O ginásio contou com estandes e apresentações de trabalhos como os ritos de nascimento, casamento e morte na religião hinduísta. A aluna do 8º ano Gabriely Muller, 14 anos, apresentou sobre o islamismo e disse que aprendeu com a religião. “Eles oram cinco vezes ao dia”, comentou a menina. “Mas o mais importante é que devemos respeitar todos os deuses e religiões.”

Também foram convidados o diácono José Silon Pereira e o pastor Vílcio Carlos Flores, que representaram o cristianismo e a religião evangélica, respectivamente. O professor adjunto da Escola Superior de Teologia (EST) e coordenador adjunto do Mestrado Profissional da área de Filosofia/Teologia junto à CAPES, Remí Klein, elogiou o trabalho desenvolvido pela escola e pela Prefeitura de Sapucaia do Sul. “Lembro e parabenizo à Prefeitura, pois o município foi um dos primeiros a abrir concurso para professores de Ensino Religioso e a atividade desenvolvida aqui é importante, pois é fundamental conhecer para conviver. Temos que ter profundo respeito com o que é sagrado para o outro”, frisou.¹⁵¹

4.2.2 *Jornal Líder do Vale* - escola municipal sapucaense realiza Feira das Religiões

Imagem 23 - Encenação do ciclo da vida do Hinduísmo



Foto: Timóteo Flores

¹⁵¹ JORNAL *Vale do Sinos*, 21 de outubro de 2015.

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental João de Barro tiveram na manhã de hoje, 20 de outubro, uma feira dedicada ao estudo das religiões. Desde o início do ano, os estudantes do 6º ao 9º ano da professora de Ensino Religioso, Mirian Flores Cerveira, começaram o trabalho de pesquisa que culminou com a apresentação de 18 religiões.

O secretário municipal de Educação, Luciano Rodrigues, acompanhou a Feira de Religiões e elogiou o desempenho dos estudantes. “A escola deve abrir espaço para se discutir as religiões, mas ela não deve ter uma religião. Precisamos que os alunos aprendam e respeitem diferentes crenças”, comentou. O trabalho desenvolvido faz parte da dissertação de mestrado que a professora está fazendo pelas Faculdades EST. “O principal objetivo da atividade é que os alunos respeitem o outro, que não exista o bullying com religiões desconhecidas”, comentou. Mirian também comentou que o trabalho vem ao encontro do projeto que a Prefeitura desenvolve nas escolas do “Selo Escolar de Superação do Preconceito e da Discriminação”. O projeto lançado pela Secretaria de Educação visa promover e estimular ações pedagógicas de combate a Homofobia, Discriminação Racial e Bullying.

O ginásio contou com estandes e apresentações de trabalhos como os ritos de nascimento, casamento e morte na religião hinduísta. A aluna do 8º ano Gabriely Muller, 14 anos, apresentou sobre o islamismo e disse que aprendeu com a religião. “Eles oram cinco vezes ao dia”, comentou a menina. “Mas o mais importante é que devemos respeitar todos os deuses e religiões.”¹⁵²

Também foram convidados o diácono José Silon Pereira e o pastor Vilson Carlos Flores, que representaram o cristianismo e a religião evangélica, respectivamente. O professor adjunto da Escola Superior de Teologia (EST) e coordenador adjunto do Mestrado Profissional da área de Filosofia/Teologia junto à CAPES, Remí Klein, elogiou o trabalho desenvolvido pela escola e pela Prefeitura de Sapucaia do Sul. “Lembro e parabeno à Prefeitura, pois o município foi um dos primeiros a abrir concurso para professores de Ensino Religioso e a atividade desenvolvida aqui é importante, pois é fundamental conhecer para conviver. Temos que ter profundo respeito com o que é sagrado para o outro”, frisou.

A Rádio Líder do Vale convidou a professora, organizadora da Feira das Religiões, para dar entrevista ao vivo na mesma noite da feira, apresentando o projeto “Feira das Religiões” para toda a comunidade sapucaense.

Imagem 24 - Rádio Líder do Vale



¹⁵² Relatório de aluna de 8º ano.

Imagem 25 - Entrevista na Rádio Líder do Vale



Foto: Timóteo Flores

No final do ano letivo a professora Mirian foi convidada a comparecer na Rádio Líder do Vale para receber o prêmio da secretária de educação de uma das cinco melhores ações pedagógicas realizadas em escolar municipais de Sapucaia do Sul no ano de 2015.

Imagem 26 - Entrega do prêmio dos cinco melhores projetos do ano de 2015



Foto: Timóteo Flores

Na plenária da Câmara Municipal, nesse mesmo dia, o presidente da Câmara Municipal leu uma carta de agradecimento pela ação feita em nome da professora Mirian Cerveira, parabenizando a iniciativa da professora junto à Escola de Ensino Básico João de Barro e encaminhou a mesma para a escola repassar à professora.

Os objetivos da realização da Feira das Religiões foram alcançados e os alunos ficaram motivados e entusiasmados, fazendo da Feira das Religiões uma grande festa das religiões, a qual teve uma repercussão de uma dimensão que realmente não era esperada nem imaginada. Repercussão esta a nível de Secretaria de Educação, pois o secretário da educação propôs e desafiou a professora a realizar a Feira das Religiões via Secretaria da Educação, com a adesão e participação das vinte e cinco escolas pertencentes à Secretaria de Educação do Município de Sapucaia do Sul.

Na semana seguinte o secretário municipal de educação Sr. Luciano Rodrigues recebeu a professora em entrevista, onde conversaram sobre assuntos pertinentes à Feira das Religiões. A professora questionou-o sobre a partir de quando o Município de Sapucaia do Sul teve compreensão da importância do cumprimento da mesma.

Nessa perspectiva, a Resolução CEB/CNE nº 2/1998 incluiu o Ensino Religioso como uma das áreas de conhecimento. Essa determinação foi ratificada pelas Resoluções CNE/CEB nº 4/2010 e nº 7/2010, que mantiveram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos, bem como no documento do MEC da Base Nacional Comum Curricular. Segundo o secretário de educação, a compreensão deu-se a partir da interpretação da Legislação e da necessidade de tomarmos as medidas necessárias para cumpri-la, o que se deu por meio da realização de concurso público prevendo vagas para o cargo de professor de Ensino Religioso.

Ao perguntarmos sobre como o secretário de educação se sente, tendo sido o Município de Sapucaia do Sul um dos primeiros Municípios da Região metropolitana a cumprir com a Legislação referente a ter professores de Ensino Religioso concursados para esta área específica de conhecimento, ele respondeu que “os Conselhos Estaduais de Educação estabeleceram as normas para habilitação e admissão de professores de Ensino Religioso. Devem fazer parte do quadro permanente do magistério federal/estadual ou municipal e serem portadores

de diploma de licenciatura em Ensino Religioso. Caso não existam profissionais devidamente licenciados, o sistema de ensino poderá preencher os cargos de professores com profissionais portadores de diploma de especialistas em Ensino Religioso (mínimo de 360 h/a), desde que sejam portadores de diploma em outra licenciatura; bacharéis na área da religiosidade, com complementação exigida pelo MEC, desde que tenham cursado disciplina na área temática de Teologia Comparada, no total de 120 h/a. Devem demonstrar capacidade de atender a pluralidade cultural e religiosa brasileira, sem proselitismo, comprometendo-se com os princípios básicos da convivência social e cidadania, vivenciando a ética própria aos profissionais da educação; apresentar domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso”.

“É compromisso da Secretaria Municipal de Educação cumprir a legislação vigente, pois o funcionamento da educação está pautado em normas nacionais que devem ser cumpridas, sem exceções. Se não temos o profissional específico vamos suprir a demanda com outro profissional, até este estar em nosso quadro.”

Outro questionamento feito ao secretário foi: Dia 20 de outubro de 2015, realizou-se uma feira na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, intitulada FEIRA DAS RELIGIÕES, a qual o Sr. Secretário da Educação abrilhantou com sua presença, o que o Sr. achou deste evento?

“A Feira das Religiões, realizada na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, foi muito significativa, pois tivemos a oportunidade de conhecer e reconhecer o trabalho construído no dia a dia da escola, pela culminância que se deu. Foi uma feira ousada, nunca vi nada neste sentido que tratasse todas as religiões e seus praticantes com igual importância, acho que vai ser muito útil ao combate da intolerância e ao respeito ao próximo.”

O Sr. Secretário da Educação, Sr. Luciano Rodrigues, acha que o evento deve se repetir ou não?

“Eventos como este de uma Feira das Religiões devem ocorrer em todas as escolas, podemos pensar em fazer este evento a nível de Secretaria Municipal de Educação, proporcionando inclusive a participação de outros segmentos, intervindo na realidade e na sociedade como um todo. O conhecimento ganha outra dimensão pela sua publicação.”

Por quê?

“A socialização das experiências proporciona ao professor e ao aluno uma nova visão. Ao expor os seus trabalhos recebem o reconhecimento e a crítica e ambos encaminham para o amadurecimento e a novos desafios. O conhecimento socializado se enriquece e atinge a finalidade da multiplicação. Parabéns pela coragem e ousadia.”

Ele respondeu a todos os questionamentos feitos pela pesquisadora, os quais serão analisados juntamente com os gráficos construídos através de questionários e relatórios dissertativos realizados com alunos e alunas na aula posterior ao dia da Feira das Religiões.

4.3 Análise de Questionários

Na aula seguinte à Feira das Religiões, a professora pesquisadora aplicou com os alunos do 6º ao 9º anos questionários referentes à participação dos mesmos na Feira das Religiões e redações dissertativas comentando qual a importância que a Feira das Religiões teve em suas vidas, para verificar se os objetivos propostos com a elaboração da Feira das Religiões foram alcançados.

A pesquisa-ação é uma metodologia que, segundo André, oferece aos professores pesquisadores a possibilidade de inserirem “seus próprios temas e projetos de pesquisa nos programas das disciplinas”.¹⁵³ Portanto, através do programa do componente curricular, abordamos temas relacionados desde a origem do multiculturalismo até as suas correntes e seus desdobramentos em práticas pedagógicas.

Em relação ao diálogo em sala de aula, a referida autora defende a ideia de que o pesquisador deve agir em dois níveis ao mesmo tempo: “satisfazendo as necessidades de sua linha de investigação enquanto, de forma simultânea, passa adiante questões ‘amigáveis e não ameaçadoras’ em suas ‘entrevistas espontâneas’”. Esse tipo de diálogo é chamado por André (2007) de entrevista semiestruturada, definida como aquela onde as perguntas são específicas, porém deixando o entrevistado livre para elaborar ou expandir suas respostas.

¹⁵³ ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2007. (Série Pedagógica)

Por isso, além do diálogo inter-religioso, decidimos também analisar dois documentos, os questionários e as redações, a fim de uma complementar a outra ou validar a outra.

Os questionários aplicados na aula posterior à Feira das Religiões foram cuidadosamente lidos e analisados, os quais, após serem lançados em software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), geraram dados quantitativos resultados das frequências e das associações entre as variáveis, somados a um relatório dissertativo sobre a Feira das Religiões, mais uma entrevista realizada com o secretário da educação, dando origem aos gráficos que serão analisados e comentados a seguir.

Quadro 1 - Idades e Sexo

QUAL SUA IDADE?		QUAL SEU SEXO?	
IDADE	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
11 ANOS	10	08	18
12 ANOS	35	32	67
13 ANOS	28	40	68
14 ANOS	63	28	91
15 ANOS	26	26	52
16 ANOS	10	16	26
17 ANOS	0	04	04
TOTAL	172	154	326

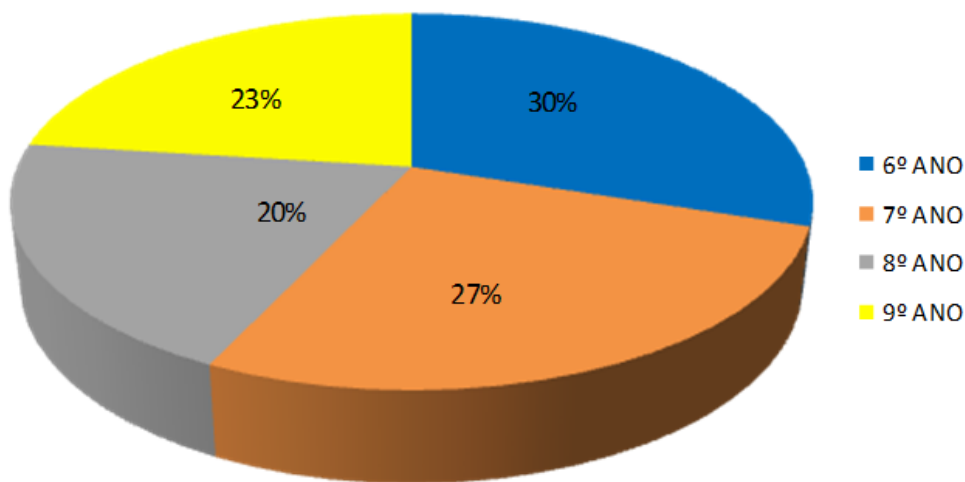
Fonte: Elaborado pela autora.

Vamos primeiramente trazer um panorama geral de alunos e alunas matriculados na Escola de Ensino Básico João de Barro que participaram da pesquisa-ação.

O primeiro aspecto que se buscou identificar na pesquisa diz respeito ao sexo e à idade dos alunos e das alunas. Dos 326 questionários respondidos, 172 identificaram-se como sendo do sexo feminino, representando 52,76%. A opção masculino foi escolhida por 154 alunos que representam 47,23%. No que diz respeito à idade, os alunos e as alunas estão na faixa etária entre 11 e 17 anos.

Tendo uma concentração maior entre 12 e 14 anos, representando quase 70% do total de alunos e alunas pesquisados. Em números absolutos a idade que concentra mais alunos e alunas é a de 14 anos, contando com 91 adolescentes. Já o menor número é dos alunos e alunas com 17 anos, que contam com apenas 4 jovens do sexo masculino. As informações podem ser observadas na íntegra no quadro 1.

Gráfico 1

EM QUAL ANO VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO?

Fonte: Elaborado pela autora.

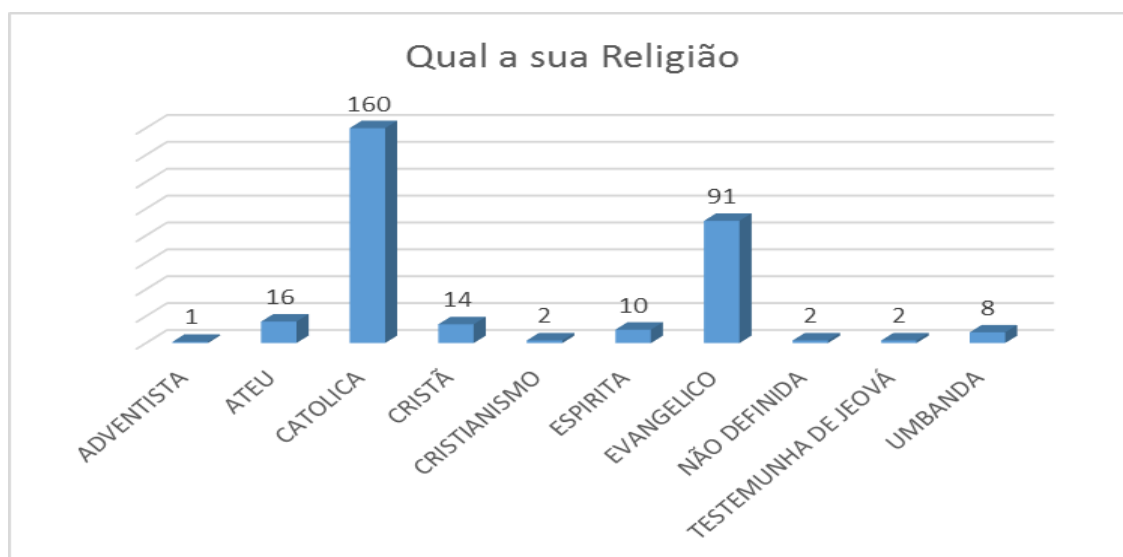
Outro questionamento que trazemos no gráfico nº 1, foi referente à série em que os alunos e as alunas estão estudando. Os estudantes pesquisados cursam do 6º ao 9º anos do ensino fundamental. A distribuição apresenta-se de maneira uniforme, porém com algumas variações, o 8º ano possui 20% dos entrevistados, ao passo que o 6º ano detém 30% das entrevistas, os estudantes do 7º ano somam 27% e os estudantes do 9º ano totalizam 23%.

Vimos que temos 152 alunos do sexo masculino e 172 alunas do sexo feminino, totalizando um número de 326 que participaram da Feira das Religiões, tendo três turmas de 6º ano, duas turmas de 7º ano, três turmas de 8º ano e duas turmas de 9º ano. A maioria de alunos possuem 14 anos, sendo a maioria do sexo feminino.

As turmas de 8º ano foram as que tiveram menor índice de participação na realização dos questionários, tendo estes alunos e estas alunas as idades entre 14 e 15 anos.

O preenchimento dos questionários não era obrigatório, somente respondia quem se sentisse a vontade para responder; já a participação da Feira das Religiões fazia parte de um dia letivo normal da escola; então os alunos precisavam participar e apresentar as bancas contendo suas pesquisas que eram de práticas pedagógicas desenvolvidas em aulas normais do componente curricular Ensino Religioso.

Gráfico 2 - Qual sua Religião?



Fonte: Elaborado pela autora.

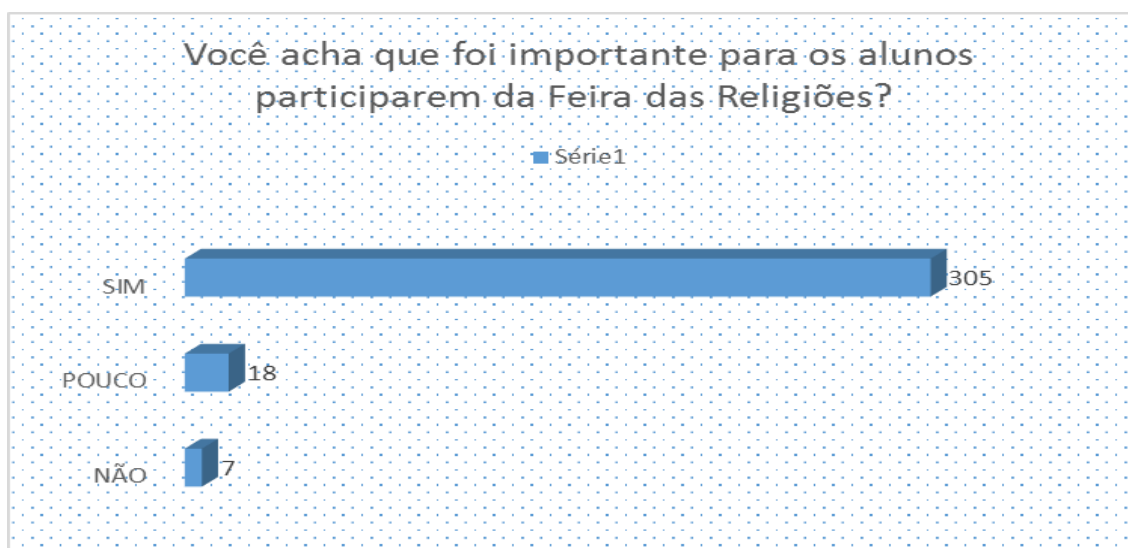
Um aspecto relevante para a finalidade desta pesquisa trazido no gráfico nº2, diz respeito à religião professada pelos alunos. Nesse sentido, identificou-se que a Religião Católica foi mencionada por 160 alunos e alunas, o que representa quase a metade dos respondentes. A segunda religião mais citada foi a Evangélica, que contou com 91 respostas, o que significa mais de $\frac{1}{4}$ dos entrevistados. Além disso, houve 16 respostas apenas com a expressão cristão ou cristianismo. As religiões cristãs foram indicadas por 267 alunos e alunas, que representam 81,9%. No entanto, aqueles que representam a minoria também expressaram a sua fé, indicando a sua identidade religiosa. Nesse grupo destacam-se os que se manifestaram ateus, com 16 respostas, os espíritas com 10 e a Umbanda com 8

entrevistados. Os 5 entrevistados restantes indicaram como alternativas Adventista, Testemunha de Jeová e “religião não definida”.

Constatou-se que, dos 326 alunos entrevistados, 20 ficaram sem dar resposta a esta pergunta, mesmo após muito estudo sobre as religiões presentes no bairro e no Brasil; talvez, por não se sentirem ainda à vontade para assumirem a sua religião ou uma religião. Dalgarrondo afirma:

A religiosidade muda ao longo do ciclo da vida [...] na adolescência verifica-se que a religiosidade também tem um papel importante e diferenciado: os adolescentes passam por muitas indagações e transformações, ocorrendo também o despertar religioso, uma fase que os fenômenos religiosos surgem com intensidade nos sentimentos e pensamentos.¹⁵⁴

Gráfico 3 - Participação na Feira de religiões



Fonte: Elaborado pela autora.

Outra questão avaliada se refere à percepção sobre a Feira de Religiões realizada na escola e abordada nesse trabalho. Pode-se verificar que a maioria, representada por 305 alunos, ou seja, 93,56%, acharam importante a realização do evento.

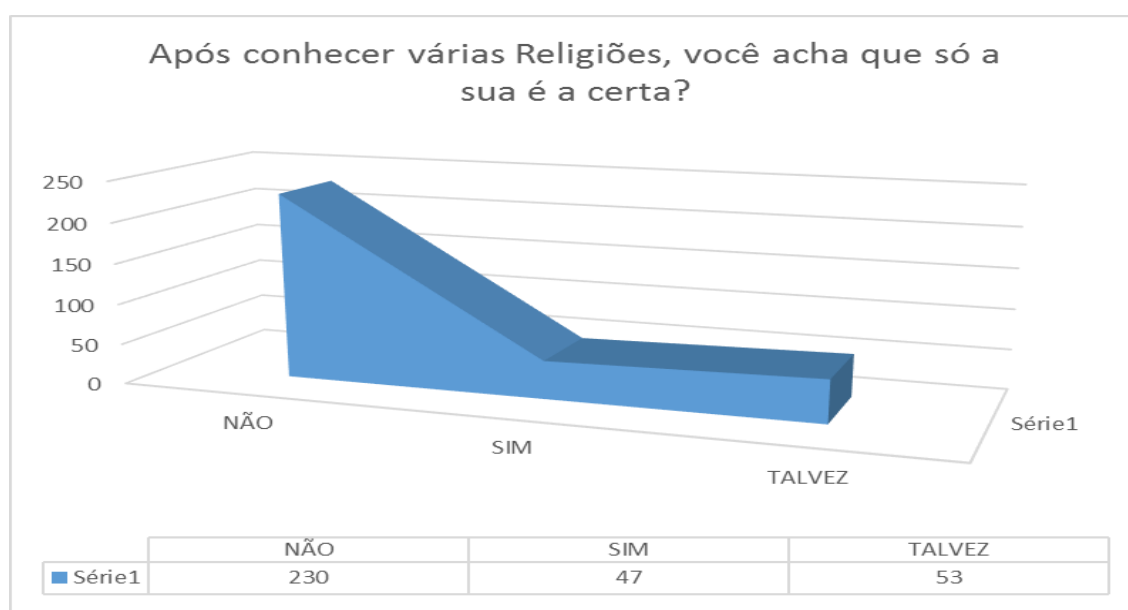
Apesar de 18 alunos terem achado pouco importante, apenas 7 indicaram que não estão de acordo com a maioria. O gráfico nº 3 apresenta os resultados consolidados.

¹⁵⁴ DALGALARRONDO, Paulo. Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 208. Apud CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, Ano III, nº 7, maio/2010. p. 253.

No gráfico acima, claramente percebe-se que a grande maioria dos alunos e alunas gostou de ter participado da Feira das Religiões, pedagogicamente falando isto se deve ao fato de que as crianças e os adolescentes gostam do diferente. E, quando são desafiados a pesquisarem o novo, um mundo desconhecido, isso atrai e produz satisfação. A vivência emocional com a utilização de técnicas expressivas participativas em sala de aula faz com que os alunos e as alunas desenvolvam sua criatividade.

Read¹⁵⁵ confirma que o uso da criatividade pode representar um instrumento importante para a educação, pois trabalha o desenvolvimento físico, emocional e social do aluno, aspectos trabalhados durante a Feira das Religiões.

Gráfico 4 - Convicção religiosa



Fonte: Elaborado pela autora.

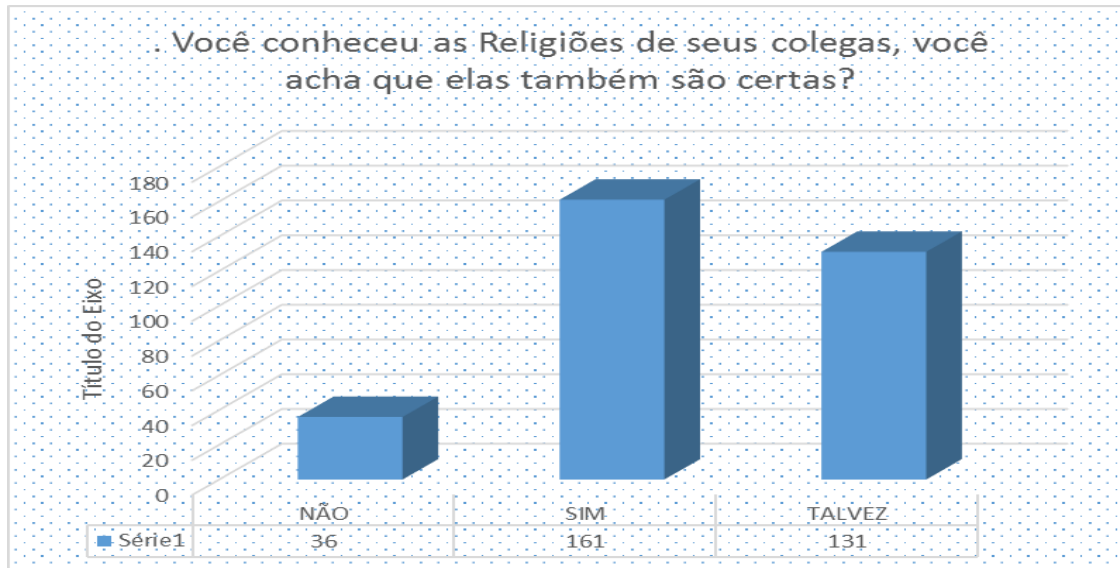
Após perguntar sobre a opinião em relação à importância da feira e a religião professada pelos alunos; buscou-se avaliar o respeito a outras religiões. Verificou-se que 230 (69,7%) dos alunos indicaram a resposta não, demonstrando que são possíveis outras formas de religiosidade. No entanto, para 47 (14,2%) dos alunos apenas a sua religião está certa, excluindo as demais formas de manifestação religiosa diferentes da sua.

¹⁵⁵ READ, H. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 27.

Finalmente para 53 (16%) a dúvida predominou e a resposta foi talvez: talvez apenas a minha religião esteja certa, talvez haja outras formas de religiosidade possíveis.

O gráfico nº 4 representado acima apresenta as respostas indicadas pelos entrevistados.

Gráfico 5 - As outras religiões também são certas?



Fonte: Elaborado pela autora.

No intuito de avançar na compreensão do respeito e da tolerância religiosa foi apresentado outro questionamento para os alunos. Dessa vez foi perguntado se as outras religiões também estariam certas. Nessa questão o número de alunos que responderam sim caiu para 161, ou seja, 48,79%.

Percebe-se aqui uma queda importante no número de alunos que responderam que não consideravam apenas a sua religião certa no gráfico 5. Existe uma diferença entre achar que apenas a sua é a certa e achar que as outras religiões estão certas. No entanto, ocorre aqui uma confirmação do pensamento dos alunos e das alunas em relação à tolerância, pois essa diferença se mostra normal. Para 131 alunos e alunas esta é uma questão que gera dúvidas, pois eles responderam que talvez as outras religiões também estejam certas. No gráfico nº 4 apenas 53 tinham essa dúvida, agora ela sobe para 131.

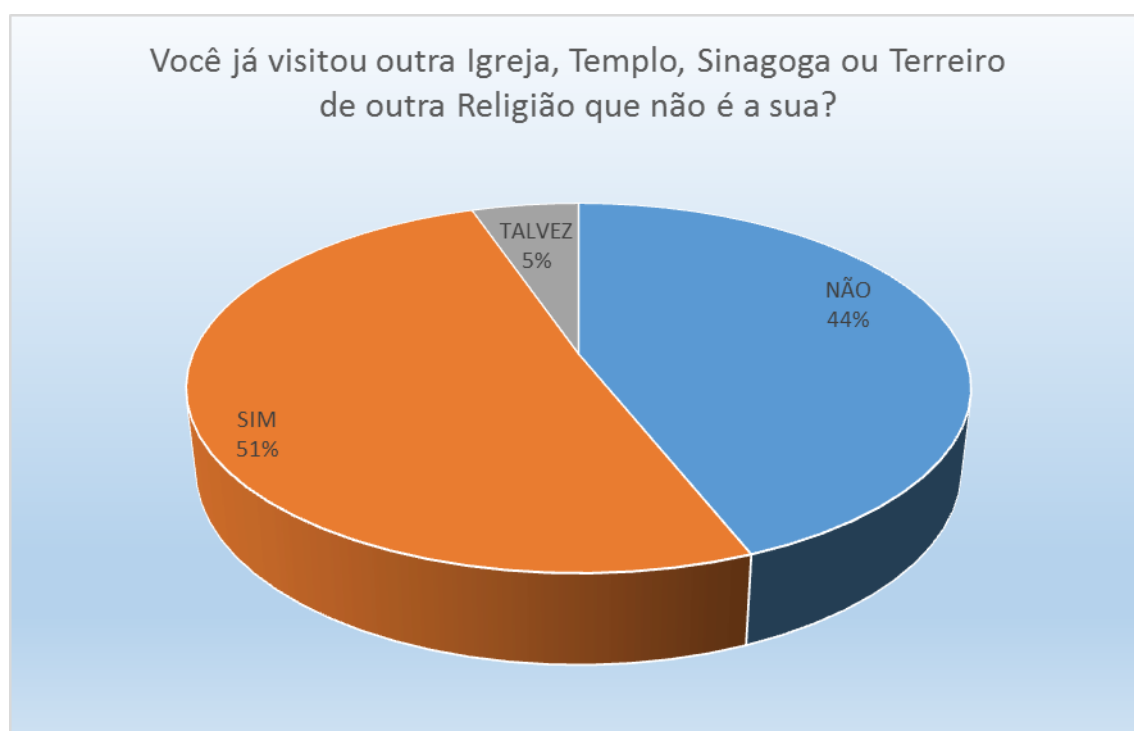
O que chama a atenção é com respeito ao número daqueles que responderam não, indicando que as outras religiões não estão certas. No gráfico nº5 foram 47, indicando que apenas a sua religião estava certa, porém, nessa pergunta

apenas 36 indicaram que não concordam que as outras religiões também estejam certas.

O objetivo da Feira das Religiões era apresentar para a comunidade escolar João de Barro uma mandala das religiões, com o intuito de cada um respeitar o outro nas suas diferenças e nestes gráficos podemos notar que o objetivo foi alcançado, quando vemos que a grande maioria dos alunos e alunas compreendeu que não é somente a sua religião que é importante, mas a do colega também é muito importante e que, para cada ser humano, a sua religião precisa ser respeitada.

A dúvida consegue depurar nossa fé das falsas crenças que a invadem sem ser notadas. Tem o poder de diminuir nossa arrogância, nos dá paciência e compaixão e nos lembra de como a verdade é importante.¹⁵⁶

Gráfico 6 - Você já visitou outra Religião?



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico nº 6 evidencia-se claramente que mais da metade dos alunos e alunas entrevistados responderam que sim, isto é, 51%, podemos notar que para as crianças e os adolescentes não existe problema algum em visitar outras religiões, inclusive temos alguns destes alunos que possuem mais de uma pertença, uma de

¹⁵⁶ ORTBERG, John. *Fé e Dúvida*. São Paulo: Ed. Vida, 2006.p.64

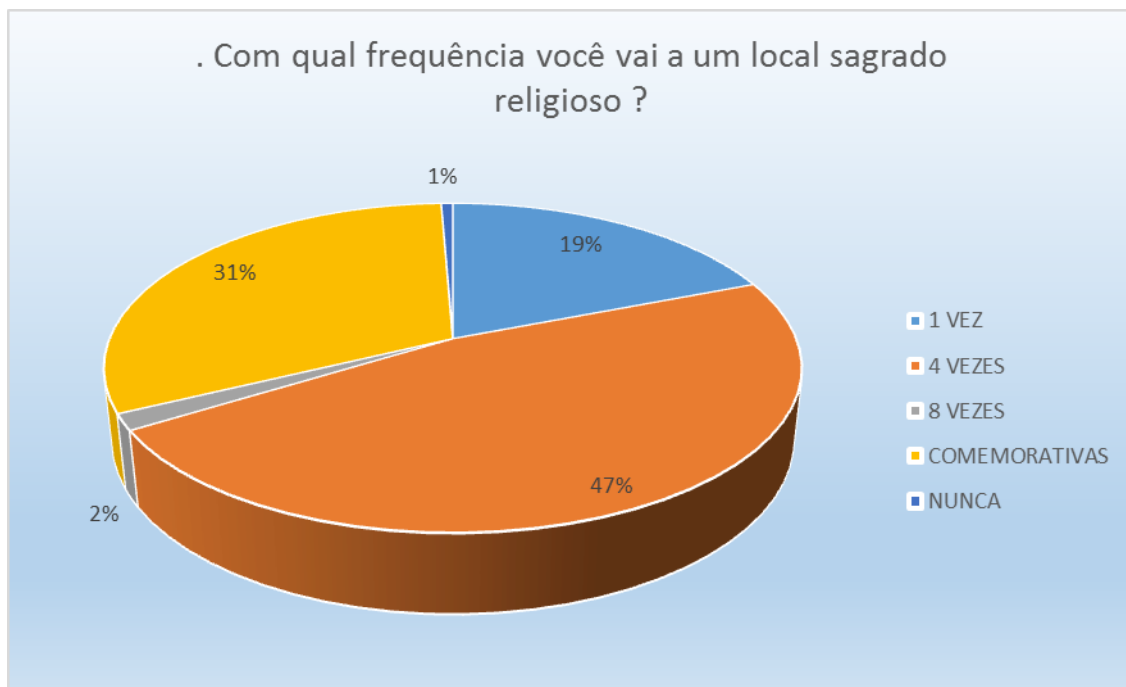
herança de mãe, uma de herança de pai, e até aqueles que acompanham os avós, então frequentam tranquilamente a mais de um local sagrado e participam daquele ritual sagrado com certa frequência.

[...] a religião é um todo formado de partes: um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos, cerimônias. Ora, um todo só pode ser definido em relação às partes que o formam. Portanto, é mais correto do ponto de vista metodológica procurar caracterizar os fenômenos elementares de que é formada toda religião, antes do sistema produzido pela sua união.¹⁵⁷

No seu relatório sobre a feira, uma aluna de 6º ano coloca que já conhecia varias religiões, mas com a Feira das Religiões ela passou a conhecer ainda mais:

Agora acredito que todas são importantes para aquele que é daquela religião e não muda nada como ser humano ser católica, evangélica, budista ou outra, eu sou católica, não pretendo mudar, mas já visitei casa de religiões e o que é que tem... Vou levar a Feira das Religiões para sempre na minha lembrança e, afinal de contas, religião a gente não discute, a gente só respeita.¹⁵⁸

Gráfico 7 - Com qual frequência você vai a um local sagrado religioso?



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁵⁷ DURKHEIM, 1996, p. 24.

¹⁵⁸ Relatório de aluna de 6º ano.

No gráfico nº 7, notamos que 47% dos alunos vão a um local sagrado quatro vezes na semana. Isto vem a confirmar as respostas referentes ao gráfico anterior, onde lembramos que alguns alunos possuem dupla pertença ou, ainda, são realmente praticantes em formação, não descartando a teoria de E. Erikson, que diz que a fase entre a infância e a vida adulta é um tempo de experimentar, de aventurar-se.

E. Erikson, a partir da teoria psico-social do desenvolvimento da identidade do ser humano, denominou o período intermediário entre a infância e os compromissos da vida adulta de “moratória psico-social”. Moratória é um tempo de espera, mas não só de espera. É também um tempo de experimentar, de aventura.¹⁵⁹

Mas, por outro lado, notou-se que alguns alunos nunca visitaram um templo sagrado, talvez nem quando bebê, para um possível batizado ou apresentação. E 31%, um percentual bem elevado, somente visita um local sagrado em datas comemorativas.

Gráfico 8 - Você gostou de ver todas as religiões apresentando-se na Feira das Religiões?



Fonte: Elaborado pela autora.

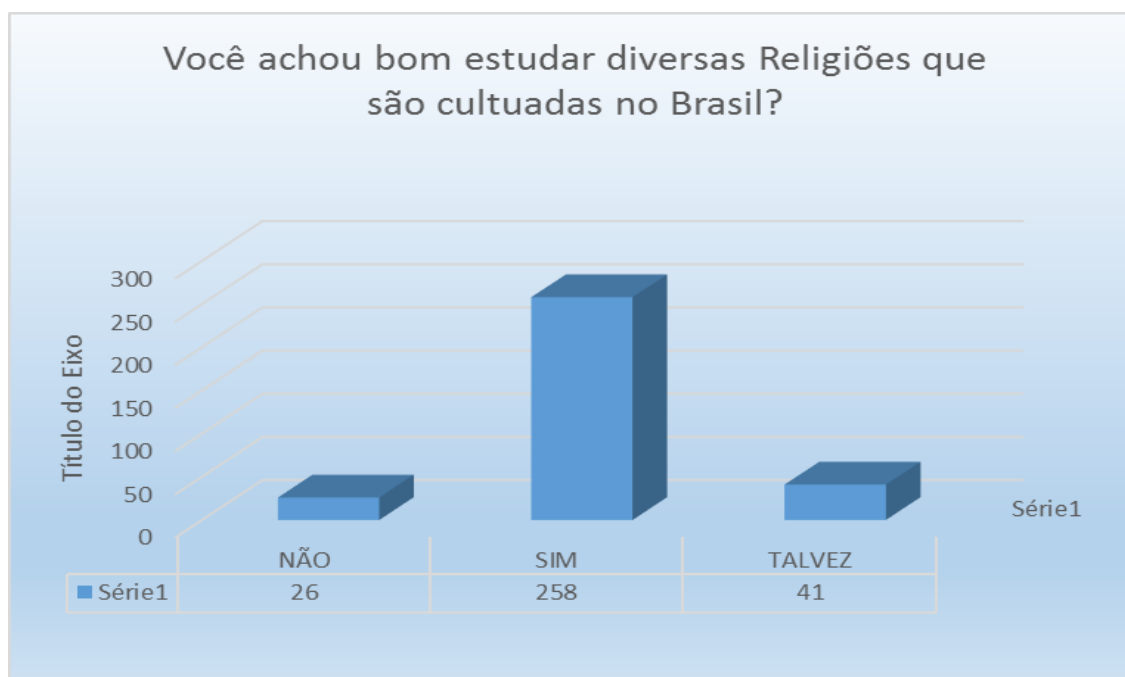
O gráfico nº8 traz um índice elevado de 88% de alunos responderam que sim, que gostaram de ver todas as religiões apresentando-se na Feira das Religiões.

¹⁵⁹ STRECK, Gisela, I. W. *Ensino Religioso com adolescentes: em escolas confessionais Luteranas da IECLB*. 2000, 337 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000. p. 73.

Isto se confirma ao lembrar-se de como estavam empolgados na montagem e na apresentação da feira. Os alunos e as alunas gostam de ser desafiados e provaram que são capazes de grandes feitos.

Um aluno do 7º ano disse que gostou porque “foi uma coisa nova em minha vida, nunca tinha visto nada parecido, uma experiência única, gosto de atividades que acrescentem sabedoria e nos motivam para sermos sábios, sem contar que esta feira vai refletir em nossas vidas, num futuro próximo”.¹⁶⁰

Gráfico 9 - Você achou bom estudar Religiões cultuadas no Brasil?



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico nº9, 258 entrevistados e entrevistadas responderam que sim, isto é, 75,4%, visto que muitos alunos não sabiam da existência de algumas religiões, pois nunca tinham estudado sobre elas. Uma aluna do 9º ano em seu relatório descritiva sobre a feira considerou:

É meu último ano aqui na escola e a gente nunca tinha estudado sobre outras religiões, sabíamos que alguns colegas eram de religiões diferentes, pois alguns meninos debochavam deles, mas não sabíamos qual era esta religião, pois tinham vergonha de nos explicar, agora eles podem falar a vontade e ninguém vai rir ou fazer bullying com eles, estes movimentos de exposição deveria ter mais aqui e em outras escolas.¹⁶¹

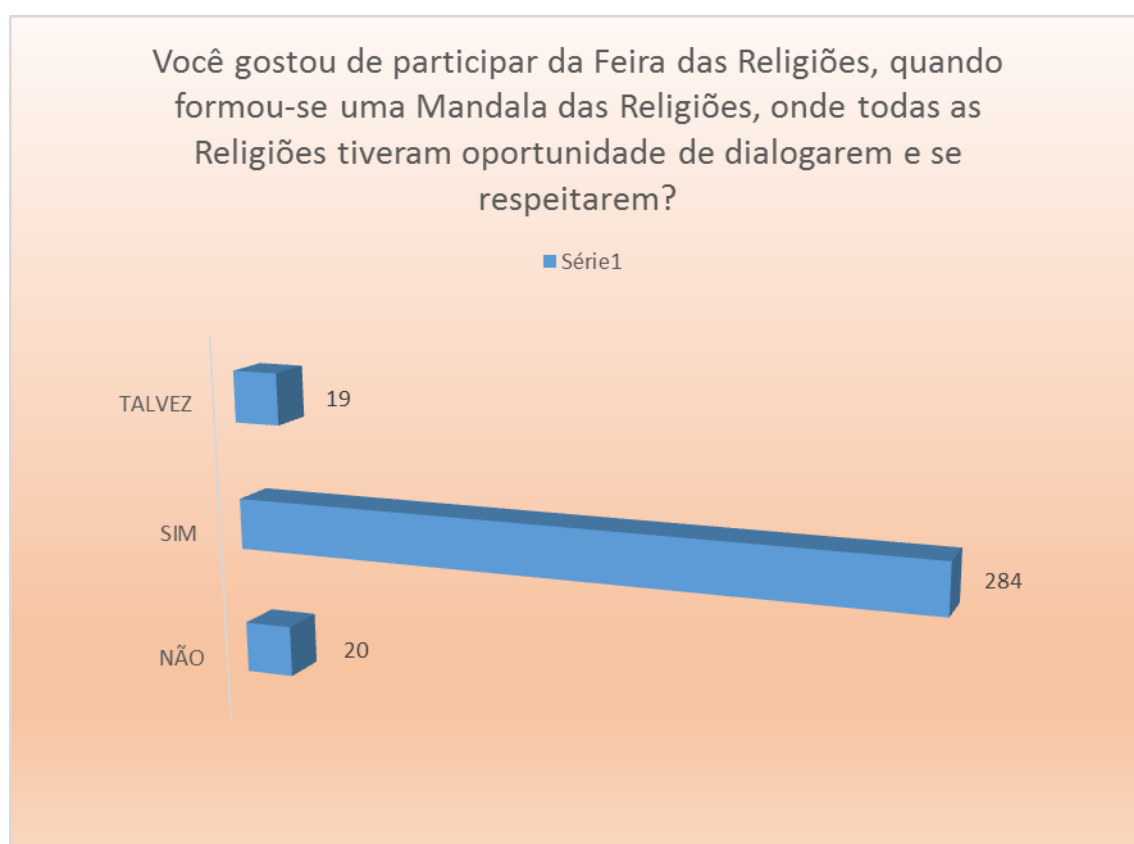
¹⁶⁰ Relatório de aluno de 7º ano.

¹⁶¹ Relatório de aluna de 9º ano.

Conforme Therezinha Motta Lima da Cruz, em seu texto *Vivências metodológicas do Ensino Religioso: a aventura de fazer perguntas*,

O Ensino Religioso tem (ou pode ter) um conteúdo instigante. A metodologia usada pode acentuar ou abafar essa característica. Acontece que nossas crianças e nossos jovens estão de horizontes encurtados e então a curiosidade encolhe junto. Nossa primeira tarefa, portanto, seria despertar o “perguntador” que todo ser humano já foi [...]. Examinando metodologia e conteúdos do Ensino Religioso, vamos tentar perceber como se encaixa aí a aventura de perguntar.¹⁶²

Gráfico 10 - Você gostou de participar da Feira das Religiões e ver o diálogo inter-religioso?



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico nº10 não deixou dúvidas sobre os alunos terem gostado ou não de participarem da Feira das Religiões, formando uma enorme Mandala das Religiões na Semeadura da Paz. 284 entrevistados responderam que sim, ou seja, 87,3% gostaram de dialogar, aprender e ensinar e serem respeitados dentro de suas escolhas religiosas, 19 entrevistados responderam que talvez gostaram, gerando um

¹⁶² CRUZ, Therezinha Motta Lima da. *Vivências metodológicas do Ensino Religioso: a aventura de fazer perguntas*. 2003. *Anais do III Fórum Estadual de Ensino Religioso*, Porto Alegre, 2003. p. 1.

percentual de 5,8% e 20 entrevistados responderam que não gostaram, gerando um percentual de 6,9%.

Um aluno do 8º ano explanou em seu relatório descritivo, que no início estava com muita vergonha de explicar seus rituais sagrados: “Achei que as pessoas iriam rir, mas, à medida que eu ia explicando, as pessoas não riam, elas iam me perguntando e eu ia ensinando e elas pareciam estar gostando de aprender o que eu ia explicando.”¹⁶³

Outro aluno, este de um 6º ano, disse que aproveitou para aprender bastante:

Achei uma boa oportunidade para ver um pouco de cada religião, fui de uma em uma, pegava uma balinha, uma lembrancinha e ficava lá perguntando tudo o que me vinha na cabeça, aí não tive vergonha de perguntar, porque meus colegas que estavam explicando, pois sempre tenho muita vergonha de perguntar quando não sei, pois meus colegas riem de mim, dizem que pergunto demais.¹⁶⁴

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso, elaborados pelo FONAPER,

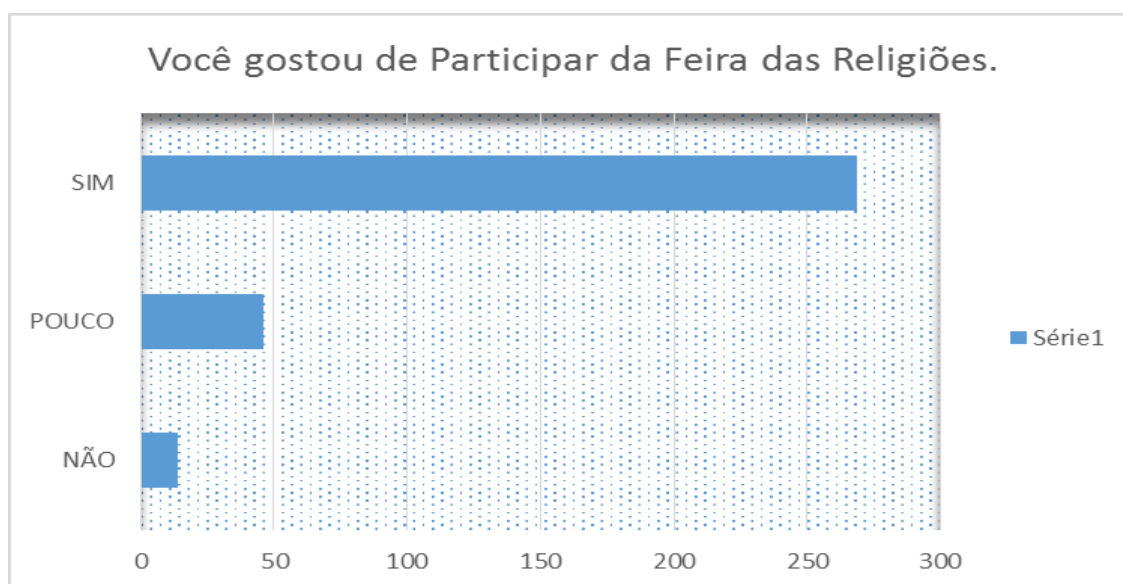
O conhecimento resulta das respostas oferecidas às perguntas que o ser humano faz a si mesmo e ao informante. Às vezes, para fugir à insegurança, resgatando sua liberdade, ele prefere respostas prontas, que apaziguam a sua ansiedade. A raiz do fenômeno religioso encontra-se no limiar dessa liberdade e dessa insegurança. O homem finito, inconcluso, busca fora de si o desconhecido, o mistério: transcende.¹⁶⁵

¹⁶³ Relatório de aluno de 8º ano.

¹⁶⁴ Relatório de aluno de 6º ano.

¹⁶⁵ FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009. p. 41.

Gráfico 11 - Você gostou de participar da Feira das Religiões?



Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas do gráfico nº11 validam o gráfico nº 10, onde novamente a resposta sim foi a escolhida pela grande maioria dos entrevistados e entrevistadas, ao serem perguntados se gostaram de participar da Feira das Religiões, ficando em segundo lugar a resposta gostei pouco e em terceiro lugar não gostei de participar da feira das religiões.

Segundo Klein¹⁶⁶,

[...] podemos ver a abordagem de um tema se tornar mais existencial quando os educandos participam de acontecimentos vivenciados em seu cotidiano. Há um espaço inacessível ao ser humano enquanto ser histórico e finito, a curiosidade que nos leva ao inacessível é também fonte de transcendência.

¹⁶⁶ KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no processo educativo-religioso. *Interações - cultura e comunidade*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 318-328, jul./dez.2013. p. 324.

Gráfico 12 - Você tem medo de outra religião?

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme analisamos no gráfico nº12, dos 326 alunos e alunas pesquisados e pesquisadas, 76% responderam que não tiveram medo de estudar e conversar sobre outras religiões, 17,8% responderam que tiveram um pouco de medo e 5,5% responderam que sim, tiveram medo de estudar e visitar alguma das bancas das religiões.

Em seu relatório sobre a Feira das Religiões, um aluno de 7º ano disse que ficou com medo sim,

[...] no início quando começamos os estudos sobre as religiões, não queria nem saber, só de ouvir a professora explicar já me dava medo, mas conforme ela foi nos mostrando que cada religião tem o seu transcendente e seus símbolos e seus rituais fui compreendendo a importância de cada uma e que cada religião merece ser respeitada pelas outras.¹⁶⁷

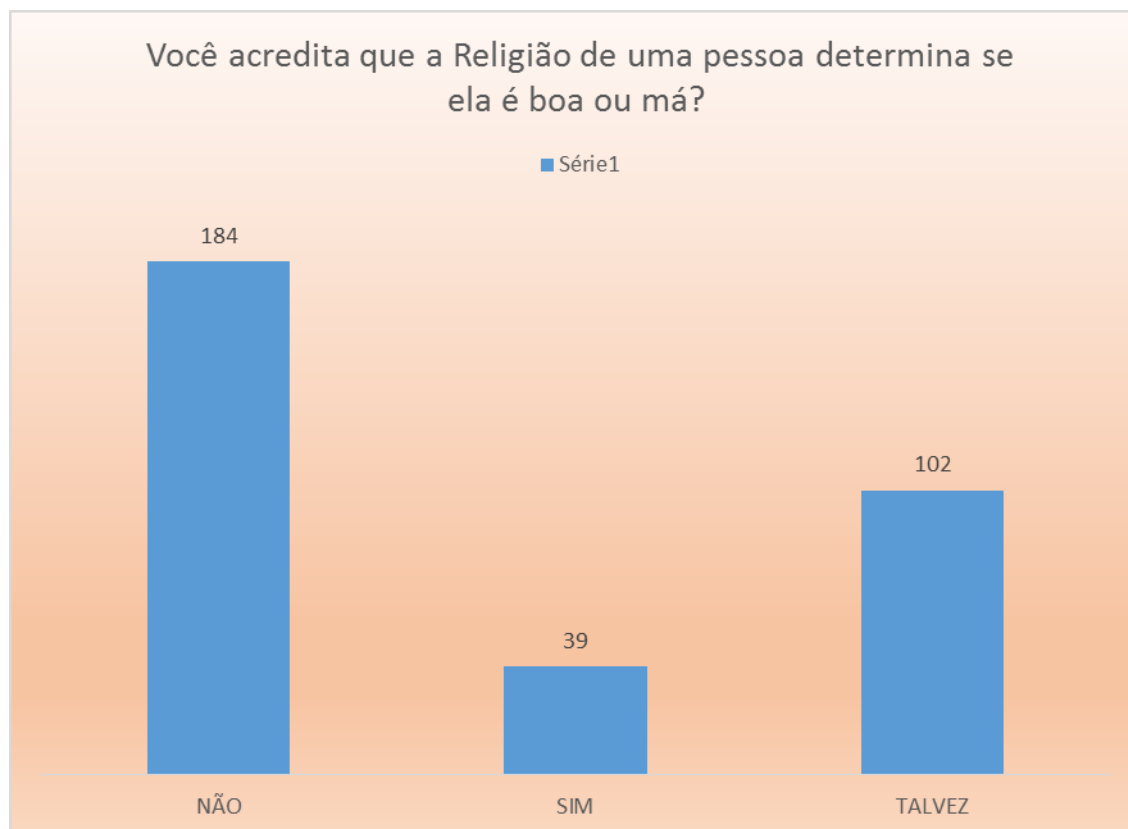
Conforme Gisela Streck, em sua tese de Doutorado, intitulada “*Ensino Religioso com adolescentes: em escolas confessionais luteranas da IECLB*”,

A influência dos diferentes contextos sociais, culturais e religiosos nos quais as pessoas estão inseridas e as respostas particulares que cada indivíduo dá aos estímulos e apelos desse contexto precisam ser levados em conta

¹⁶⁷ Relatório de aluno de 7º ano.

também no que se relaciona ao desenvolvimento da religiosidade na adolescência.¹⁶⁸

Gráfico 13 - Você acredita que a religião determina se a pessoa é boa ou má?



Fonte: Elaborado pela autora.

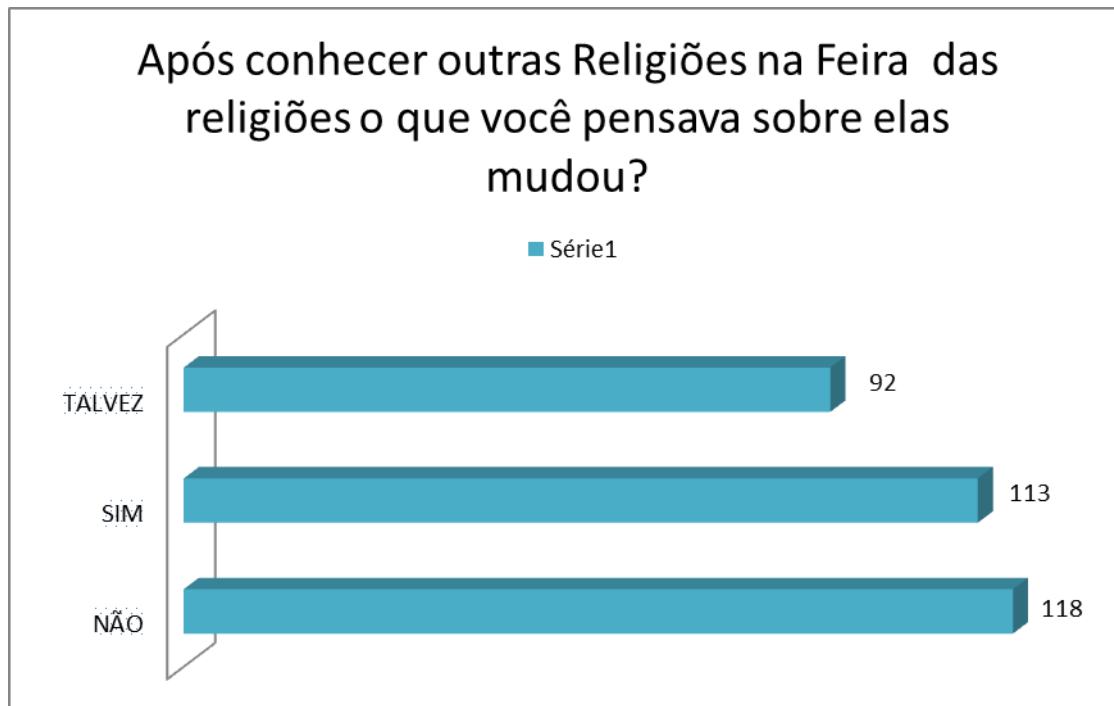
No gráfico nº13, 184 pesquisados entre os 326 que responderam os questionários responderam que não acreditam que a religião determina se uma pessoa é boa ou má, sendo que este resultado equivale a 56,61%; responderam talvez 102 pesquisados numa equivalência de 31,38% e somente 39 dos pesquisados responderam que acham que sim, que a religião determina se uma pessoa é boa, equivalendo a 12% do total. Neste sentido, uma aluna de 7º ano em seu relatório sobre a Feira das Religiões salientou:

[...] toda religião possui um transcendente ou Deus, conforme estudamos, pois isto acho que as religiões servem para tornar as pessoas melhores e não piores, se uma pessoa é má, é a natureza dela, uma religião vai servir para ela refletir sobre suas atitudes e corrigir seus erros para ser melhor e não pior.¹⁶⁹

¹⁶⁸ STRECK, 2000, p. 72.

¹⁶⁹ Relatório de aluna de 7º ano.

Gráfico 14 - Após conhecer outras religiões na Feira das Religiões, o que você pensava sobre elas mudou?



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico nº 14, quando os pesquisados foram perguntados se mudou alguma coisa sobre o que pensavam sobre as religiões, 92 dos pesquisados responderam que talvez, gerando um percentual de 28,30% dos 325 entrevistados; 113 dos pesquisados responderam que sim, o que eu pensava sobre algumas religiões mudou, gerando um percentual de 34,76%, e o índice maior ficou na resposta não, o que eu pensava não mudou, de 325 entrevistados 118 deram esta resposta gerando um índice de 36,30%.

Em seu relatório sobre a Feira um aluno de 8º ano diz que “não mudou o que eu achava das outras religiões porque já respeitava as pessoas de qualquer religião, mas passei a admirar mais algumas religiões pelos seus adeptos serem tão dedicados e participativos em seus rituais”.¹⁷⁰ Outro aluno de 7º ano disse em seu relatório:

[...] eu tinha muito preconceito com algumas religiões, principalmente as Afro, até fazia bullying com alguns colegas destas religiões, mas participando da Feira das Religiões compreendi a importância que cada

¹⁷⁰ Relatório de aluna de 8º ano.

religião tem para quem participa e que a minha religião não é melhor que nenhuma, todas são importantes.¹⁷¹

Para Streck¹⁷², a criança é influenciada principalmente pela família e pelo sistema de fé e de valores que essa tem, mas, aos poucos, à medida que ingressa na escola e em outros grupos sociais, outras pessoas também começam a exercer certa influência. Streck¹⁷³ diz que para o Ensino Religioso essa questão significa o desafio de conviver, num mesmo espaço, com diferentes níveis de desenvolvimento, não só cognitivo, mas também nas formas de expressar a religiosidade.

¹⁷¹ Relatório de aluna de 7º ano.

¹⁷² STRECK, Gisela Isolde Waechter. A função da família na educação religiosa de crianças e adolescentes. *Estudos Teológicos*, v. 55, n. 1, jan./jun., 2015. p. 169-178.

¹⁷³ STRECK, 2000, p. 73.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo geral da pesquisa analisar o sagrado enquanto cerne da experiência religiosa do universo cultural que se contextualiza no cotidiano social de inter-relação dos diversos sujeitos, com abordagem do diálogo inter-religioso, através de estudo de conceitos pertinentes ao cotidiano religioso, culminando em uma Feira das Religiões, na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro do Município de Sapucaia do Sul/RS.

Neste sentido, desenvolveu-se uma pesquisa-ação em aulas de Ensino Religioso em uma escola municipal de ensino fundamental de uma cidade do Rio Grande do sul, práticas pedagógicas estas buscando discutir, analisar e promover mudanças de posturas em relação à intolerância religiosa como também o respeito e a alteridade, bem como promover o questionamento acerca dos direitos humanos tais como liberdade religiosa, construindo o diálogo inter-religioso e o combate ao bullying.

Destas práticas pedagógicas conseguiu-se extrair possibilidades e desdobramentos para políticas educacionais futuras que passaram a fazer parte do cotidiano escolar.

No primeiro capítulo discutiu-se o referencial teórico da pesquisa, mostrando que o diálogo inter-religioso e a alteridade são de suma importância dentro dos muros escolares, realizando um movimento ativo de respostas concretas aos diversos tipos de preconceitos, na busca de valorizar as diversas culturas religiosas, frente a processos discriminatórios existentes no momento da pesquisa.

A escola mostrou-se aberta à discussão, tanto na receptividade da proposta da pesquisa, assim como na realização das ações pedagógicas, sendo que estas questões impulsionaram a referida ação, que buscou trabalhar não só com conceitos e abordagens multiculturais, mas também gerou atividades práticas desenvolvidas pelos próprios alunos e alunas, o que contribuiu para continuidade da pesquisa, avançando para o segundo capítulo.

No segundo capítulo, viu-se a necessidade de trazer para os alunos conceitos pertinentes ao mundo religioso, tais como religião e religiosidade, alteridade, tolerância religiosa e a diversidade religiosa presente nesta comunidade escolar.

Em seguida, no terceiro capítulo, descreveu-se a pesquisa-ação realizada na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, com alunos e alunas de turmas do 6º ano 9º anos, quando estudamos com os alunos e alunas algumas tradições religiosas cultuadas no Brasil.

No quarto capítulo descreveu-se todos os fatos ocorridos na Feira das Religiões que era a culminância da pesquisa.

Os dados dessa pesquisa-ação que era composta por instrumentos de pesquisa, tais como um questionário realizado com os alunos e as alunas, somado a um relatório descritivo sobre a Feira das Religiões, mais uma entrevista realizada com o secretário da educação, geraram gráficos que foram analisados no quarto capítulo.

Portanto, o presente estudo visou contribuir neste debate, objetivando ir além da discussão teórica, mas utilizando-se de práxis pedagógicas que viessem a contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, que todos os alunos pudessem ter orgulho de suas escolhas e fossem respeitados em sua identidade religiosa.

Durante 18 meses de caminhada nesta pesquisa, foram lançadas muitas sementes da paz, tais como: respeito, alteridade, carinho, compreensão e principalmente amor.

Não sabemos se estas sementes germinarão, pois os tipos de solos chamados corações que foram encontrados ao longo desta caminhada, são muito variados, com intolerância, ódio, rejeição, desamor, preconceito e abandono; porém, sabemos que a semente amor perfura qualquer terra por mais árida ou pedregosa que seja e que a palavra lançada nunca voltará sozinha, sempre voltará trazendo consigo bons frutos.

Os frutos do coração são: amor, bondade, solidariedade, afeto, ternura, compaixão, gentileza, compreensão e auxílio.

Os frutos ruins do coração são: ódio, ciúme, inveja, raiva, egoísmo, fofoca e maldade.

Jesus disse que pelos frutos se conhece a qualidade de uma árvore. Toda árvore boa dá bons frutos e a árvore má dá maus frutos. Ele nos ensinou a regra de ouro de que “não devemos fazer aos outros o que não gostaríamos que fizessem para nós.”

Se em um destes solos uma destas sementinhas germinarem entre tantas que foram semeadas, podemos dizer que valeu a pena e que a pesquisa atingiu seu objetivo e foi realizada com sucesso, pois fomos além e criamos com o Ensino Religioso um espaço dentro da escola de relacionamentos, de respeito, de oportunidades e de diálogo, na compreensão do sagrado no cerne das experiências religiosas na vida de cada membro desta comunidade escolar.

Certamente só foi possível realizar essa pesquisa-ação na escola porque houve uma receptividade muito grande por parte da equipe diretiva e da supervisão escolar com apoio desde o primeiro momento da apresentação do projeto.

As hipóteses foram assertivas, pois uma escola que respeita o pertencimento religioso de cada um de seus estudantes e desvenda a mandala das religiões, dentro de seus muros escolares, valorizando suas tradições religiosas, terá diálogo inter-religioso e alteridade inseridos em seu cotidiano.

Se os e as estudantes vivenciarem o diálogo inter-religioso em sala de aula, terão respeito à alteridade fora dos muros escolares.

O Ensino Religioso é um componente curricular de pouco respeito dentro da escola e foi desvelado, passando a ser valorizado com igual importância aos demais componentes curriculares.

O componente curricular Ensino Religioso, a partir da Feira das Religiões, recebeu um novo olhar por parte de profissionais atuantes em outros componentes curriculares.

A Feira das Religiões deu mais visibilidade para religiões até então discriminadas na comunidade escolar.

Portanto, ter como objeto de estudo a escola foi uma possibilidade de relatar uma experiência multicultural para além da teoria, isto é, uma ação reveladora de potenciais multiculturais que foram capazes de incentivar outras pessoas e instituições a desafiarem os diversos tipos de preconceitos existentes na sociedade.

Entendemos, pois, que não é possível esgotar o assunto, contudo, foi possível levantar questões e reflexões que remeteram a novos estudos na busca de uma sociedade mais justa, tolerante e igualitária. Espera-se que esta não seja a conclusão, antes sim um ponto de partida para outros debates e intervenções pedagógicas junto às comunidades escolares do Município de Sapucaia do Sul/RS.

REFERENCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 12. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007. (Série Pedagógica)

ATLAS nacional do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Ed. Plano, 2002.

BARROS, Marcelo. *O Sonho da Paz - A Unidade nas Diferenças: Ecumenismo Religioso e o Diálogo entre os Povos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagôa*. Salvador: Companhia Editora Nacional, 1978.

BOFF, Leonardo. Prólogo. In: TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 17. ed. Petrópolis: Editora Vozes, volume I, 2002.

BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Ensino Religioso na Escola: bases, experiências e desafios*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: 1996.

_____. *Constituição do Brasil 1988*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

_____. *Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília-DF, 2015.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual.* Brasília, 1997.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.* Petrópolis: Vozes, 2008.

CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos (Orgs.). *Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação.* Porto Alegre: Ideal, 2013.

CERVEIRA, Mirian. Disciplina De Ensino Religioso Como Dever Ou Como Prazer In: WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do Ensino Religioso na escola.* São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2007. p. 238.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Nos Labirintos da Moral.* Campinas: Papyrus, 2005.

CRUZ, Therezinha Motta Lima da. Vivências metodológicas do Ensino Religioso: a aventura de fazer perguntas. 2003. *Anais do III Fórum Estadual de Ensino Religioso,* Porto Alegre, 2003.

DALGALARRONDO, Paulo. Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 208. Apud CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões,* São Paulo, Ano III, nº 7, maio/2010.

DISKIN, Lia. *Ética, valores humanos e transformação.* 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDWARDS, Paul. *“Deus e os filósofos” em Honderich.* The Oxford Companion to Philosophy, Oxford University Press, 1995.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

FOLLMANN, José Ivo. Ética e tradições religiosas. *Mundo Jovem*. Porto Alegre, ano 48, n. 407, p. 11, jun. 2010.

FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

_____. Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7. *Capacitação para um novo milênio*. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana. Curitiba: Ave Maria, 2000.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

FREITAS Assunção, M. T. *Vygotsky e Bakhtin*. Psicologia da educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 2007.

FROMM, Erich. *The Art of Loving*. Londres, Thorsons (1957), 1995.

GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GEFFRÉ, Claude. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Diálogo de pássaros - nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. In: Silva, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRUEN, W. *O Ensino Religioso nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*. São Paulo: Paulus, 1995, n. 28.

JORNAL *Vale do Sinos*, 21 de outubro de 2015.

JUNQUEIRA, Sérgio. *O desenvolvimento da experiência religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KLEIN, Remí, BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Ensino Religioso: diversidade e identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no processo educativo-religioso. *Interações - cultura e comunidade*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 318-328, jul./dez.2013.

KÜNG, Hans. O islamismo: rupturas históricas – desafios hodiernos. *Concilium*, v. 313, n. 5, 2005.

LIBANIO, João Batista. *A Religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LUZ, Marco Aurélio. *Agabá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. Salvador: Edufra, 2013.

_____. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador: Edufra, 2008.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras*. Teologia e Literatura em Diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MANDELA, Nelson. *Autobiografia de Nelson Mandela: Um longo caminho para a liberdade*. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

MIEHL, Melanie. *O que é Islão? Perguntas e respostas*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MIRANDA, Mário França de. O pluralismo religioso como desafio e chance. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 55, n. 218, p. 323-337, 1995.

OGUM, Fernando de. *Candomblé, culto aos Orixás*. Salvador: Companhia Editora Nacional, 2014.

ORTBERG, John. *Fé e Dúvida*. São Paulo: Ed. Vida, 2006.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Paris: Albin Michel, 1998.

PESSANHA, José Américo Motta. *Platão: as Várias Faces do Amor*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2009.

PLANTINGA, Alvin Carl. *Warranted Christian Belief*. New York: Oxford University Press, 2000.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Paraná, 1980.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *O Diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

READ, H. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REZENDE, José. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

SANTOS, Jonathah F. *O Culto no Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1986.

SCHLÖGL, Emerli. *Não basta abrir as janelas: o simbólico na formação do professor*. Dissertação de Mestrado, PUC/PR, 2005.

SCHMIDT, Hans-Peter. *Schicksal – Gott – Fiktion*. Die Bibel als literarisches Meisterwerk. Paderborn: Schöningh, 2005.

SERRANO, G. P. *Educação em Valores: como educar para a democracia*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, V. (Org.). *Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: Identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

STRECK, Gisela Isolde Waechter. A função da família na educação religiosa de crianças e adolescentes. *Estudos Teológicos*, v. 55, n. 1, jan./jun., 2015.

_____. *Ensino Religioso com adolescentes: em escolas confessionais Luteranas da IECLB*. 2000, 337 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000.

SWINBURNE, R. G. "God" in *Honderich*. The Oxford Companion to Philosophy, Oxford University Press, 1995.

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

_____. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

_____. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

UEPA - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ - Licenciatura em Ciências da Religião – Professor de Ensino Religioso em entrevista para NOVA ESCOLA. São Paulo: Editora Abril, 2013.

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. James Currey Publishers, 1985.

WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2011.

WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador*. Escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZYGMUNT, Bauman. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

APÊNDICE 1



ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA JOÃO DE BARRO

Rua Trajano Proença de Abreu, 134 • fone/fax (051) 34534550

CEP 93228-300 • Nova Sapucaia • Sapucaia do Sul • RS

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE MESTRADO

1. Em qual ano você está estudando em 2015?
a) 6º ano () b) 7º ano () c) 8º ano () d) 9º ano ()
2. Qual seu sexo?
a) Feminino () b) Masculino ()
3. Qual sua idade? _____
4. Qual sua religião? _____
5. Você gostou de participar da Feira das Religiões?
a) sim () b) não () c) pouco ()
6. Você acha que foi importante para os alunos participarem da Feira das Religiões?
a) sim () b) não () c) pouco ()
7. Após conhecer várias Religiões, você acha que só a sua é a certa?
a) sim () b) não () c) talvez ()
8. Você conheceu as Religiões de seus colegas, você acha que elas também são certas?
a) sim () b) não () c) talvez ()
9. Você frequenta a sua Religião semanalmente?
a) sim () b) não () c) talvez ()
10. Com qual frequência você vai a um local sagrado religioso?
a) uma vez por semana () b) uma vez por mês ()
c) somente em datas comemorativas/especiais ()
11. Você gostou de ver todas as Religiões apresentando-se na Feira das Religiões?
a) sim () b) não () c) talvez ()
12. Você gostou de ver somente a sua Religião apresentando-se na Feira das Religiões?
a) sim () b) não () c) talvez ()
13. Conforme estudamos em sala de aula, você acha interessante cada pessoa poder escolher a sua Religião?
a) sim () b) não () c) talvez ()
14. Você acha que seria melhor ter somente uma Religião oficial no Brasil?
a) sim () b) não () c) talvez ()
15. Você achou bom estudar diversas Religiões que são cultuadas no Brasil?
a) sim () b) não () c) talvez ()
16. Você acha que deveria estudar somente a sua Religião?

a) sim () b) não () c) talvez ()

17. Você tem medo de estudar e conversar sobre outras Religiões que não seja a sua?

a) sim () b) não () c) um pouco ()

18. Durante a feira das Religiões você sentiu medo de ir à banca de alguma Religião?

a) sim () b) não () c) um pouco ()

19. Você já visitou outra Igreja, Templo, Sinagoga ou Terreiro de outra Religião que não é a sua?

a) sim () b) não () c) talvez ()

20. Você tem vontade de visitar outra Igreja, Templo, Sinagoga ou Terreiro de outra Religião que não é a sua para conhecer melhor?

a) sim () b) não () c) talvez ()

21. Você acha que é importante o livre-arbítrio, ou seja, termos liberdade de escolha?

a) sim () b) não () c) talvez ()

22. Você acha que seria melhor não termos liberdade de escolha e o Governo definir e escolher todas as coisas por nós?

a) sim () b) não () c) talvez ()

23. Você gostou de participar da Feira das Religiões, quando se formou uma Mandala das Religiões, onde todas as Religiões tiveram oportunidade de dialogarem e se respeitarem?

a) sim () b) não () c) talvez ()

24. Você acha que foi importante realizar dentro da escola uma Feira das Religiões onde houve uma Mandala das Religiões com diálogo e alteridade?

a) sim () b) não () c) talvez ()

25. Sua Religião é de herança?

a) sim () b) não () c) não sei ()

26. Alguém de sua família é da mesma Religião que você?

a) Pai () b) Mãe () c) outro parente ()

27. Você que escolheu sua Religião?

a) sim () b) não () c) não sei ()

28. Após conhecer outras Religiões na Feira das religiões o que você pensava sobre elas mudou?

a) sim () b) não () c) () talvez

29. Você acredita que a Religião de uma pessoa determina se ela é boa ou má?

a) sim () b) não () c) talvez ()

30. Você evita aproximar-se de pessoas que tenham Religiões diferentes da sua?

a) sim () b) não () c) talvez ()

APÊNDICE 2



ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA JOÃO DE BARRO

Rua Trajano Proença de Abreu, 134 • fone/fax (51) 34534550
CEP 93228-300 • Nova Sapucaia • Sapucaia do Sul • RS

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, CPF nº _____,
Responsável pelo(a) aluno (a) _____ da
turma _____, autorizo o uso da fala e da imagem do mesmo para matérias de
divulgação de Feira das Religiões realizada na escola e na dissertação de Mestrado
da Professora Mirian Rejane Flores Cerveira.

APÊNDICE 3

Entrevista com Secretário da Educação do Município de Sapucaia do Sul.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Mestrado Acadêmico em Teologia

Área de Concentração: Religião e Educação

Linha de Pesquisa: Fenômeno Religioso e Práxis Educativa na América Latina

Mestranda: Mirian Rejane Flores Cerveira

Orientador: Remí KLein

Para dar continuidade ao meu projeto de pesquisa intitulado:

“O DESVENDAR DA MANDALA RELIGIOSA, ATRAVÉS DO DIÁLOGO INTERRELIGIOSO.”

Faz-se necessário uma entrevista com Sr. Secretário da educação do Município de Sapucaia do Sul/RS, Sr. Luciano Rodrigues, o qual me recebeu em seu gabinete, no dia 11/11/2015 às 14h.

Esta entrevista tem o intuito de aproximar a parte teórica administrativa, das praticas pedagógicas realizadas na Escola de Ensino Básico João de Barro do Município de Sapucaia do Sul/RS, onde atuo como professora concursada para o componente Curricular de Ensino Religioso.

Perguntamos ao Sr. Secretário da Educação: Segundo a Lei de Diretrizes e Bases e agora ainda mais recente com o Documento da Base Nacional Comum Curricular, a educação tem um novo olhar: Formar o cidadão completo; corpo/mente/espírito. Nesse sentido, o componente de Ensino Religioso, exerce um papel relevante, sendo um dos componentes curriculares nacionais já validados pela legislação brasileira, conforme podemos observar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – mais especificamente o artigo 33 que destaca a importância da temática referente à diversidade religiosa.

“O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.”

1. O Município de Sapucaia do Sul está cumprindo a Legislação?

Sim

2. Por quê?

Porque se trata do cumprimento á Legislação Nacional da Educação.

3. A partir de quando o Município de Sapucaia do Sul teve compreensão da importância do cumprimento da mesma?

Nessa perspectiva, a Resolução CEB/CNE nº 2/1998 incluiu o Ensino Religioso como uma das áreas de conhecimento da BNC. Essa determinação foi ratificada pelas Resoluções CNE/CEB nº 4/2010 e nº 7/2010, que mantiveram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos. No documento do MEC da Base Nacional Comum Curricular.

A compreensão deu-se a partir da interpretação da Legislação, e da necessidade de tomarmos as medidas necessárias para cumpri-la, o que se deu por meio da realização de concurso público prevendo vagas para o cargo de professor de Ensino Religioso.

4. Como o Sr. Secretário da Educação se sente, tendo sido o Município de Sapucaia do Sul, um dos primeiros Municípios da Região metropolitana a cumprir com a Legislação referente a ter professores de Ensino Religioso concursados para esta área específica de conhecimento?

Os Conselhos Estaduais de Educação estabeleceram as normas para habilitação e admissão de professores de Ensino Religioso:

Deve fazer parte do quadro permanente do magistério federal/estadual ou municipal;

Ser portador de diploma de licenciatura em Ensino Religioso. Caso não existam profissionais devidamente licenciados, o sistema de ensino poderá preencher os cargos de professores com profissionais portadores de diploma de especialistas em Ensino Religioso (mínimo de 360 h/a), desde que seja portador de diploma em outra licenciatura; bacharéis na área da religiosidade, com complementação exigida pelo MEC, desde que tenha cursado disciplina na área temática de Teologia Comparada, no total de 120 h/a; Demonstrar capacidade de atender a pluralidade cultural e religiosa brasileira, sem proselitismo; comprometer-se com os princípios básicos da convivência social e cidadania, vivenciando a ética

própria aos profissionais da educação; apresentar domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.

É compromisso da Secretaria municipal de Educação cumprir a legislação vigente, pois o funcionamento da educação está pautado em normas nacionais que devem ser cumprida, sem exceções, se não temos o profissional específico vamos suprir a demanda com outro profissional, até este estar em nosso quadro.

5. No concurso realizado em 2011, foram oferecidas vagas suficientes para a demanda de professores de Ensino Religioso em todas as escolas da rede Municipal de Sapucaia do Sul?

O concurso Público para a educação leva consideração as necessidades vigentes, acreditamos que a previsão se deu em consideração a realidade e a necessidade daquele momento que pode ser diferente do momento atual.

Da mesma forma que, havendo novo concurso, um estudo da realidade e das necessidades será realizado, com vistas a previsão do número de cargos a serem criados.

6. Existe alguma escola da rede Municipal de Sapucaia do Sul que ainda não possui professor especializado para ministrar o componente curricular de Ensino Religioso?

Atualmente, os professores que possuem habilitação para a área de ensino religioso estão bem escassos, os que passaram no concurso foram nomeados e estão atuando na regência de classe. Na falta de professor, ocorre os contratos a título precário, cuja a habilidade exigida é a mesma do concursado e ainda na falta deste outro professor assume a disciplina, mas não deixamos nossas escolas com falta deste componente curricular.

7. Se a resposta do item acima for positiva, profissional de qual área de ensino está ministrando esse componente curricular?

Um professor que tiver disponibilidade em sua carga horária.

8. Se na rede Municipal de Ensino de Sapucaia do Sul, é permitido professor de outra área de ensino lecionar a disciplina de Ensino Religioso, é também permitido a um professor concursado para lecionar a disciplina de Ensino Religioso, lecionar outra disciplina que não a sua área de concurso?

Não. Faltando professor, e não havendo banca de concurso, será oferecida jornada suplementar ao professor concursado da área, ou se rá realizado contrato emergencial, cuja habilitação exigida é a mesma do concursado.

9. Existe previsão para novo concurso ainda neste mandato de governo?

Quanto à previsão de concurso, não recebemos nenhuma informação de quando ocorrerá.

10. Havendo novo concurso, o componente curricular de Ensino Religioso será contemplado?

Como já falei, será feita análise, mas creio que serão contempladas todas as áreas de ensino, pois estamos com falta de profissionais em todas.

11. Dia 20/10/2015, realizou-se uma feira na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, intitulada FEIRA DAS RELIGIÕES, a qual o Sr. Secretário da Educação abrilhantou com sua presença, o que o Sr. Achou deste evento?

A Feira das Religiões, realizada na Escola Municipal de Ensino Básico João de Barro, foi muito significativa, pois tivemos a oportunidade de conhecer e reconhecer o trabalho construído no dia a dia da escola, pela culminância que se deu. Foi uma feira ousada, nunca vi nada neste sentido que tratasse todas as religiões e seus praticantes com igual importância, acho que vai ser muito útil ao combate da intolerância e ao respeito ao próximo.

12. O Sr. Secretário da Educação, Sr. Luciano Rodrigues, acha que o evento deve se repetir ou não?

Eventos como este de uma Feira das Religiões, devem ocorrer em todas as escolas, podemos pensar em fazer este evento a nível de Secretaria Municipal de Educação, proporcionando inclusive a participação de outros segmentos, intervindo na realidade e na sociedade como um todo. O conhecimento ganha outra dimensão pela sua publicação.

13. Por quê?

A socialização das experiências proporciona ao professor e ao aluno uma nova visão. Ao expor os seus trabalhos recebem o reconhecimento e a crítica, e ambos, encaminham para o amadurecimento e a novos desafios.

O conhecimento socializado se enriquece e atinge a finalidade da multiplicação.

Parabéns pela coragem e pela ousadia.

ANEXO 1

Carta da Câmara de Vereadores de Sapucaia do Sul.



CAMARA DE VEREADORES DE SAPUCAIA DO SUL
Av. Assis Brasil, 51 – Centro – CEP: 93.220.050 -Sapucaia do Sul – RS
Fones: 51.3474.1887 / 3474.1226 – Fax: 51.3474.1081

Ofício nº 1747/15-DL

Sapucaia do Sul, 21 de outubro de 2015.

Excelentíssimo Senhor Prefeito:

Dirigimo-nos a Vossa Excelência, para comunicar que este Poder Legislativo, em Sessão Plenária Ordinária, realizada no dia 20 do corrente, aprovou por unanimidade, com associação do Vereador Dr. Link, **REQUERIMENTO VERBAL** de autoria do Vereador **EDSON LUIZ PORTILHO (Prof. Edson) – PT**.

Em seu requerimento, o autor com o apoio do Edil que o secundou, parabeniza pela realização da Feira de Religiões realizada na EMEF João de Barro. Desde o início do ano, os estudantes do 6º ao 9º ano da professora Miriam Flores de ensino religioso começaram o trabalho de pesquisa que culminou com as 18 religiões.

Sem mais para o momento, aproveitamos para reiterar votos de estima e consideração.

Atenciosamente,


AVELINO MAZZUCHELLO
(Avelino Barbeiro)
Vereador Secretário


JOSÉ CARLOS DUTRA DOS SANTOS
(Caco)
Vereador Presidente


EDSON LUIZ PORTILHO
(Prof. Edson)
Vereador Autor

Exmo. Sr.
VILMAR BALLIN
DD. Prefeito de
SAPUCAIA DO SUL – RS

ANEXO 2



CAMARA DE VEREADORES DE SAPUCAIA DO SUL
Av. Assis Brasil, 51 – Centro – CEP: 93.220.050 -Sapucaia do Sul – RS
Fones: 51.3474.1887 / 3474.1226 – Fax: 51.3474.1081

Ofício nº 1749/15-DL

Sapucaia do Sul, 21 de outubro de 2015.


Ilustríssimo(a) Senhor(a):

Dirigimo-nos a Vossa Senhoria, com o objetivo de encaminhar fotocópia anexa de nosso ofício nº 1747/15-DL, endereçado ao Prefeito Municipal **VILMAR BALLIN**, transmitindo **REQUERIMENTO VERBAL** de autoria do Vereador **EDSON LUIZ PORTILHO (Prof. Edson) – PT.**, formulado na Sessão Plenária Ordinária, realizada no dia 20 do corrente.

Sem mais para o momento, aproveitamos para reiterar votos de estima e consideração.

Atenciosamente,


AVELINO MAZZUCHELLO
(Avelino Barbeiro)
Vereador Secretário


JOSÉ CARLOS DUTRA DOS SANTOS
(Caco)
Vereador Presidente

À Direção da EMEF João de Barro
SAPUCAIA DO SUL- RS

ANEXO 3



CAMARA DE VEREADORES DE SAPUCAIA DO SUL
Av. Assis Brasil, 51 – Centro – CEP: 93.220.050 -Sapucaia do Sul – RS
Fones: 51.3474.1887 / 3474.1226 – Fax: 51.3474.1081

Ofício nº 1619/16-DL

Sapucaia do Sul, 23 de novembro de 2016.

À Escola Municipal João de Barro:


Dirigimo-nos a Vossa Senhoria, para comunicar que este Poder Legislativo, em Sessão Plenária Ordinária realizada no dia 22 do corrente, aprovou por unanimidade, com associação do Vereador Nelson, **REQUERIMENTO VERBAL** de autoria do Vereador **LUCIANO RODRIGUES - PT**.

Em seu requerimento, o autor com o apoio do Edil que o secundou, em nome do Diretor Lairton Kaeper, a Vice Diretora Tatiane Lopes e a Coordenadora Miriam Rejane Flores Cerveira, parabenizam toda a comunidade escolar pelo evento "Feira das Religiões", realizada no dia 22 de Novembro.

Sem mais para o momento, aproveitamos para reiterar votos de estima e consideração.

Atenciosamente,


AVELINO MAZZUCHELLO
(Avelino Barbeiro)
Vereador Secretário


JOSÉ CARLOS DUTRA DOS SANTOS
(Caco)
Vereador Presidente


LUCIANO RODRIGUES
Vereador Autor

À Escola Municipal João de Barro
SAPUCAIA DO SUL – RS
TR